

Samuel B. Belk

**A MEMÓRIA E A HISTÓRIA DO “SHTEITL” NA
CANÇÃO POPULAR JUDAICA**

**Dissertação apresentada na área de Língua Hebraica,
Literatura e Cultura Judaicas da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
para obtenção de título de mestre, sob a orientação do Prof.
Dr. Izidoro Blikstein.**

São Paulo

2003

“ Folclore geralmente reflete a vida e os hábitos de um povo, da mesma maneira que as canções populares ídiche são um reflexo da vida judaica numa forma lírica..”

Eleonor Gordon Mlotek*

* Etnomusicóloga e folclorista. Arquivista de música do Instituto *YIVO* de Pesquisa Judaica. Autora de inúmeras pesquisas sobre a canção popular ídiche. Recebeu pelos seus trabalhos diversos prêmios, entre outros, da Fundação Nacional de Cultura Judaica e do Instituto de Arte Popular do *YIVO*.

A MEMÓRIA E A HISTÓRIA DO “SHTEITL” NA CANÇÃO POPULAR JUDAICA

SUMÁRIO

| | |
|----------------------------|----|
| I-Agradecimentos | 07 |
| II-Resumo | 09 |
| III-Abstract..... | 10 |
| IV-Índice das figuras..... | 11 |

INTRODUÇÃO

1-Origem, objetivos e plano do trabalho

| | |
|------------------------------------------|----|
| 1.1- A origem do trabalho | 12 |
| 1.2- Objetivos e plano de trabalho | 15 |

2-Teoria e método

| | |
|---------------------------------------------------|----|
| 2.1- Semiótica e História | 18 |
| 2.2- Considerações sobre a tradução | 19 |
| 2.3- Critérios utilizados na transliteração | 23 |

CAPÍTULO 1- A DIÁSPORA JUDAICA

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 1.1- Da dispersão provocada pelos romanos, após a destruição do Segundo Templo, ao Distrito de Residência. | 27 |
| 1.2- A vida dos judeus no Distrito de Residência, sob a opressão dos czares russos..... | 37 |
| 1.3- O pogrom de Kishinev | 49 |
| 1.4-Grafico comparativo entre a vida dos poetas, cujas biografias são apresentadas neste trabalho, e a regência dos czares da família Romanov..... | 52 |

CAPÍTULO 2- AS BIOGRAFIAS DOS POETAS E SUAS CANÇÕES

1-AS BIOGRAFIAS

| | |
|------------------------------------------|----|
| 2.1.1-Abraham Reisen..... | 54 |
| 2.1.2- Itzik Manger | 58 |
| 2.1.3- Mordco Gebirtig..... | 65 |
| 2.1.4- Mark Warshavsky | 69 |
| 2.1.5- I.L.Peretz (Itzhok Leibush) | 72 |
| 2.1.6- Chaim Nachmen Bialik..... | 77 |
| 2.1.7- David Edelstadt | 80 |

2-AS CANÇÕES

| | |
|-------------------------------------------------|-----|
| 2.2.1- Tzum hemerl..... | 84 |
| 2.2.2- Melchume..... | 86 |
| 2.2.3- Dos gebet..... | 87 |
| 2.2.4- Di vant..... | 88 |
| 2.2.5- Dos naie lid..... | 89 |
| 2.2.6- Umetik..... | 90 |
| 2.2.7- In vaitste lender..... | 91 |
| 2.2.8- A kind a goldene..... | 92 |
| 2.2.9- Mai ko mash- me lon?..... | 93 |
| 2.2.10- Du fregst..... | 94 |
| 2.2.11- Oifn veg shteit a boim..... | 96 |
| 2.2.12- Idl mitn fidle..... | 98 |
| 2.2.13- Fastrigsa shikt a grus mit a foigl..... | 99 |
| 2.2.14- Yossl Ber..... | 101 |
| 2.2.15- Ovnt Lid..... | 102 |
| 2.2.16- Dos lid fun di goldene pave..... | 103 |
| 2.2.17- A foigl hot haint, Malkale..... | 105 |
| 2.2.18- Baim taichele..... | 107 |
| 2.2.19- Ch'vil nit aza chusn..... | 109 |
| 2.2.20- Draí techterlech..... | 111 |
| 2.2.21- Moishela main fraind..... | 113 |
| 2.2.22- Shifrele's portret..... | 116 |
| 2.2.23- Yankele..... | 117 |
| 2.2.24- Dos lid fun goldenem land..... | 119 |
| 2.2.25- Huliet, huliet kinderlech | 120 |
| 2.2.26- Kinder yorn | 121 |
| 2.2.27- Kum Leibke tantznn..... | 123 |
| 2.2.28- Di zun is farganguen..... | 125 |
| 2.2.29- Mótele | 127 |
| 2.2.30- Noch a glesl tei..... | 129 |

| | |
|----------------------------------------|-----|
| 2.2.31- Reizele..... | 130 |
| 2.2.32- Hunguerik dain ketzele..... | 132 |
| 2.2.33- Main iubil..... | 133 |
| 2.2.34- Arbetloser marsh..... | 134 |
| 2.2.35- Der zinguer fun noit..... | 135 |
| 2.2.36- Dos lid fun broit..... | 137 |
| 2.2.37- Dem milners trenn..... | 139 |
| 2.2.38- Di mesinke oisgegebn..... | 141 |
| 2.2.39- Sore un Rivke..... | 143 |
| 2.2.40- Achtzik er um zibetzik zi..... | 145 |
| 2.2.41- Der fodem..... | 146 |
| 2.2.42- Di mechetunem geien..... | 148 |
| 2.2.43- Der alef beis..... | 149 |
| 2.2.44- Di drai neitorim..... | 152 |
| 2.2.45- Hof um gleib..... | 153 |
| 2.2.46- Di verbe..... | 155 |
| 2.2.47- In dem land fun piramidn..... | 157 |

CAPÍTULO 3- ANÁLISE SEMIÓTICA DE CANÇÕES

| | |
|----------------------------------------|-----|
| 3.1- Zog maran..... | 159 |
| 3.2- Ich um di velt..... | 162 |
| 3.3- Shvimt dos kestl oifn taich | 163 |
| 3.4- Taiere Malke..... | 167 |
| 3.5- Dos freilech shnaiderl | 170 |
| 3.6- Rabeinu Tam | 173 |
| 3.7- Undzer shteitl brent | 177 |
| 3.8- Avreiml Marvicher..... | 181 |

CAPÍTULO 4- O FIM DO “SHTEITL” E AS CANÇÕES DO GUETO

| | |
|-------------------------------------|-----|
| 4.1- Ysrolik..... | 191 |
| 4.2- An ídiche kind | 193 |
| 4.3- Di broit farkoifern..... | 196 |
| 4.4- Dos transport ingle..... | 198 |
| 4.5- Jeder ruft mich Zámele..... | 200 |
| 4.6- Varshe..... | 201 |
| 4.7- A naier bafel (A reação) | 202 |

CAPÍTULO 5- CONCLUSÃO..... 203

CAPÍTULO 6- BIBLIOGRAFIA 204

CRÉDITOS 208

GLOSSÁRIO..... 210

ANEXO A-Catálogo de 600 Músicas Judaicas

ANEXO B- CD de música popular—Letra original, tradução, transliteração e partitura das canções.

I-AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer à Prof^a Dra Rifka Berezin, a quem apresentei, por insistência de alguns amigos, o trabalho de coleta e pesquisa sobre a canção popular judaica, que vinha realizando havia alguns anos, e que me aconselhou a fazer o curso de pós-graduação na área de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas. Para mim foi um desafio, uma vez que vinha de uma área completamente diferente, a engenharia, com dois cursos completos e muitas atividades, entre elas até aulas de pós-graduação em Higiene, Segurança e Medicina do Trabalho, em Faculdades de Medicina e Engenharia, porém há muito tempo fora da Universidade.

Aos meus professores do curso de pós-graduação que freqüentei: Prof. Dr. Andrea Lombardi, (Primo Levi, Resistência, Ironia e Representação), Prof^a. Dra. Ruth Leftel (História do Período Bíblico) e Prof^a. Hadasa Cytrynowicz (Curso de Língua Ídiche), cujas aulas ainda freqüento, e que enriqueceram os meus conhecimentos para a realização do presente trabalho.

Evidentemente um agradecimento especial devo ao professor Izidoro Blikstein que, com seus dois cursos, Semiologia do Nazismo-Os vizinhos de Hitler e Semiótica do Discurso Racista e Totalitário, abriu-me um campo inteiramente novo na análise dos textos literários e poéticos, importante para o meu trabalho e, ao mesmo tempo, meu orientador na dissertação deste tema bastante difícil e um tanto inédito.

Às professoras Dra Ana Szpiczkowski, minha entrevistadora, para ser aceito no curso de pós-graduação e quase minha orientadora e Dra Nancy Rozenchan, pelos conselhos e orientações delas recebidos.

À minha filha Silvia, pela orientação dada, na técnica de elaboração de dissertações de mestrado, antes mesmo de ter conseguido as *Diretrizes para Apresentação de Dissertações e Teses* da Escola Politécnica da USP.

Ao meu neto Renato, pelas aulas de informática “nas suas horas vagas”, que me permitiram montar o presente trabalho, pela elaboração do gráfico comparativo entre a vida dos poetas e a regência dos czares.(Figura 8) e pelas soluções gráficas dadas às ilustrações.

À minha colega Lea Baran pela revisão da transliteração e tradução das canções e à professora Maria Nair Moreira Rebelo pela revisão geral da dissertação.

A todos os meus amigos e colegas da pós-graduação, que me estimularam na realização deste trabalho, em especial à minha colega Anna Rosa, pelas sugestões dadas, e à minha mulher Rebeca, que me suportou por muito tempo, perdendo por minha causa muitos filmes, peças teatrais e concertos importantes.

II-RESUMO

Neste trabalho procurei retratar resumidamente a diáspora judaica, desde a destruição do Segundo Templo até a expulsão dos judeus da Europa cristã, culminando com o seu refúgio no leste europeu, especialmente na Polônia e Lituânia. Estes dois reinos, que foram unificados em 1569, passaram para o total domínio russo em 1815. Nesta ocasião os judeus ficaram sujeitos aos novos mandatários e foram confinados no assim chamado *Distrito de Residência*, em algumas cidades e em aldeias denominadas de *shteitlach*, na Europa Oriental.

Em seguida, apresentei a biografia de alguns poetas populares que viveram nessa região onde houve um enorme desenvolvimento cultural e literário da língua ídiche. (século XIX e começo do século XX).

Eles foram especialmente escolhidos por seus trabalhos, que resultaram em canções populares, as quais se espalharam pelo mundo judaico, levando as mensagens do judeu dos *shteitlach* da Europa Oriental do seu modo de vida, de sua religiosidade, seus dramas, as perseguições sofridas e também suas alegrias e suas esperanças.

Seguem-se quarenta e sete canções transliteradas e traduzidas para o português, bem como algumas delas devidamente comentadas. Depois, sete canções são analisadas com base na lingüística e semiótica, revelando fatos históricos do povo judeu.

O capítulo 4, “O fim do *shteitl* e as canções do gueto”, com sete canções, retrata o inferno vivido pelos judeus europeus durante a Segunda Guerra Mundial, que se encerra com o bárbaro assassinato de seis milhões de judeus pelos nazistas, marcando quase que em definitivo, o final da literatura poética em língua ídiche.

Por fim, uma vasta bibliografia, os créditos relativos às ilustrações utilizadas, bem como um glossário, para melhor entendimento do texto.

São apresentados também dois anexos: no Anexo A, o catálogo de seissentas músicas judaicas e, no Anexo B, um CD com diversas canções em ídiche.

III-ABSTRACT

I tried to portray, concisely, the Jewish Diaspora from the destruction of the Second Temple till the expulsion of the Jews from Christian Europe, that obliged them to be refuge in the western Europe specially in Poland and Lithuania. Both Kingdoms were unified in 1569 and after annexed to the Russian Empire in 1815 that forcing the Jews to live in Pales and inside villages called *shteitlach*, in Oriental Europe.

In the sequence I presented some popular poets biographies, specially chosen by their work, which resulted in popular songs that spread through out the jewish world and showed their way of life, their religiosity, their dilemmas, their persecutions, their happiness and their dreams.

Forty-seven songs transliterated and translated to Portuguese (some of that properly commented) are presented. Also seven songs analyzed using linguistics and semiotics methods, from which emerge historical facts of the Jewish people.

The Fourth Chapter: “The end of the Shteitl and the Ghetto’s Songs,” containing seven songs, portrays the Holocaust of the Second World War, the murder of six million Jews, which led to the Yiddish poetic literature ending.

Finally., there are a large bibliography, credits to the illustrations, and a Glossary, for a better understanding of the text.

There are, also, two enclosures:

In Enclosure A: A Six-hundred Jewish Songs Catalog.

In Enclosure B: A CD containing some Yiddish songs.

IV-ÍNDICE DAS FIGURAS

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------------|--------------|
| Fig. 1- Eixo de dispersão dos judeus nos limites do Império Romano | 28 |
| Fig. 2- Comunidades judaicas entre o Islã e Bizâncio | 29 |
| Fig. 3- As expulsões e a grande migração de judeus para o Leste Europeu | 30/31 |
| Fig. 4- A fuga de judeus para o Leste Europeu entre os anos 1000 e 1600 DC | 33 |
| Fig. 5- As partições da Polônia e o Distrito de Residência | 34 |
| Fig. 6- Os judeus da Rússia (1545-1835) | 47 |
| Fig. 7- Pogroms e perseguições na Rússia | 48 |
| Fig. 8- Grafico e quadro comparativo | 52 |
| Fig. 9- Um sapateiro judeu na cidade de Falenitz, perto de Varsóvia | 85 |
| Fig. 10- No caminho há uma árvore | 97 |
| Fig. 11- A canção do pavão de ouro. | 104 |
| Fig. 12- O casamento | 112 |
| Fig. 13- Um <i>cheider</i> em Dlugeshedle, província de Grodne | 115 |
| Fig. 14- Anos de infância | 122 |
| Fig. 15- Reizele | 131 |
| Fig. 16- Um alfaiate judeu | 172 |
| Fig. 17- Nosso povoado arde | 180 |
| Fig. 18- Cartão postal: jovem fumando | 183 |
| Fig. 19- Rua principal de Tshechenove, província de Varsóvia | 184 |
| Fig. 20- Aniquilação de judeus pelos nazistas, (1939-1945) | 189 |

INTRODUÇÃO

1- Origem, objetivos e plano do trabalho

1.1- A origem do trabalho

Inicialmente trabalhei durante muitos anos, na área de Engenharia Civil, com projetos de concreto armado, instalações elétricas, instalações hidráulicas e construção de edifícios.

Em seguida, atuei na área de Engenharia de Segurança, como engenheiro-chefe da Divisão de Segurança e Medicina, da Secretaria do Trabalho do Estado de São Paulo e, posteriormente, como diretor. Nesta atividade, entre outras funções fui encarregado de preparar material didático para os cursos de Prevenção de Acidentes na área da Construção Civil, promovidos pela Divisão.

Estavam em voga, nessa época, as canções de Chico Buarque de Holanda e de outros compositores populares. Duas de suas canções encaixavam-se perfeitamente em meu projeto: *Pedro Pedreiro* e *A Construção*, pois elas despertavam a atenção para as condições inadequadas de trabalho dos operários da construção civil, constituindo o reflexo de uma triste realidade brasileira da época.

Inspirado nessas duas canções elaborei uma história em quadrinhos, sob o título homônimo, *A Estória de Pedro Pedreiro*, que constituiu um livreto básico das regras de segurança que deveriam ser adotadas nesta importante área de atividades, em que era grande o número de acidente e de mortes. Na preparação desse material didático que me foi solicitado, descobri a importância da canção popular.

Em determinada época, estive em uma livraria de Buenos Aires, à procura de um livro de engenharia. Na mesma prateleira onde se podia achar o livro procurado, vi um volume de capa preta com inscrições em língua ídiche. Numa das páginas, aberta

ao acaso, encontrei uma canção acompanhada de partitura. Adquiri o livro, movido simplesmente pela curiosidade, e ele permaneceu por muitos anos em uma das prateleiras de minha estante. Mais tarde passei a conhecer Mordco Gebirtig, o autor desse livro, considerado o maior poeta popular judeu polonês, um poeta trovador que passou a ser o meu ídolo.

Ao proceder à reorganização de minha biblioteca, descobri um álbum, herança de meus pais, com discos antigos de música judaica. Quando comecei a ouvir essas músicas, minha atenção foi despertada para a melodia envolvente da canção ídiche e, nessa ocasião, renasceu o meu interesse em conhecer novamente as canções que meus pais ouviam durante minha infância e juventude. Não satisfeito, quis ir além e conhecer os poetas que as tinham produzido, os músicos que compuseram suas partituras e a mensagem que traziam.

Da conjunção desses episódios, aparentemente sem ligação, nasceu minha paixão pela canção popular judaica, por meio da qual comecei a conhecer a história dos habitantes dos *shteitlach* europeus, sua vida, sua cultura e seus problemas. O livro do poeta Mordco Gebirtig, encontrado em minha estante e adquirido havia muitos anos, por acaso, abriu-me um panorama até então desconhecido.

Foi nesse livro que encontrei grande parte das canções do poeta, em ídiche, suas partituras, bem como algumas das canções, traduzidas para o castelhano.

Avreiml Marvicher (Avreiml Malandro) foi a primeira canção que chamou minha atenção para um drama que hoje existe em nossas cidades e que já se desenrolava naquela época. Nela o autor expõe a história do menino de rua, as causas deste drama, bem como sugere, pela fala do menino, indicações para eventuais soluções do problema.

Outras canções suas mostravam a visão do autor sobre a vida judaica de sua cidade, Cracóvia, onde nascera, vivera e onde foi assassinado pelos nazistas em 1942.

A partir desse ponto, então, o interesse que eu já tinha pela canção popular passou a canalizar-se especificamente, para a canção judaica. Inicialmente comecei a recordar a língua ídiche, que falava com meus pais na infância e na juventude. Estudei por algum tempo música e piano, de que não tinha nenhum conhecimento anterior, e passei a procurar e a adquirir a bibliografia e a discografia ligadas ao tema que começou a se delinear em minha mente. Com isso pude iniciar meu trabalho de pesquisa.

No Boletim Informativo do Arquivo Histórico Judaico-Brasileiro passei a publicar regularmente a biografia dos poetas selecionados, de suas canções na língua original ídiche, transliteradas e em tradução para o português, além da partitura.

O catálogo de seiscentas músicas que a seguir elaborei, facilitou-me o trabalho na seleção das canções populares. A seleção deu-se por um método objetivo: os poetas cujas canções eram mais divulgadas em livros de partituras e em discos e CDs foram os escolhidos dentro do período que defini.

A produção de programas musicais para grupos da terceira idade, como os do Clube A Hebraica de São Paulo e do Instituto Cultural Israelita-Brasileiro, durante alguns anos, serviu-me como laboratório de pesquisas.

A idéia de um Centro de Documentação de Música Judaica também surgiu. Não tive nenhuma dificuldade em realizá-lo, tendo em vista que já tinha sido diretor de um Centro de Documentação, de um órgão oficial ligado ao Ministério do Trabalho. Não tendo encontrado interesse de nenhuma entidade para sua concretização, passei a organizá-lo pessoalmente e com meus próprios recursos.

Com isso consegui reunir mais de oitenta livros relacionados com o assunto, cem fitas com canções e cerca de cento e vinte CDs, parte dos quais se encontram relacionados na bibliografia e discografia anexa ao presente trabalho, além de materiais diversos, como revistas e recortes de jornais. Muito material também foi obtido através da Internet.

Fui autodidata em Engenharia de Segurança quando ainda não havia curso específico. Depois de seu surgimento, cuja formação era de pós-graduação para alunos já graduados em engenharia ou arquitetura, passei a ser um dos professores desses cursos.

Verifiquei, porém, que nas áreas da Música, da Literatura e da História não é possível ser autodidata. Fui orientado para ingressar na pós-graduação, para ter a orientação adequada e o aval acadêmico para minha nova atividade. Minha aposentadoria na qualidade de Diretor da Divisão de Higiene, Segurança e Medicina da Secretaria do Trabalho do Estado de São Paulo e a diminuição de trabalhos em atividade privada permitiram minha progressão nessa área.

1.2- Objetivos e plano de trabalho

1.2.1- Objetivos

Mostrar a diáspora do povo judeu, após a destruição do Segundo Templo, e sua peregrinação por um grande número de países durante quase dois mil anos, seguida de opressões e perseguições, entremeadas por períodos de calma.

Essa peregrinação terminou com a emigração de uma grande população para a Europa Oriental, ao longo do século XVIII, que atingiu aproximadamente cinco milhões de judeus que se dispersaram por vários países.

Com a dominação desta região pelo império russo, esta população passou novamente por um período de mais de cem anos de longos sofrimentos, com restrições de moradia, de comércio, taxas abusivas, destruição de propriedades, expulsões de um grande número de cidades, e assassinatos programados, como o dos *pogroms*.

Nesse período desenvolveu-se uma vasta literatura em ídiche, tanto em prosa como em verso, donde resultaram as canções populares, retratando a vida, as alegrias, os sofrimentos, a religiosidade e as esperanças da população em uma vida melhor.

São exatamente dessa época, as canções populares que apresento neste trabalho.

Seguiu-se depois a tragédia do Holocausto. Os nazistas escolheram o antigo Distrito de Residência que praticamente abrangia a totalidade da Polônia onde se concentrava a maior população judaica da Europa e onde estabeleceram a quase totalidade dos campos de concentração e fornos crematórios. Nessa época foram produzidas um grande número de canções feitas pelas próprias testemunhas dos acontecimentos, verdadeiros relatos musicados de seus dramas, algumas das quais fazem parte desta dissertação.

Com o estabelecimento das democracias no mundo moderno e com a eliminação das restrições às minorias, possibilitou-se aos judeus uma vida tranquila em um grande número de países com a liberdade de seguir com seu culto e suas tradições.

Depois de um longo período de sofrimento, conseguiu-se também chegar à um porto seguro para o povo judeu, com a criação do Estado de Israel, um retorno ao ponto inicial onde se deu a origem da diáspora, provocada pelo império romano.

A análise semiótica das canções permitiu fazer o resgate de nossa cultura e parte de nossa história, desde a época bíblica até os dias de hoje.

1.2.2- Plano de trabalho

Nas canções foi usado o critério da tradução livre, sem obedecer à acentuação métrica ou à dimensão poética do texto, uma vez que, no caso, visei unicamente a mensagem do poeta.

Na transliteração das palavras do ídiche para a língua portuguesa foi seguido o *Guia Normal de Transliteração do Yivo*, com algumas adaptações e simplificações para a língua portuguesa.

Na elaboração das biografias, foi dada ênfase aos aspectos da vida social, política e religiosa dos escritores e poetas selecionados para este trabalho, bem como ao meio hostil em que viveram os judeus sob os governos dos diversos czares que se sucederam no governo russo, nos séculos XIX e XX.

Foi também dado realce para os escritores desse mesmo período, autores de alguns trabalhos poéticos importantes que se transformaram em canções populares, como I.L.Peretz e Chaim Nachmen Bialik.

2- TEORIA E MÉTODO

2.1- Semiótica e História

Na análise das canções (Capítulo 3) foi utilizada a metodologia da semiótica, uma vez que, segundo Jakobson, (2001) “*os numerosos traços poéticos pertencem não somente à teoria da linguagem, mas a toda a teoria dos signos, vale dizer, à semiótica geral*”.

Por meio da semiótica procura-se explicar o plano de conteúdo da canção, para depois aplicar a descrição sincrônica, que considera a produção literária de um período dado, bem como a tradição literária que, para o mesmo período, permaneceu viva ou foi revivida.

A semiótica concebe seu plano de conteúdo na forma de um percurso gerativo, ou seja, vai-se do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto. Conforme nos ensina a professora Diana Luz Pessoa de Barros, (2000) as três etapas do percurso são: a das **estruturas fundamentais** em que surge a significação como uma oposição semântica mínima, **as estruturas narrativas** e finalmente, as **estruturas discursivas**, em que as oposições fundamentais desenvolvem-se sob a forma de temas.

Foi também utilizada a “detetivesca” ciência dos signos, índices e símbolos para desvendar enigmas do comportamento humano, segundo nos mostra Umberto Eco, citado pelo prof. Izidoro Blikstein (Revista USP, nº 13/14-1994) e que se encontra bem exemplificada nas canções *Rabeinu Tam* (pág.173) e *Avreiml Malvicher* (Pág.181).

Esta metodologia, aplicada na análise nas canções *Diga marrano*, *Flutua o cesto no rio*, *O alegre alfaiate* e outras, permitiu revelar fatos bíblicos e históricos, bem como os tristes acontecimentos que marcaram a vida do povo judeu, nos *shteitlach* da Europa Oriental, que hoje já não mais existem.

2.2- Considerações sobre a tradução

Quando foram iniciados os trabalhos de pesquisa sobre as canções judaicas, tinha em mente traduzi-las para o português, de modo que pudessem ser cantadas nesta língua, por ter o ídiche se tornado uma língua não mais falada pela maioria do nosso povo.

Entenda-se que o objetivo original era apenas o da preservação da memória da canção judaica e que qualquer metodologia para alcançar esse objetivo seria a meu ver, perfeitamente válida.

Nesse sentido, o cantor e compositor judeu americano Sol Zim publicava o livro de música *Joy of Jewish Memories-Favorite Nostalgic Songs in Modern Settings*, em que traduziu canções originais do ídiche para o inglês e fez os arranjos necessários nas partituras. Com isso foi aplaudido pela cantora, compositora e artista Molly Picon, que escreveu no prefácio do livro: “Embora a língua seja outra, a melodia permanece a mesma e assim, na língua conhecida, tanto as pessoas idosas como os jovens, entenderiam as mensagens nelas contidas”.

Entretanto, esta posição de Sol Zim não se concretizou, tanto é que, depois da publicação deste livro, em 1984, não se tem mais notícia de canções em ídiche traduzidas e cantadas em língua inglesa.

Por mais que pareça inverossímil, temos exemplos de canções inglesas cantadas em ídiche, como as que interpretou a artista judia americana Teddi Schwartz, das quais tomei conhecimento, pela fita reeditada em 1994 pela Global Village Music. Entre essas canções encontra-se a conhecida *My Bonnie*, traduzida como *Main Manie* que começa com a estrofe: *Main Manie ligt ibern vasser*.

Eu mesmo apresentei num dos programas produzidos para grupos da terceira idade, a canção: *O trem das onze*, em ídiche. Tinha recebido o texto de um conhecido de Sorocaba, e foi devidamente adaptado pelos meus colaboradores do programa

musical, tendo agradado bastante o público presente, que teve também oportunidade de ouvir o original, em português, de Adoniran Barbosa.

Em 1976, durante o trigésimo aniversário do Estado de Israel, o Madrigal Renascentista da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, sob a regência do maestro Afrânio Lacerda, cantou diversas canções judaicas traduzidas para o português, em tradução livre, feita pelo então ativista judeu, Salomão Zylbersztajn.

Estes e outros casos de que tomei conhecimento são considerados apenas curiosidades musicais, como eu mesmo os denominei em meus programas feitos para grupos da terceira idade, e são encontrados em escala bem reduzida.

Há já muitos anos assistimos apenas ao desenvolvimento dos conjuntos musicais profissionais chamados de Klesmer, nos Estados Unidos e em outros países, que, levados pela necessidade de sobrevivência, tocam somente música instrumental judaica, pois, sendo a música uma linguagem universal, esse tipo de música sempre tem público em qualquer país. Dentre os conjuntos musicais mais famosos nos Estados Unidos podem-se citar: Brave Old Wordl, The Klesmatics, The Andy Statman Klesmer Orchestra, Klesmer e Conservatory Band.

Entre nós existem alguns conjuntos musicais que tocam também música Klesmer, como: Zamarim, Banda Klesmer Brasil, Conjunto de Shimon Lavie e outros.

Por outro lado, começou a tornar-se habitual a utilização de canções ídiche, cantadas na língua original, com a ajuda da transliteração e tradução para a língua em uso em cada país. Nos Estados Unidos, por exemplo, Eleonor Gordon Mlotek, em colaboração com Joseph Mlotek, vinha publicando desde 1972, no antigo diário judaico de New York, Forvard, atualmente semanário, uma coletânea de canções judaicas transliteradas e traduzidas para o inglês. Esta coletânea transformou-se ao longo do tempo em três livros: *Mir Trogn a Gezang*, *Pearls of Yiddish Songs* e *Songs of Generation*, num total de 342 canções, estimulando assim a utilização das canções ídiche na língua original.

Na Alemanha, o cantor, compositor e jornalista Manfred Lemm, publicou em 1992, na cidade de Wuppertal, o livro *Mordechaj Gebirtig Yiddische Lieder*, em que as canções deste poeta e trovador foram editadas no original ídiche, transliteradas e em tradução alemã. Ele se apresenta com seu conjunto musical cantando em ídiche, para platéias, em geral constituídas de alunos das escolas públicas alemãs, utilizando a transliteração (ele não conhece o ídiche), com a qual também o público o acompanha. A tradução alemã serve para o entendimento do que está sendo cantado.

De Israel, onde algumas canções em ídiche do poeta Mordco Gebirtig foram traduzidas para o hebraico, não há ainda informações seguras de que elas sejam cantadas em hebraico. Sabemos no entanto de canções de alguns poetas cantadas em ídiche, em Israel, e apresentadas com letreiros em hebraico. Na Polônia, por exemplo, embora existam canções do Gebirtig em versão na língua polonesa, as moças preferem cantá-las em ídiche, usando a transliteração e as aulas do maestro e músico judeu polonês Leopold Koslowski, da cidade de Cracóvia.

Diante desse panorama, adotei também a transliteração das canções, para poderem ser cantadas na língua original, sem ser necessário o conhecimento do ídiche, e a tradução para o português, no nosso caso, para serem entendidas pela população de fala portuguesa. Procurei fazer uma tradução livre, mantendo, porém a máxima fidelidade ao texto do autor.

Antônio Medina Rodrigues, professor de Língua e Literatura grega da USP, traduziu para o português o *Cântico dos Cânticos*, do rei Salomão, não da versão hebraica, mas sim do grego¹. Ele assim se manifestou sobre seu trabalho: “A minha tradução dá cobertura à acentuação métrica e a figuras de linguagem, cuidando na medida do possível da dimensão poética do texto”. Não é o meu caso, pois na tradução das canções populares judaicas visou somente ao seu conteúdo.

¹Entrevista em O Estado de São Paulo, Caderno 2 - 23/12/2000

Nelson Vainer, no prefácio do livro *Dois dos Justos*, de autoria da escritora judia brasileira, Rosa Palatnik, publicado em 1975, escreveu que a tradução de termos da língua ídiche para outros idiomas, no caso o português, acarreta tremendas dificuldades em razão também do emprego de expressões e termos regionais, que atrapalham até mesmo os bons conhecedores desta língua. Cita Guilherme de Almeida, afirmando ser necessário que a tradução reproduza de novo o sentir, o pensar e o dizer do autor. Foi o que tentei fazer na tradução das canções de nossos poetas populares.

2.3 Critérios utilizados na transliteração

Na transliteração dos termos em ídiche para o alfabeto latino, adotei o *Guia Normal de Transliteração do Yivo*, com algumas adaptações e/ou simplificações para a língua portuguesa.

*“O princípio geral é uma correspondência direta entre as letras latinas e os sons do ídiche padrão”.*²

Quando existe letra latina com o som do ídiche padrão não há nenhuma dúvida quanto ao critério a ser usado.

Não existindo na língua portuguesa consoante ou grupo de consoantes para representar, por exemplo, o **ch** ídiche de *chanuca*, deve-se adotar uma convenção adequada para a língua portuguesa, uma vez que a indicação dada pelo *Yivo* foi feita para a língua inglesa.

No castelhano e no alemão, o uso é tranqüilo, porque o **jota** em espanhol e o **ch** em alemão têm o mesmo som do **ch** do ídiche padrão.

A divergência de representação gráfica existente entre as diversas línguas em que se faz a transliteração do ídiche ocorre, entre outras diferenças, pelo uso por uns, do **ch**, e por outros, do **kh**, para representar o fonema inicial do ídiche de *chanuca*, o final do alemão *Bach* ou o **jota** do espanhol Jorge.

Entretanto mesmo nas publicações em língua inglesa o uso do **kh** para representar o som do **jota** espanhol na transliteração dos termos ídiche não é tão tranqüila.

A Tara Publications, que edita a maioria dos livros de música, usa normalmente o **ch** em lugar do **kh**. Igualmente Ruth Rubin, em seu livro: *Voices of a People- The Story of Yiddish Folksong* (1990) usa o **ch**. A Editora J& J Kammen, editando também livros de música, usa as duas versões.

² Ídiche padrão- dialeto falado pelos judeus de Vilna (Lituânia)

Todas as publicações litúrgicas, desde quando se iniciou a transliteração do hebraico para a língua portuguesa, utilizam o **ch** com o som de **jota** espanhol.

Como exemplo, podemos citar:

Hagadá de Pessach, editado pela Livraria Sefer, 7ª Edição, Abril/2000; *Shaná Tová, Rosh Hashaná*, editado pela da Congregação Israelita Paulista, 1996, e outras.

Em face destes diferentes critérios passei a usar o **ch** em português, tendo em vista ainda, que a língua ídiche é mais próxima do alemão da qual ela teve origem, do que do inglês. Em decorrência do uso do **ch** na representação de *chanuca*, passo a usar, o som de **ch** de chama em português grafado como **sh**.

A única exceção que estabeleci foi para o termo *ídiche* porque seu uso já se encontrava consagrado, por todos os dicionários da língua portuguesa, bem como pelo Dicionário da Academia Brasileira de Letras. Assim o termo ídiche será grafado com **ch** em lugar do **sh**, por mim adotado como regra geral, e terá o som de chama. Os termos derivados do ídiche também serão grafados com **ch** como *idicher*, *idichkait* etc.

Não seria demais repetir a recomendação do Yivo: “*O princípio geral é uma correspondência direta entre as letras latinas e os sons do ídiche padrão*”.

A *Enciclopédia Judaica Virtual Mêndele* (da Califórnia)-“*Yidish Literature and Language*”,³ discutindo a adoção e adaptação das normas do Yivo, diz que elas devem ser eficientes, sem ambigüidade e fáceis de usar. Recomenda ainda que não se use a consoante dupla na transliteração, pois que não tem nenhum significado.

Assim escreve: *bobe*, *feder*, *got*, *yídiche* e outras em lugar de *bobbe*, *fedder*, *gott* e *yiddish*, adaptando assim as recomendações do Yivo para um uso prático.

Sugere também a não utilização do **h** antes de consoantes como: *amol*, *yor*, *shteyn*, em lugar de *amohl*, *yor*, *shtehn*, e outras similares. Esta recomendação porém já está em uso há muito tempo, nas publicações americanas.

³ Site: <http://colorado.edu/~biasca/yivo.html>

Por este critério, não deveriam recomendar o uso do **yi** e sim ou o **y** ou o **i** na palavra *Yidish* a menos que fosse grafado com dois **iuds** no original. Aproveitando a recomendação desta Enciclopédia Virtual julgo desnecessário o uso de dois **i em ídiche** (português), a não ser em caso excepcional, conforme mencionei, e assim passei a usar simplesmente: *ídiche*, em transliteração, na língua portuguesa.

Benjamin Harshav, na sua “Nota acerca da transcrição” utilizada em seu livro *O Significado do Ídich*, (1994) assim se expressa:

“A transcrição do ídiche para o alfabeto latino neste livro segue em geral o sistema padrão concebido pelo Yivo, com algumas simplificações, para torná-lo o mais claro possível ao leitor contemporâneo não lingüista. O princípio geral é uma correspondência direta entre as letras latinas e os sons do ídiche padrão”

Embora use em certas palavras **ch** como em *chutspa* e *Sholem Aleichem*, Harshav prefere o uso de *khutspa*, *Sholem Aleikhem*, pois considera o uso do **ch** em lugar do **kh** como “*desencaminhador para o leitor de língua inglesa*”, e eu diria o mesmo para o uso do **kh**, na transliteração para a língua portuguesa.

Em vista do exposto adotei a seguinte convenção que utilizo como norma:

Sh como **ch** de chama. Exemplo: Shalom. (Com exceção do termo ídiche e seus derivados).

Ch como o **jota** espanhol, ou **ch** alemão. Exemplo: Chazan

K como **q** de querido e **c** de colega. Exemplo: Dokter

Tz como **zz** de pizza. Exemplo: Tzadik

G seguido de qualquer vogal, como **g** de galo. Exemplo: Gegangen

A seguir, uma relação de palavras com as duas convenções, para efeito de comparação. Adotei o **ch** conforme consta da primeira coluna, que me parece ser mais familiar, ao leitor da língua portuguesa:

| | |
|----------|----------|
| Aleichem | Aleikhem |
| Badchn | Badkhn |
| Bocher | Bokher |
| Chaim | Khaim |
| Chanike | Khanike |

| | |
|----------------|---------------|
| Chaper | Khaper |
| Chassidim | Khassidim |
| Chazn | Khazn |
| Chale | Khale |
| Chevre | Khevre |
| Cheider | Kheider |
| Chosed | Khosed |
| Chosn | Khosn |
| Chumesh | Khumesch |
| Chupe | Khupe |
| Iches | Ikhes |
| Mechetunem | Mekhetunem |
| Pessach | Pessakh |
| Pinches | Pinkhes |
| Sholem | Schlolem |
| Shoichet | Schoikhet |
| Simchas Toire` | Simkhas Toire |
| Palmach | Palmakh |
| Sochnut | Sokhnut |
| Halachá | Halakhá |
| Moshav | Moschav |

As seguintes palavras foram encontradas no glossário dos *Cadernos Literatura Hebraica*, compiladas pela professora Dra Nancy Rosenchan, em. Publicação do Curso de Pós-Graduação de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas-FFLCH-USP-N^o 1—São Paulo, 1998.

Palmach
Sochnut
Halachá
Lechi
Mishná
Moshav
Moshavá

Este critério vem sendo muito usado em dissertações e teses de mestrado na pós – graduação.

O critério adotado por mim neste trabalho está sendo proposto como norma de transliteração do ídiche para a língua portuguesa.

CAPÍTULO 1- A DIÁSPORA JUDAICA

1.1 Da dispersão provocada pelos romanos, após a destruição do Segundo Templo, ao Distrito de Residência.

Desde as conquistas de Nabucodonosor, rei da Babilônia no ano de 587 AC, que destruiu o Primeiro Templo, iniciou-se o fenômeno da dispersão do povo judeu pelo mundo. Após a destruição do Segundo Templo no ano 70 D.C. por Tito, muitos judeus foram levados para Roma como prisioneiros. A Palestina tornou-se província romana, e a maioria dos judeus da Palestina dispersou-se por todo seu império, que ocupava grande parte da Europa, parte da Ásia e Norte da África. (Figura 1, pág. 28)

Nos séculos VI e VII, os judeus na Espanha Visigoda, depois que o rei adotou o catolicismo, viveram sob constantes perseguições e foram forçados a se converter para a fé católica. A situação somente melhorou depois da conquista muçulmana da Espanha, no ano de 711, e perdurou por vários séculos. Porém após a reconquista efetuada pelos reis católicos, que se deu por concluída no ano de 1250, as comunidades judaicas espanholas passaram a ter novamente problemas que culminaram com sua expulsão em 1492 que sendo que parte desta comunidade se estabeleceu no norte da África bem como no Império Otomano.

A partir do século VIII, sob a proteção de Carlos Magno mercadores judeus começaram a fixar-se na França. Nos séculos XII e XIII, já havia numerosas comunidades judaicas no Norte da França, ao longo do Vale do Reno e em Champagne e eram culturalmente, as mais importantes da Europa. Depois da Primeira Cruzada, proclamada pelo Papa Urbano II em 1095, as acusações do ritual de sangue serviram de pretexto para ataque mortíferos contra judeus especialmente depois do ocorrido em Blois, na França, em 1171. (Ver a Canção Rabeinu Tam Capítulo 3, pg. 173)

Eixo de dispersão dos judeus nos limites do Império Romano.

Figura 1



Fonte: Gerard, Jean Chaliand

A legislação antijudaica do Quarto Concílio de Latrão foi proclamada em 1215 tendo sido aplicada pelo rei Luís IX. Entre outras humilhações os judeus foram obrigados a usar um emblema que os distinguia dos demais cidadãos. Após o Debate de Paris de 1242 foram queimados, em grande escala, exemplares do Talmude.

A partir de 1306, os judeus foram sendo expulsos da França. Algumas vezes tiveram permissão para retorno e em 1394 foram novamente expulsos inclusive de Paris Esta foi a última expulsão que continuou em vigor em algumas províncias, até a Revolução Francesa de 1789. Depois dela os judeus franceses passaram a gozar de plena emancipação e após a Assembléia dos Notáveis de 1806 e o Sinédrio, em 1807 instituído por Napoleão Bonaparte, a comunidade judaica da França começou a ter os mesmos direitos de todos os cidadãos do país.

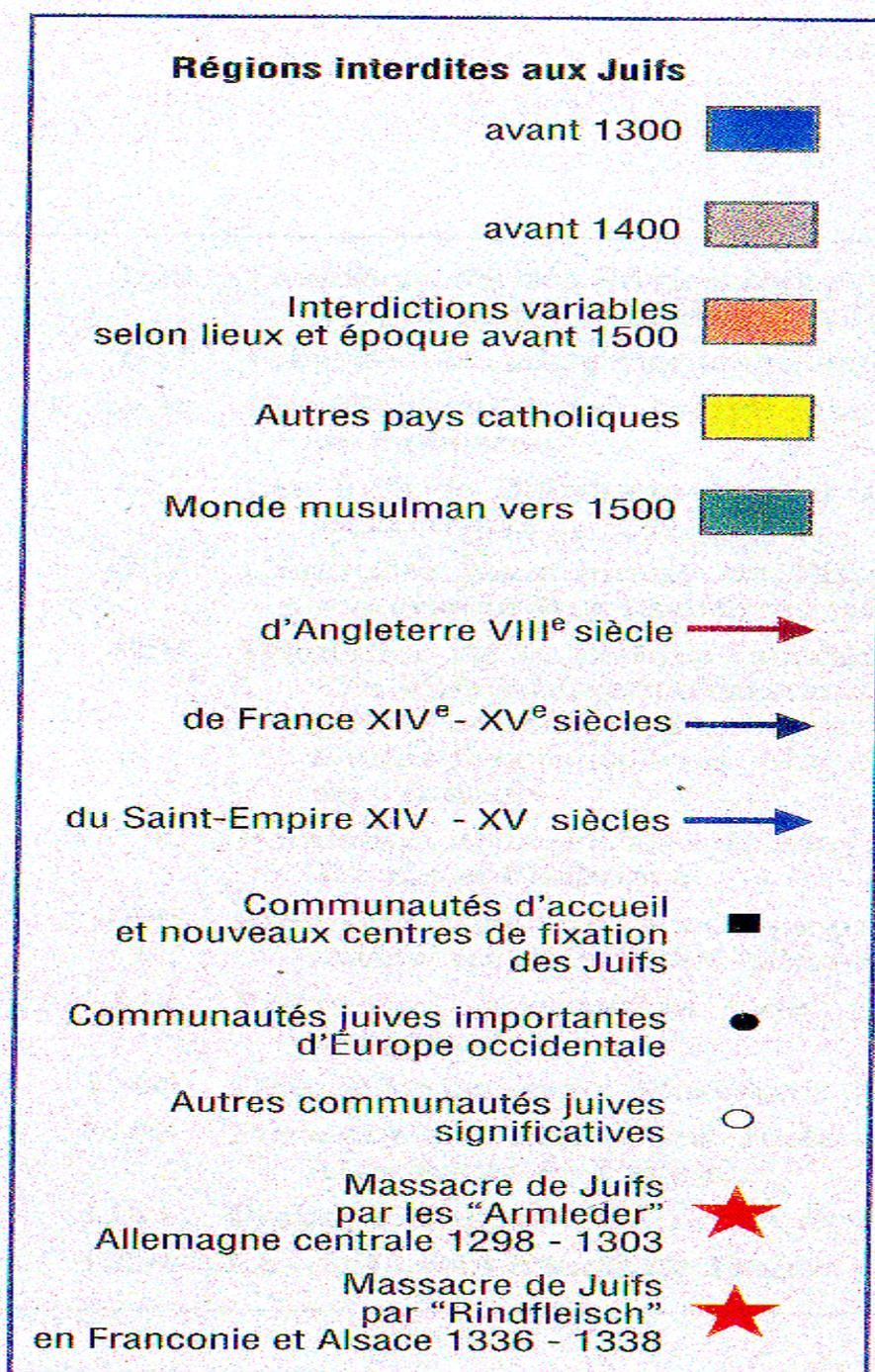
Entre os séculos IX e XI havia comunidades judaicas em quase todo território o alemão. Os judeus que tinham começado a chegar com os exércitos romanos, foram se estabelecendo aos poucos ao longo do Vale do Reno, em Worms, Bonn, Colônia e outras localidades, formando grandes comunidades.

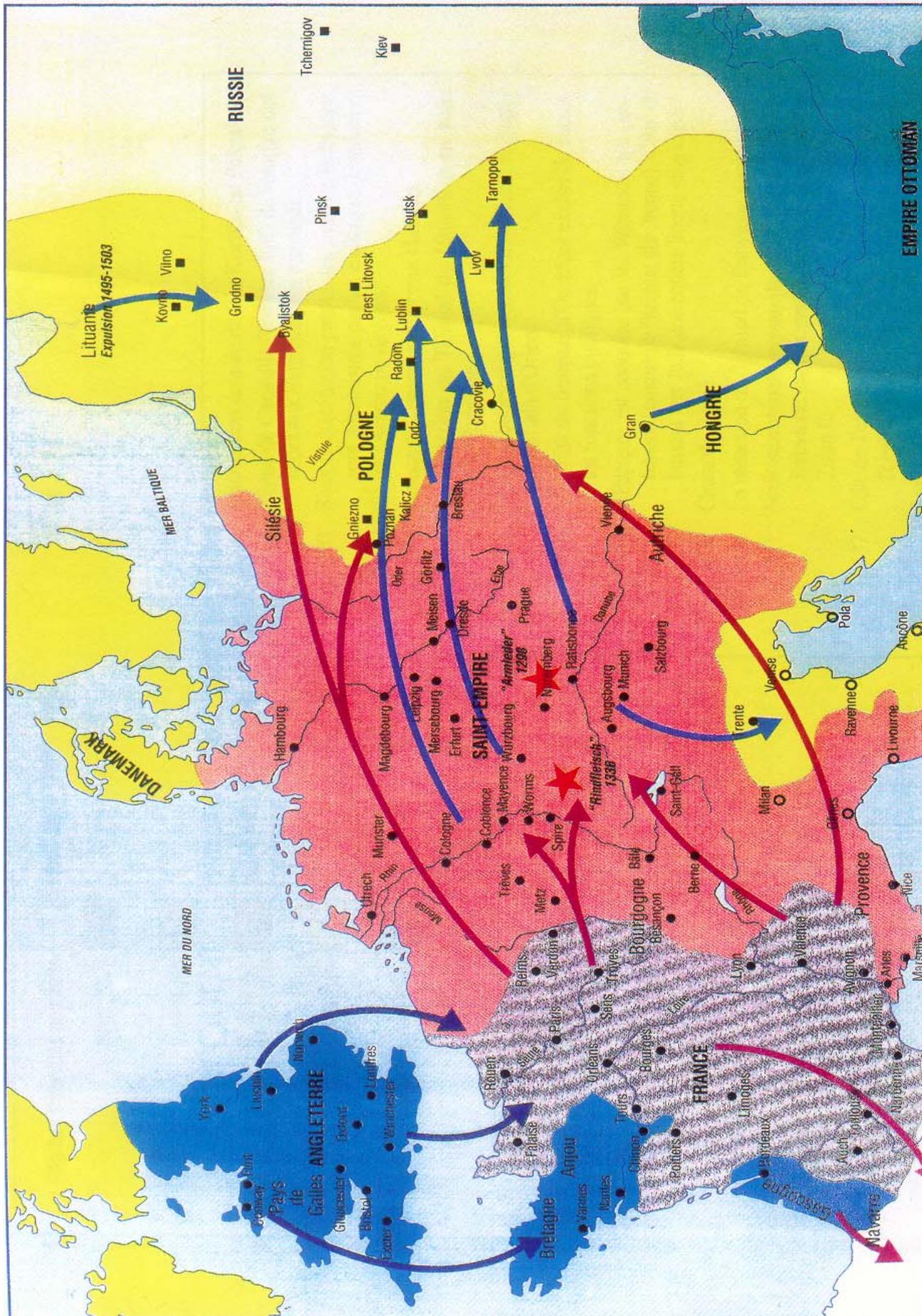
França e na Alemanha. Atribuiu-se aos judeus a causa da epidemia, sob a falsa acusação de terem eles envenenado os poços de água. Milhares de pessoas foram assassinadas, outras, desprovidas de todos os seus bens e expulsas de suas cidades. Perseguidos por todos os lados vagavam pela Europa, deixando atrás de si milhares de mortos.

As expulsões e a grande migração de judeus para o Leste Europeu

LEGENDA- Figura 3

Fonte:
Ver
Figura2





A partir do século XIV, fugindo dos severos preconceitos e das perseguições dos cristãos da Europa Ocidental à procura de novas oportunidades econômicas, os judeus encontraram abrigo no Reino da Polônia. **(Figura 3)**

Aí, sob o reinado de Casimiro, o Grande (1333 / 1370) conseguiram condições estáveis de vida e plena liberdade, maiores ainda que daqueles obtidos pelo Estatuto de Kalish, outorgado em 1264 pelo Príncipe da Gran Polônia, Bolerlan, o Piedoso.

E assim continuou, com maiores ou menores restrições sob os sucessores de Casimiro, até o século XVII. Os judeus da Polônia eram chamados de asquenazitas e trouxeram consigo uma desenvolvida cultura de tradição talmúdica e a língua ídiche que surgiu de dialetos alemães nos séculos X e XI.

Em 1569 dá-se a união do Reino da Grande Polônia com o Grão Ducado da Lituânia e grandes comunidades judaicas passaram a integrar o Reino até o século XVIII.

Em 1772, o Reino da Grande Polônia sofre uma partilha entre a Áustria, Prússia e Rússia. Numa segunda partilha, ocorrida em 1793, mais uma boa parte de seu território é anexada pela Prússia e a Rússia.

Em 1795, nova partilha do restante do território entre Prússia, Áustria e Rússia, perdendo assim, a Polônia, totalmente, sua independência.

Em 1815, no entanto, depois do Congresso de Viena, a Rússia assumiu totalmente o Grande Reino da Polónia **(Figura 5)** e, a partir de então a totalidade dos judeus poloneses e lituanos passou para o domínio russo e sua história tornou-se similar à dos judeus russos. As comunidades tiveram de submeter-se a viver segundo as regras opressivas dos governos czaristas, da dinastia dos Romanov entre os quais estão:

| | |
|---------------|-------------|
| Alexandre I | (1801-1825) |
| Nicolau I | (1825-1855) |
| Alexandre II | (1855-1881) |
| Alexandre III | (1881-1894) |
| Nicolau II | (1894-1917) |

Depois de alguns séculos de autonomia religiosa, os judeus polono-lituanos foram incorporados ao Estado teocrático russo, que não admitia divergências em relação à fé oficial, tendo-os submetido a um esquema rígido de leis impeditivas e punitivas. Assim, uma população de mais de cinco milhões de pessoas, ficou confinada aos

locais onde já moravam, na Europa Oriental, totalmente dominada pelos russos que constituiu o chamado “Distrito de Residência”, abrangendo algumas cidades e povoados chamados de *sheitlach*.

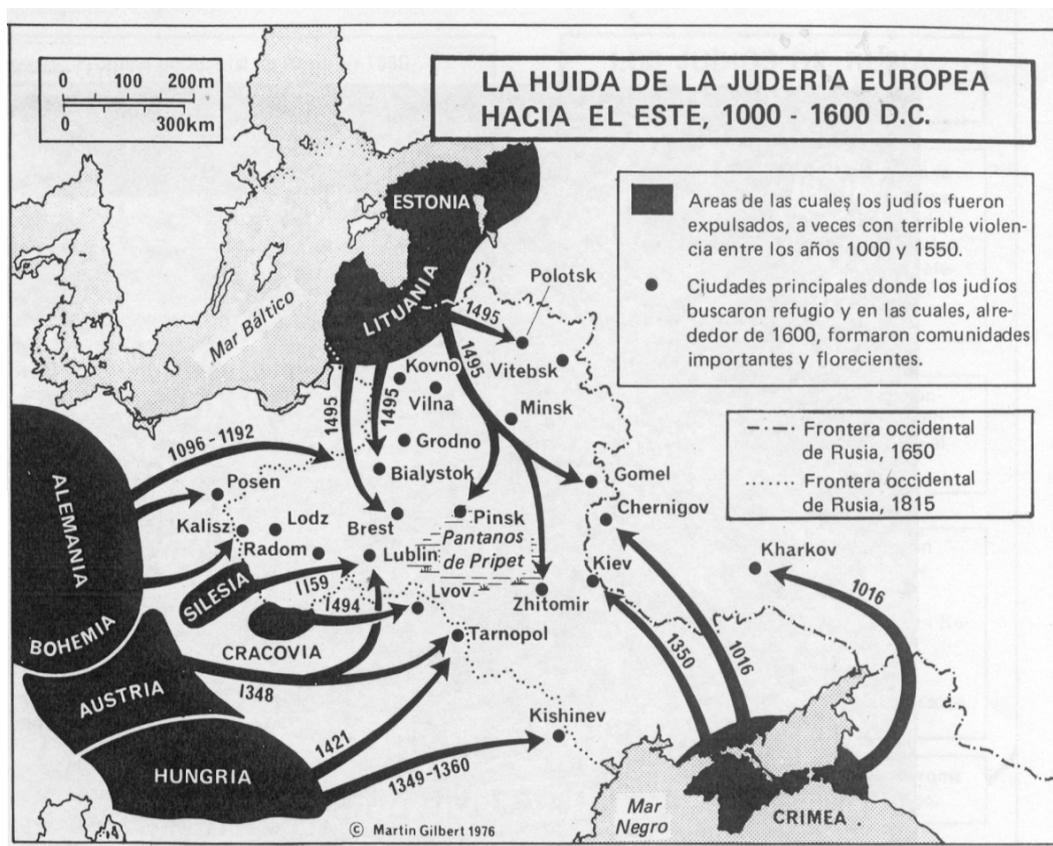
Com algumas exceções muitos tinham autorização para morar nas grandes cidades e capitais.

Este gueto territorial, considerado como território de domicílio (*Pale* em inglês), foi estabelecido gradativamente desde 21 de dezembro de 1791 e abolido pela revolução de 1917. Embora não impedidos de deixar esta região, a partir dessa data, a maioria nela permaneceu por falta de condições econômicas.

A alta concentração de judeus nesta região, facilitou aos nazistas o extermínio desta população reunida numa região restrita, para onde ainda foram levados judeus de outros países europeus, durante a Segunda Guerra Mundial.

A fuga de judeus para o Leste Europeu entre anos 1.000 e 1.600

Figura 4



Fonte: Gilbert, Martin

Somente em 1918, depois da Primeira Guerra Mundial, a Polônia reconquistou sua independência e novos Estados foram criados como a Lituânia e a Letônia. Porém os judeus passaram sob a tutela de diversos países, residindo nos mesmos lugares.

Entre 1871 e 1907 ocorreram violentos *pogroms* contra a população judaica no Distrito de Residência com massacres, mortes, ferimentos, violação de mulheres saques e destruição de residências e casas comerciais. **(Figura 7, pág. 48)** Ver detalhes de um destes bárbaros *pogroms*, que ocorreu na cidade de Kishinev, em 6 de abril de 1906 **(Página 49)**.

Apesar da pobreza da vida no *Distrito de Residência*, houve a partir do ano de 1835 um enorme crescimento das atividades literárias, cultural, política, educacional, periodística, religiosa e espiritual da coletividade judaica da região.

A literatura judaica começa a se secularizar e aparecem os grandes escritores e poetas na língua ídiche. A prosa reflete a miséria e as esperanças das comunidades judaicas da Europa Oriental, e também a canção popular se faz ouvir dentro daquela triste realidade de falta de trabalho, luta pelo sustento do dia-a-dia e anseio de liberdade.

Os judeus, porém, não se deixam abater nem perder o humor, numa manifestação de defesa da dignidade do oprimido; dentro desse período sombrio, surgem também as canções populares, canções de protesto, as críticas contra as autoridades opressoras, as piadas envolvendo autoridades políticas, a religião, mendigos e outros.

Finalmente, a saída para esta situação resultou numa emigração maciça, na participação política e no sionismo.

É exatamente deste período, que abrange o século XIX e começo do século XX, que escolhi os escritores/poetas e os poetas trovadores que imortalizaram a canção judaica.

São dessa fase canções cuja temática trata da vida social e comunitária, canções sobre acontecimentos graves, dramas, *pogroms* e similares, canções infantis, canções de amor, canções sobre trabalho e esperança, canções humorísticas, canções

históricas, canções de rua, canções clássicas e nacionais, canções sobre o País de Ouro, canções de teatro, e canções sobre o Holocausto.

Escolhi para estudo os trabalhos de Abraham Reisen e Itzik Manger, grandes, poetas com formação literária que produziram também um considerável número de canções populares, bem como os dois poetas trovadores que mais se destacaram na produção de canções populares, Mark Warshavsky , advogado de profissão, autor de cerca de cinquenta canções e Mordco Gebitig, marceneiro de profissão e autor de mais de cem canções populares,.

Alem deles, I.L. Peretz e Chaim Nachmen Bialik escritores renomados, que também produziram algumas canções populares e que até hoje se mantêm na memória do povo judeu, bem como David Edelstadt, o grande poeta proletário.

1.2- A vida dos judeus no Distrito de Residência sob a opressão dos czares russos

A potência russa no século XIX, especialmente em 1815, abrangia o Império Russo, o Grão-Ducado da Finlândia e o Reino da Polônia. O povo russo estava então dividido em quatro classes: a nobreza, o clero, a burguesia e os camponeses.

A nobreza era a classe dominante. Era constituída aproximadamente de cem mil famílias e possuía a maior parte das terras do Império. O clero, ortodoxo, geralmente ignorante e grosseiro.

A burguesia, pouco numerosa, composta principalmente de comerciantes e considerada de importância secundária.

Os camponeses, que constituíam nove décimos da população russa. Em 1857 a população russa era de 61.000.000 de pessoas dos quais 50.000.000 eram lavradores, todos escravos, exatamente como viviam os lavradores franceses do século XII. Estes, considerados os servos, viviam agrupados em povoados e moravam em choupanas de madeira, cercados por uma horta. Pelo uso destas casas e da horta, tinham por obrigação de cultivar gratuitamente os campos dos senhores feudais.

Assim, em pleno século XIX enquanto a maioria dos povos ocidentais da Europa já vivia sob regimes governamentais mais avançados, com início de uma industrialização acelerada em que os judeus começavam a obter igualdade de direitos em relação ao resto da população, a Rússia ainda vivia sob o antiquado regime feudal e mantinha a discriminação e opressão dos judeus.

Alexandre I (1801-1825) Alexandre I foi neto de Catarina a Grande. Ele designou uma comissão para estudar a maneira mais adequada de melhorar a situação dos judeus na Rússia e, em 1804, confirmou o plano elaborado por essa comissão.

A instrução ocupava neste plano o primeiro lugar. Os judeus deviam ser admitidos nos institutos de ensino russo e adotar o idioma do país. Aos agricultores foram concedidos privilégios importantes. Centenas de famílias judias da região Noroeste

fundaram as primeiras colônias agrícolas no Sul. (1808). Mas foi uma tentativa infrutífera, primeiro pela falta de prática dos judeus na lavoura e também pelas dificuldades de povoar estepes desérticas.

O esforço do governo para melhorar a situação dos judeus se atenuou com a guerra contra Napoleão (1812) e o ingresso da Rússia na Santa Aliança (1815) que desviaram a atenção do czar deste e de outros assuntos.

Começou-se a propagar, sob o patrocínio pessoal do czar, o cristianismo entre os judeus, com a fundação, em 1817, da Sociedade de Cristãos-Judeus. Esta atividade porém não teve êxito, em face do pequeno número de convertidos, e a Sociedade foi dissolvida em 1833. Esta medida, bem como muitas outras, iniciadas com Alexandre I e continuadas pelos czares que o sucederam, tinham todos os indícios de que a preocupação de todos eles era afastar da fé judaica e converter, de qualquer modo, o povo judeu ao cristianismo.

Nicolau I (1825-1855) Foi irmão de Alexandre I, a quem sucedeu por manobras políticas. Seu governo baseava-se na defesa da autocracia e da ortodoxia, numa concepção estritamente nacionalista.

Após ter esmagado a insurreição polonesa, aliou-se ao rei da Prússia, Frederico Guilherme III e a Metternich, chanceler do imperador da Áustria, Francisco I, comprometendo-se os três monarcas, em 1833, a se socorrer uns aos outros, em caso de problemas internos que ocorressem em seus respectivos países. Assim ele interveio em 1849, para acabar com a insurreição húngara.

Querendo destruir o Império Otomano, ocupou os principados moldávio-valáquios e em 1853, enfrentou a França e a Inglaterra, que haviam se aliado aos otomanos, durante a guerra da Criméia (1854-1856).

Durante o seu reinado, formou uma burocracia qualificada e especializada que permitiu ao seu sucessor empreender algumas reformas.

Convencido pelo clero de que o problema judeu, somente podia ser resolvido por sua assimilação e sua integração ao povo russo, promulgou, em 1827, uma lei extremamente cruel que impunha um serviço militar de 25 a 30 anos aos jovens

judeus, que eram seqüestrados e incorporados ao exército. Os recrutas forçados eram levados a regiões longínquas do país, para mantê-los longe das famílias. Estes jovens soldados, assim obrigados a servir ao exército russo, eram chamados de “cantonistas” e compelidos a adotar o cristianismo. Calcula-se que seu número alcançou cem mil crianças, tendo sido a terça parte deles convertida à força para o cristianismo.

Em relação aos recrutas, saliente-se que se tratava inicialmente de meninos de doze anos, porém também se apoderavam de crianças de oito a nove anos, que eram levadas à força para a Rússia Central, onde recebiam uma educação militar, com o objetivo definido de esquecerem o judaísmo e adotarem o cristianismo.

Para aproveitar as diferenças sociais dentro da sociedade judaica, o czar autorizou, de acordo com o Regulamento do Serviço Militar, a própria comunidade judaica, pela sua entidade *kahal* a selecionar os recrutas a seu critério. Esta medida originou também um sistema de corrupção dentro da própria sociedade judaica, além do que já existia na sociedade russa.

Pessoas “indesejáveis” da sociedade judaica, bem como filhos de famílias pobres eram sempre as selecionadas para integrar a cota de recrutas para o serviço militar. Os mais bem aquinhoados resolviam esse problema com dinheiro. De qualquer forma a maioria das famílias judaicas vivia sob o temor de ver seus filhos seqüestrados pelo novo personagem da época, o chamado *chaper*, cujo significado era “o seqüestrador”.

Este triste episódio não foi facilmente esquecido pelos judeus russos. A corrupção de um lado e a dor da separação dos meninos das famílias originou canções populares cantadas até o século XX. Entre estas, encontra-se a canção que se segue, de autor desconhecido, recolhida por Eleonor Gordon Mlotek. A fuga de meninos retratada nesta canção nem sempre tinha sucesso, e ninguém podia fazer nada por eles.

A CANÇÃO DO CANTONISTA

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------|
| Corri vinte milhas Até eu achar uma casa | Tsantsik mail bin ich gelofn Hob ich a shtibl ongetrofn |
| Senhor! dê-me um pedaço de pão Olhe para mim, estou pálido e morto | Balebos! Git mir a shtikl broit Zet main ponem, vi blai ch um toit |
| Rápido, lave-se antes de comer pão Eles estão perto controlando os passes | Tsu broit, tsu broit geit zich vashn Men geit do arum freign far pasn |
| Sobre o pão, sobre o pão eu faço uma oração E depois vamos ver o que fazer | Af broi, af broit macht men a moitse Um zen shpeter vet men a eitse |
| Sobre o pão, sobre o pão eu faço uma bênção Por aqui circulam os homens do <i>chaper</i> | Noch broit, noch broit tut men bentshn Do geien arum chapermentshn |
| Eu me lavei e rezei E aí entrou um <i>chaper</i> | Ich hob zich gevashn um gebentsht Is arain a chapermentssh |
| Pergunta-me ele para onde viajo Respondo-lhe: comprar trigo e milho | Fregter mir vu tu ich forn? Zog ich im: noch veits um korn |
| Não, não é atrás disso que você viaja Você foge por causa de sua idade | Nein, nit noch dem tustu forn Du antloifst fun daine iorn. |
| E para a cadeia ele me leva Todos baixam a cabeça | Um in ptisutstve mich fitmen avec Es losn ale arup di kep. |
| Eles me fazem um teste físico E anunciam: um soldado dos melhores. | Mich shteln vet men untern mos Un oisrufn: "Soldat choroch" |

Outra medida contra os judeus, aparentemente com o objetivo de elevar o nível cultural e educacional dos jovens da coletividade foi a criação de escolas especiais bem como seminários rabínicos para crianças judias, especialmente nas cidades de Vilna e Zhitomir, nos mesmos moldes existentes em Varsóvia, desde 1826.

Com a fundação dessas escolas, dirigidas por diretores católicos, iniciou-se uma perseguição violenta contra o *cheider*, a tradicional escola religiosa judaica e contra os seus professores, os *melamdim*. A adesão da coletividade a estas escolas era pequena porque estava bem claro, no decorrer de dezenas de anos, que o intuito permanente do governo russo era afastar os jovens da fé judaica e levá-los a abraçar o cristianismo.

Até a idéia de modernizar as vestimentas usadas pelos judeus entrou na "preocupação" dos governantes russos. Chegou-se inclusive a pensar na criação de

um imposto dos judeus que usassem solides ou outras vestimentas típicas, mas isso ficou sem efeito com a morte do czar Nicolau I.

Em seu governo, chegou a abolir o *Kahal*, a entidade da comunidade judaica, e passou a subordinar todos os judeus à administração geral russa, inclusive a coleta de impostos. Estabeleceu ainda uma classificação dos judeus por ofícios, como comerciantes, artesãos, agricultores e impôs, aos que não tinham um ofício fixo, fornecer o triplo do número de recrutas para o exército.

Ele foi mais longe ainda, proibindo aos judeus estabelecerem-se fora das antigas províncias polonesas, designadas como *Distrito de Residência*, bem como estendeu a proibição de se estabelecerem dentro de uma faixa de cinquenta quilômetros ao longo das fronteiras oriental e ocidental da Polônia; proibiu também aos judeus dedicarem-se ao comércio e a algumas profissões selecionadas pelos seus comandados. **(Fig. 6)**

Esta política discriminatória resultou num isolamento dos judeus dentro da sociedade russa, que criaram assim uma vida espiritual própria, nutrida fundamentalmente de cultura exclusivamente religiosa e de nostalgia pela Terra Santa.

Alexandre II (1855-1881) Filho de Nicolau I, promulgou o Estatuto dos Camponeses Libertos da Servidão em 1861 e confiou à “comuna rural” as funções fiscais e judiciárias que antes eram de competência dos senhores feudais. Criou as assembléias territoriais em 1864, introduziu a reforma da justiça, do ensino e instituiu o serviço militar obrigatório (1874). Com a abolição da servidão, preparou a passagem para um regime moderno de liberdade individual e de igualdade civil. Estas reformas tiveram uma aplicação restrita, especialmente depois da revolta polonesa em 1863, e a tentativa de seu assassinato em 1866. Reaproximou-se da Áustria e da Alemanha, numa aliança dos três imperadores (1873), e prosseguiu na expansão territorial no Cáucaso, Extremo Oriente e Ásia Central, com a vitória sobre os otomanos em 1878.

Em 1855, aboliu o sistema “cantonista” e concedeu aos comerciantes judeus de primeira categoria, aos artesãos e às pessoas de instrução superior o direito de

residência em todo o território russo. Estimulou também a educação geral dos judeus, abrindo para seus filhos as portas dos colégios e das universidades.

Isso causou uma revolução na vida das famílias judaicas. Os jovens iam estudar nos colégios russos, abandonando o *cheider* e a *iechivá* tradicional. Ocorreu um choque de gerações, enquanto os jovens procuravam se identificar com o ambiente russo, os pais seguiam a vida tradicional judaica. Nessa ocasião iniciou-se também um desdobramento na geração velha. Enquanto uns queriam se identificar com a população em geral e renegar o judaísmo, de outro lado os iluministas pretendiam elevar o nível cultural e espiritual do povo judeu.

Os *maskilim* reviveram a literatura hebraica e prepararam a europeização da vida judaica, a luta contra o clericalismo, mantendo-se, porem, expressamente contra a assimilação do povo judeu.

Alguns iluministas começaram a escrever em língua popular, o ídiche, destacando-se nesta época o escritor Sholem Yacov Abramowitch, cujo pseudônimo era Mênделе Moische Sforim.

A situação econômica e social dos camponeses russos era muito precária e em razão disso, o movimento revolucionário contra intensificou-se cada vez mais. Ele escapou de vários atentados promovidos pela Associação Populista Liberdade do Povo (1879-1890), tendo sido vítima de um atentado fatal em 1º de março de 1881.

Alexandre III (1881-1894) Filho inepto de Alexandre II, assim que subiu ao trono, proclamou sua intenção de reforçar a autocracia, tendo desencadeado um terrível clima de terror, perseguições políticas e penas de morte.

Em vez de uma Constituição como já vigorava em muitos países europeus, da emancipação política da população e em particular para os judeus, ele outorgou ao povo russo uma Constituição policial que dava direitos quase ilimitados aos governadores das províncias e das capitais.

Assim eles tinham autorização de ditar leis de exceção, prender pessoas e desterrar para a Sibéria qualquer suspeito de incorreção política, além de dispor arbitrariamente sobre a situação dos habitantes, especialmente dos judeus, que eram considerados estrangeiros e a quem se impunham sempre estatutos cada vez mais restritivos. Esta Constituição policial implantada em 1881, início do reinado de

Alexandre III, vigorou até a Constituição Parlamentar de 1905, promulgada por seu sucessor.

Todas as concessões e melhorias para a situação dos judeus, alcançadas no início do governo anterior, foram aos poucos sendo abolidas, a partir de 1870, em razão dos crescentes movimentos reacionários russos e da implantação do ódio antijudaico nas duas formas típicas da época: pressão policial, em razão de decretos odiosos e cada vez mais restritivos, e uma ação direta das massas, instigadas pelos organismos oficiais, em forma de *pogroms* cada vez mais constantes.

O anti-semitismo surgiu em razão do desenvolvimento industrial na Rússia: a construção de estradas de ferro, bancos, empresas industriais de grande porte, sociedades anônimas, etc., contou com grande participação de judeus. Possuindo instrução superior, profissionais liberais como médicos, engenheiros, advogados, jornalistas e escritores, além de comerciantes e grandes industriais, destacavam-se com grande facilidade dentro daquele ambiente de desenvolvimento, gerando em consequência uma rivalidade com a nascente burguesia russa cristã, que passou a odiar os judeus, e desenvolveu em consequência, uma imprensa antijudaica que contou com o apoio e subsídios do governo

Com este esquema montado incitavam-se as massas ignorantes e pobres da população contra os judeus, como responsáveis pela crise econômica que afetava os camponeses libertados da escravidão que existia no regime feudal, e cuja situação posteriormente em nada melhorara, uma vez que a riqueza existente era de exclusividade da família imperial e dos nobres da corte, o que incentivou também, de outro lado, grandes movimentos revolucionários contra a família real, iniciados já no governo anterior.

Entre os revolucionários que participaram do atentado a seu pai Alexandre I havia uma judia de nome Hesia Helfman que, na realidade desempenhara um papel secundário entre os revolucionários, pois era apenas inquilina da casa onde eles se reuniam. A moça foi condenada à morte, porém foi encarcerada, em virtude de se encontrar grávida. Quando deu à luz, levaram seu filho, tendo ela posteriormente morrido na prisão. Este pretexto, combinado com os demais e o ódio da igreja ortodoxa russa contra os judeus foi o suficiente para desencadear um movimento

anti-semita, com medidas altamente discriminatórias, limitações políticas, comerciais e especialmente os *pogroms* contra os judeus, de efeitos altamente trágicos.

Logo em abril de 1881 iniciou-se um terrível pogrom em Elizabetgrado, que se estendeu a diversas regiões de Kherson, atingindo logo em seguida a cidade de Kiev e depois Odessa, uma cidade de enorme população judaica, avaliada em quarenta mil almas, sob os olhares complacentes das autoridades russas.

Ainda nesse ano, 1881, em dezembro, sob o pretexto de um grito de incêndio em uma igreja, que resultou na morte de 25 pessoas e ferimentos em outras tantas, devido ao pânico que se estabeleceu e que foi atribuído aos judeus, iniciou-se um enorme pogrom em Varsóvia, onde foram destruídas e saqueadas 1.500 residências, casas comerciais, escolas e sinagogas, causando prejuízos de milhares de rublos e ferimentos em grande número de pessoas.

Os saqueadores eram em geral delinquentes poloneses e indivíduos desconhecidos que falavam o russo. O pogrom, segundo as autoridades russas era uma demonstração de que não eram somente os russos que repudiavam os judeus, o que não era verdade, porque a sociedade culta polonesa ficou indignada com essa violência, promovida pelos russos em Varsóvia.

Em março de 1882 ocorre novo pogrom, desta vez na cidade de Balta, província de Podólia, onde a população judaica era três vezes maior do que a população católica ortodoxa. Os judeus desta vez criaram grupos de autodefesa, porém sem nenhum resultado, uma vez que a polícia castigava os judeus que se defendiam, em lugar de prender os delinquentes.

Com o beneplácito do prefeito da cidade e dos soldados da polícia, a multidão se viu livre para realizar atos selvagens, como violências, saques, assassinatos e estupros. Cerca de 1.200 habitações e casa comerciais foram saqueadas e destruídas. Mais de 1.500 pessoas em boas condições econômicas se viram transformadas do dia para a noite, em uma população de miseráveis. Houve quarenta mortes, quase duzentos feridos, e muitas pessoas chegaram a enlouquecer. Os atos cruéis de Balta logo mais tarde se reproduziram em Kishinev e outras cidades.

Também na cidade de Odessa, a população judaica foi vítima de um sangrento pogrom, que durou três dias. Em 1891 era lançado um édito ordenando que todos os artífices judeus deixassem a cidade de Moscou e arredores, então com uma população de trinta mil pessoas. O responsável direto dessa expulsão foi Serguei Alexandrovitch, tio do czar, governador e comandante supremo das forças armadas, um religioso fanático que decidiu purificar sua cidade de judeus, que ele detestava. Embora a expulsão devesse ser feita “livre” e gradual, cada autoridade do distrito interpretava o édito de forma diferente. Assim extorquiam pesadas somas de dinheiro dos judeus, concedendo prazos para a saída, que variavam de um mês até um ano. Além destes, outros *pogroms* e perseguições se sucederam na Rússia entre 1871 e 1907. **(Figura 7)**

O anti-semitismo do imperador era tão grande que, em 1893, decidiu excluir a cidade balnearia de Yalta, na Criméia, onde se encontrava a Vila Imperial, de zona autorizada aos judeus, e expulsar dali centenas de famílias lá estabelecidas, para diminuir o número de judeus na região. A muitos se davam prazos maiores, em razão de interesses comerciais dos próprios russos.

Por um contra-senso do destino, no mesmo dia em que se conduzia o cadáver de Alexandre III, que faleceu em 20 de outubro de 1894, na ferrovia para São Petesburgo, corriam sobre os mesmos trilhos, vagões com os últimos judeus, que à força foram obrigados a abandonar Yalta e conduzidos em direção ao Distrito de Residência onde os judeus tinham permissão de morar.

A fome que ocorreu na Rússia em 1891 e 1892 revelou a vulnerabilidade da condição camponesa e incitou a radicalização da oposição liberal e revolucionária.

Nicolau II (1894- 1917) Filho e sucessor de Alexandre III conseguiu da França empréstimos que permitiram o financiamento do desenvolvimento industrial, que se completou à custa dos proprietários de terras, camponeses e nobres.

O seu Ministro do Interior, von Pleve, para contornar a crise que se iniciara em 1902 e responsável pela repressão interna, procurou desviar a tendência revolucionária de seus súditos, incitando a população contra os judeus. Durante o seu mandato,

houve uma enorme quantidade de *pogroms* contra judeus dos quais o de Kishenev em 6 e 7 de abril de 1903 foi o mais sangrento de todos. **(Figura 7)**

Von Pleve foi assassinado em 1904, ano em que a Rússia entrou em guerra contra o Japão. Nessa guerra a Rússia foi derrotada pelo Japão em 1905. Depois de diversas sublevações das massas populares, com o estabelecimento de um regime representativo em 1906, a Assembléia de Representantes do Povo Russo, a **Duma**, deu-se o fim do absolutismo na Rússia.

Os judeus da Rússia (1545-1835)

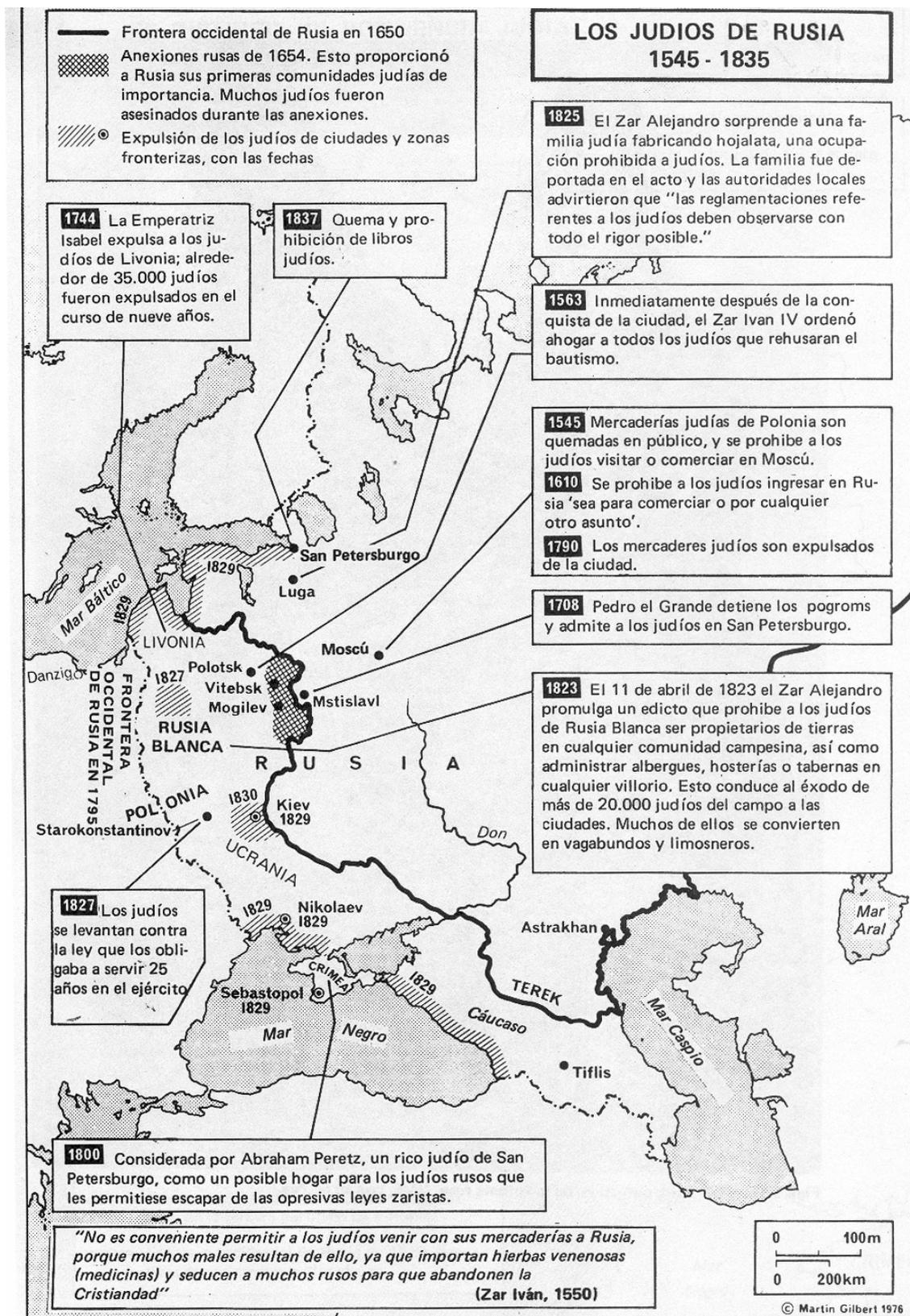


Figura 6

Fonte: Gilbert, Martin

Pogroms e perseguições na Rússia, 1871-1907.



Fonte: Gilbert, Martin

Figura 7

1.3- O pogrom de Kishinev

Kishinev era a capital da Bessarabia, uma grande cidade com mais de quarenta mil judeus.

Estimulado pelo anti-semitismo disseminado pelo governo russo dirigido pelo czar Nicolau II em abril de 1903 ocorreu nessa cidade, um dos mais violentos *pogroms* que chamou a atenção dos judeus russos das outras cidades e de todas as nações civilizadas.

O pogrom já vinha sendo preparado havia alguns anos, por um gângster de nome Pavolaki Krushevan, um instrumento dócil na mão das autoridades centrais de São Petersburgo e dono de um periódico anti-semita, *Bessarabetz*, aliás único jornal com permissão de circular na cidade.

Krushevan, estimulado pelas autoridades oficiais que proibiam todo e qualquer desmentido, acusava os judeus de se apoderarem de toda a Rússia e não havia nenhuma maneira de desmascarar aquele veículo de intrigas e calúnias junto à população cristã.

Não se limitou o dirigente desse pasquim simplesmente a escrever, mas passou a organizar grupos paramilitares, destinados a preparar o ambiente para o dia que chamou de “a grande matança”.

O pretexto para o início do pogrom foi a divulgação de mais uma das mentiras divulgadas pelo grupo, de que os judeus tinham matado um rapaz cristão, para usar seu sangue na festa de *Pessach* que se aproximava, numa repetição do libelo do sangue inventado no século XII, na França.

O resultado desse sangrento episódio foi de quase cinquenta mortes, quinhentos e cinquenta feridos, muitos com gravidade, 2.080 casas e lojas quase completamente destruídas e mais de mil famílias sem teto.

Os assaltantes roubavam e saqueavam jóias, roupas, sapatos e tudo que estivesse a seu alcance.

Houve muitos atos heróicos por parte dos judeus, porém a defesa se viu frustrada pela ação da polícia.

O Ministro do Interior von Plehve foi considerado o mentor principal do pogrom, além do governador von Raaben, o chefe da polícia Janschaikov e o comandante da polícia local, von Lovendal, assim como o próprio juiz de instrução Davidov e outros. O governador, homem cínico e negligente, não dera nenhuma atenção à delegação judaica, que o visitara anteriormente, e que o tinha colocado a par do perigo que ameaçava a comunidade judaica de Kishinev.

Von Plehve buscava um recurso psicológico para quebrar a tendência revolucionária das massas, especialmente durante a guerra contra o Japão, e o encontrou nos *pogroms* contra os judeus.

Dentre os russos encontravam-se algumas personalidades que procuraram ajudar os judeus durante o triste acontecimento como o Engenheiro Kusch, administrador do Corpo de Bombeiros, que salvou muitas pessoas utilizando bombas com esguicho de água contra os atacantes, bem como outros, como o Prefeito da cidade, Karl Schmidt, que sempre foi amigo dos judeus e o Dr. Nicolai Doroshevski, diretor do Hospital Regional, que se desdobrou em socorrer as vítimas e fez publicar em um jornal de São Petesburgo seu repúdio público contra o pogrom e seus responsáveis. Por essa razão ele foi demitido do hospital.

O pogrom de Kishinev foi considerado muito mais cruel que todas as outras perseguições contra judeus já realizadas até aquela época, como as Cruzadas, a Inquisição e as matanças violentas organizadas em 1648, na Polônia, pelo chefe dos cossacos, Chmielnicki.

Os acontecimentos de Kishinev refletiram-se na literatura. Chaim Nachman Bialik, foi enviado pela Associação dos Escritores Hebraicos para cobrir os acontecimentos de Kishinev, e seu relatório ainda não estava pronto, quando toda a imprensa mundial

noticiou o triste acontecimento, ocorrido com os judeus de Kishinev. Posteriormente ele escreveu sobre o assunto uma obra-prima da literatura judaica, *A Cidade das Matanças*

Na área política, contribuiu para o desenvolvimento do movimento do Bund e do movimento Sionista. Para os judeus de Kishinev, a responsabilidade total pelo derramamento de sangue foi do czar Nicolau II e de sua corte.

1.4- Gráfico comparativo

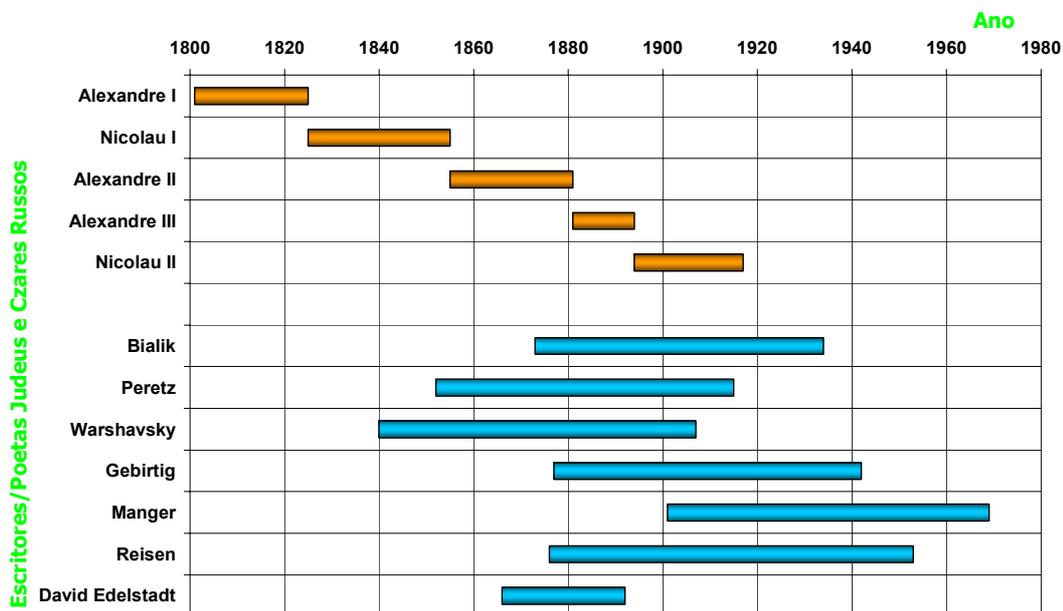


Figura 8

| Nome | Ano Inicial | Ano Final | Longevidade / Reinado |
|-----------------|-------------|-----------|-----------------------|
| David Edelstadt | 1866 | 1892 | 26 |
| Reisen | 1876 | 1953 | 77 |
| Manger | 1901 | 1969 | 68 |
| Gebirtig | 1877 | 1942 | 65 |
| Warshavsky | 1840 | 1907 | 67 |
| Peretz | 1852 | 1915 | 63 |
| Bialik | 1873 | 1934 | 61 |
| Nicolau II | 1894 | 1917 | 23 |
| Alexandre III | 1881 | 1894 | 13 |
| Alexandre II | 1855 | 1881 | 26 |
| Nicolau I | 1825 | 1855 | 30 |
| Alexandre I | 1801 | 1825 | 24 |

CAPÍTULO 2---A BIOGRAFIA DOS POETAS E SUAS CANÇÕES

2.1 BIOGRAFIAS

| | | |
|------------------------------------------|--------------------|-----------|
| 2.1.1-ABRAHAM REISEN | (1876-1953) | 54 |
| 2.1.2-ITZIK MANGER | (1901-1969) | 58 |
| 2.1.3-MORDCO GEBIRTIG | (1877-1942) | 65 |
| 2.1.4-MARK WARSHAVSKY | (1840-1907) | 69 |
| 2.1.5-I.L.PERETZ (Itzhok Leibush) | (1852-1915) | 72 |
| 2.1.6-CHAIM NACHMEN BIALIK | (1873-1934) | 77 |
| 2.1.7-DAVID EDELSTADT | (1866-1892) | 80 |

2.1.1 ABRAHAM REISEN (1876-1953)

רײַבער, די סאַמע, קױינע, האָט זיכער ספּריט, און סאַלעריט דעם סאַן דעם



אַנדרעס רײַזען צו די 75 יאָר

Nasceu em 10 de abril de 1876, em Koidenovo, hoje Dzerzhinsk, um vilarejo pobre da província de Minsk, que um dia já pertenceu à Lituânia, filho do comerciante e também poeta Kalmen Reisen. Por influência paterna, Reisen começou bem jovem a escrever no *Yidicheer Folksblat* de São Petersburgo. Seu primeiro poema, escrito aos quinze anos de idade, foi publicado na antologia de I.L.Peretz e Dineson, *Yiddishe Bibliotek* (1891). Estudou Guemora e, simultaneamente, russo, alemão e matérias de conhecimento geral. Leu

livros da literatura russa e especialmente traduções de obras estrangeiras.

Com o falecimento de sua mãe, ele se transferiu para Minsk, capital da província, tornou-se professor particular e tomou conhecimento dos escritores clássicos do ídiche como Mêndele Mosher Sforim, Sholem Aleichem e outros. Com as aulas particulares ele teve a oportunidade de conhecer pessoas de todas as classes sociais e, em especial, dirigentes judaicos, pioneiros do mundo socialista e dos trabalhadores.

A Lituânia fez parte do reino da Polônia durante os séculos XVI a XVIII, porém o país caiu sob o domínio russo, tendo permanecido assim até o final da Primeira Guerra Mundial. A própria Polônia, depois de sua terceira partilha em 1795, entre Áustria, Prússia e Rússia, teve inteiramente seu território sob o domínio russo, a parti de 1815 e somente readquiriu sua independência em 1918. Em decorrência deste fato, em que a Lituânia e a Polônia perderam a sua independência, a história dos judeus lituano-poloneses passou a ser similar à dos judeus russos.

Em 1895 teve que se alistar no exército, levando de início uma vida muito difícil. Sua situação somente melhorou quando passou a atuar como músico na orquestra do exército, uma de suas qualidades que muita gente desconhecia. Mas, mesmo sendo

soldado, manteve contato com escritores e produziu trabalhos literários que foram publicados na imprensa.

Depois de servir no exército russo mudou-se para Varsóvia, onde com Sholem Ash e Nomborg, formou um triunvirato dos principais discípulos de I.L.Peretz. Cedo foi reconhecido como talentoso poeta e escritor de contos. Foi editor de jornais literários e fez traduções dos poetas hebreus medievais e modernos, bem como dos clássicos russos, para o ídiche.

Sua colaboração com o primeiro jornal ídiche em 1903, *Der Frainit*, (*O Amigo*), ressaltou seu nome como grande poeta e contista. Em 1904, para não se envolver novamente na guerra como soldado, abandona a Rússia e começa a viajar para o exterior, visitando Viena, Paris, Londres e outras grandes cidades. Teve um papel preponderante na Conferência de Czernowitz de 1908, na qual o ídiche foi proclamado a língua nacional do povo judeu.

Em 1908 esteve em New York e, quando voltou, foi para Cracóvia onde editou os jornais, *Dos ÍdicheVort*, (*A Palavra Judaica*) e *Kunst un Lebn*, (*Arte e Vida*). Em Vilna e Varsóvia desenvolveu um rico trabalho literário, editando as coletâneas de suas canções e contos. Em 1911 ele se encontrava de volta New York onde editou *Dos Naie Land*, (*O Novo País*), no qual demonstra seu amor pela língua ídiche. Chegou ainda a voltar mais uma vez a Varsóvia, bem como a diversas cidades da Rússia.

Uma edição de seus poemas e histórias foi publicada em 1917, em 12 volumes, volumes adicionais de prosa e verso foram publicados em New York, Vilna e Moscou. Suas memórias, *Episodn fun main lebn*, (*Episódios da Minha Vida*), em 3 volumes (1929/1935), é uma importante fonte da moderna literatura ídiche e da biografia de seus criadores. Foi um escritor prolífico, publicando um conto e dois poemas a cada semana, durante anos, nos diários judaico-americanos. Suas histórias foram utilizadas como textos favoritos para as crianças das escolas de ídiche.

Muitos de seus trabalhos foram traduzidos para o inglês e outras línguas e freqüentemente reproduzidas em antologias. Foi um grande poeta lírico e popular

expressando nos seus contos e nos seus poemas a alma e o sofrimento do proletariado judaico.

A opressão sofrida pelo povo judeu, na Rússia Tzarista, as constantes ondas de *pogroms* que se sucederam entre os anos de 1881 a 1907, promovidos por organizações anti-semitas com o aval do governo russo, em um grande número de cidades, como Kerson, Kiev, Poltava, Varsóvia, Odessa, Kishinev deixaram numerosas vítimas e grandes danos materiais entre a população judaica. Estes *pogroms* estimularam uma violenta onda emigratória que atingiu entre os anos de 1899 e 1924, um total aproximado de 1.200.000 pessoas, que se dirigiram para os Estados Unidos. Foi então que, um grande número de poetas judeus deixou a Rússia. Entre eles encontrava-se Reisen, que se estabeleceu definitivamente em 1914, em New York. Os poetas que chegaram em seus anos de maturidade ao Novo Mundo, continuaram a escrever como antes, tendo sido seu estilo e a temática, modificados apenas pelo novo ambiente.

Por ocasião de seu jubileu, houve uma comemoração entusiástica no mundo literario judaico. Faleceu em 1953, com 77 anos de idade.

Seu irmão Zalman Reisen (1887-1941) foi preso na Polônia porque se opôs à decisão do governo de obrigar os judeus a aceitarem o domingo como dia de descanso. Zalmen colaborou com o *YIVO*, Instituto de Pesquisa Judaico, que ele ajudou fundar. Editou o jornal *Yiddish Filolog* e grande número de livros incluído a edição de bolso: *De Mendelssohn a Mêndele* (1923). Em co-autoria com Fridkin, escreveu *Peretz Zain Lebn un Zain Verk*, (*Vida e Obra de I.L.Peretz*), bem como traduziu para o ídiche clássicos europeus. Quando as tropas soviéticas ocuparam Vilna em 1939, ele foi preso novamente. Quando Vilna voltou para a República Lituana, ele foi levado para a Rússia e fuzilado em junho de 1941. Não foi dada nenhuma explicação sobre sua prisão e sua execução pelos russos. Abraham tivera mais sorte do que seu irmão, emigrando para a América.

O Ateneu Literario do *YIVO* da Argentina publicou em 1966 o livro *Canções, Contos e Recordações*, em que consta a crítica literária das obras de Abraham Reisen bem como 142 de seus poemas, 32 contos e 22 poemas transformados em canções

musicadas, com as respectivas partituras. A segunda edição dessa obra foi publicada em 1969.

Algumas de suas canções estão incorporadas ao cancionário popular ídiche como, por exemplo, *Mai Ka Machma Lon?*, (*O Que Vem a Ser Isso?*), poema no qual um estudante do Talmude num canto melancólico, lamenta que durante as chuvas não possa usar suas botas, que estão furadas e no inverno não tenha agasalho suficiente para se proteger do frio, expondo assim a pobreza do judeu do *shteitl*.

Essa mesma pobreza e o contraste social ele nos mostra na canção *Ao Martelo*, em que um pobre sapateiro, em condições de vida difíceis faz sapatos para moças ricas e, no simbolismo do trabalho rápido de seu martelo, ele vê a única maneira de seu sustento. Na canção *Zog Maran* (*Diga, Marrano*), ele nos lembra a época da Inquisição espanhola, a perseguição sofrida pela comunidade judaica, seu conformismo à situação reinante, mantendo a fidelidade à sua crença.

Um marrano se esconde numa caverna para realizar o *seder* de *Pessach*. Perguntam-lhe o que acontecera quando ouvirem os seus protestos e ele responde tristemente: Quando o inimigo me aprisionar eu morrerei cantando!

Outra canção conhecida de Reisen é: *Shvimt dos kestrl afn taich* (*Flutua o Cesto no Rio*) na qual ele expõe o contraste entre a maldade do Faraó do Egito e a bondade das águas do Nilo, que permitiram a sobrevivência de Moisés, o libertador dos judeus da escravidão no Egito.

2.1.2 ITZIK MANGER (1901-1969)



Poeta judeu, dramaturgo e romancista, nasceu em 30 de maio de 1901, na cidade de Czernowitz⁴. Aprendeu folclore judaico e poesia com seu pai, que era alfaiate de profissão e que improvisava versos rimados. Seu irmão Nute, que também nasceu em Czernowitz, em 1907, era um literato e seu conselheiro. Seu tio também se chamava Nute. Todos eles, inclusive o poeta Manger, foram inicialmente alfaiates. A família é procedente de Kolomai, Galícia. Seu avô foi carroceiro e sua avó materna, contista e cantora de canções populares.

Estudou em um *cheider*, a escola religiosa tradicional do *shteitl* daquela época, depois cursou e concluiu a escola primária e o ginásio oficial, de orientação alemã. Estudou o ídiche em seu país natal, a Romênia.

Publicou, em 1921, *Retrato de um Menino*, no jornal *Kultur*, dirigido por Eliezer Staimberg, que o estimulou a colaborar em jornais literários da Romênia, Polônia e América do Norte. Seu primeiro livro de poemas saiu em 1929, *Shtern Oifn Dach*, (Estrelas no Telhado) e em seguida, em 1930, publicou *Lantern in vint*, (Lanternas ao Vento).

Em 1928 estabeleceu-se em Varsóvia, onde fez palestras, bem como em outras cidades polonesas, sobre literatura judaica e européia, baladas e humor judaico, tendo sido apreciado especialmente pelos jovens. Em 1929 edita em Czernowitz o jornal

⁴ Czernowitz: cidade da Ucrânia soviética que em 1774 tinha passado para o domínio Austríaco. Em 1918 foi incorporada à Romênia. Em 1940 havia cerca de 50.000 judeus na cidade, cuja maioria foi deportada para os fornos crematórios em 1941/1942, durante a ocupação nazista. Depois da Segunda Guerra Mundial houve um fluxo de judeus da URSS, fazendo a população judaica crescer, em 1959, para 42.140 pessoas.

Getzailte Verter que, mais tarde, depois de uma certa interrupção, aparece em Cracóvia (1930) e em Riga (1933).

Sob a influência dos líricos alemães e dos *badchonim*, como Eliakun Zunzer⁵, tornou-se poeta popular, inicialmente com suas baladas e depois com canções satíricas de *Chumach Lider* e *Megila Lider*.

Em *Chumach Lider (Canções do Pentateuco)*, 1935, Manger retrata figuras patriarcais, como judeus contemporâneos, com todos os sentimentos e defeitos dos judeus do *shteitl*. Seus poemas conferem certa graça aos fatos bíblicos. *Eva se encontra junto à macieira/ O pôr do sol é vermelho/ O que você sabe, mãe Eva/ O que você sabe sobre a morte?/ A morte é a macieira/ Que baixa os seus ramos/ O pássaro da noite sobre a árvore/ Que canta sua canção noturna/ E Eva arranca uma maçã da árvore/ E se sente extremamente leve/ (Poemas: Eva e a macieira e Eva traz a maçã para Adão }:*

A fala de Sara para Abraão: *Quando teremos um filho?/ Já somos os dois bastante idosos/ Sabes, Abraão, toda noite/ Eu ouço meu corpo vibrar/ E Agar somente é tua empregada / Eu sou tua verdadeira mulher/ Abraão, nosso pai, dá um sorriso e se cala/ Solta fumaça de seu cachimbo/ Minha querida mulher, quando Deus quer/ Ele dá tiros até com uma vassoura.*

A empregada Agar está sentada na cozinha/ Uma fumacenta lamparina está acesa/ E fantasmas de gatos e ratos/ Se encontram nas paredes cinzentas/ Ela chora, seu patrão/ mandou-a hoje embora/ Ela leva um avental verde de seda/ E um chapéu de palha de verão/ Coisas com que ele a presenteou/ Quando passeavam no prado/ Lá onde passa um trem.

E Agar lamenta: *Assim como a fumaça da chaminé/ E assim como a fumaça do trem/ Assim é, minha querida mãe/ O amor de um homem.*

⁵ Eliakun Zunzer (1836-1913) foi um poeta trovador, continuador dos *badchonim* da idade média, que cantavam e tocavam nos casamentos, exaltando os noivos e seus familiares. com rimas semi improvisadas, humorísticas e sentimentais. Ele estendeu sua poesia também para a crítica social e um apego à justiça. Autor das canções que fizeram grande sucesso como: O aristocrata (*Der aristocrat*); A canção do trem de ferro, (*Dos lid fun aizen ban*); O arado, (*Di soche*) e outras

Agar permanece chorosa/ com o filho na mão/ e seus olhos se movem/pela última vez sobre as paredes./ O cocheiro pechincha fora/ com Abraão sobre a tarifa/ Ponha seu Abraão mais alguns níqueis/ São realmente duas pessoas. (Poemas: Abraão e Sara, A última noite de Agar junto a Abraão e Agar deixa a casa de Abraão)

Nas *Meguile Lider*, ele transforma a história original do Livro de Ester em drama lírico, acrescentando à história original novos incidentes, como a rivalidade entre o alfaiate Fastrigsa e o rei Assuero pelo amor da Rainha Ester: *O rei dorme, mas a rainha/ Não consegue adormecer/ Ela observa as sombras na parede/ Os olhos cheios de lágrimas/ Ela agora pensa em Fastrigsa/ O pálido oficial de alfaiate/ E que ele realmente gosta dela/ Ele não consegue alcançar sua vontade/ E cá está a última carta dele/ Ela tem medo de pegá-la/ Ele escreve com lágrimas e não com tinta/ Ele pretende se suicidar/ E apesar de saber já cem vezes/ Ele lhe escreveu o mesmo/ Nada aconteceu graças a Deus/ Ele continua vivo.(Poema: A rainha Ester não consegue dormir).*

Sobre a vingança contra Hamã, o ministro de Assuero, o rei do Império Persa que então dominava a Judéia e que pretendia saquear e exterminar todos os judeus do reino, ele escreve: *Estão levando Hamã/ Para o mercado, para o cadafalso/ Lá vão enforcá-lo/ Cadafalso, cadafalso/ Vocês sabem quem eu sou/ Deixem-me despedir, pelo menos de meus filhos/ Teus filhos, Teus filhos/ Os traremos para ti/ E os levaremos contigo para enforcá-los também. Poema: (Levam Hamã para o cadafalso)*

Fugindo do nazismo, Manger se estabeleceu em Londres durante a Segunda Guerra Mundial, onde morou por mais de dez anos. Emigrou para os Estados Unidos em 1951 e em 1967 estabeleceu-se em Israel

Em sua obra *Noente Geshtaln*, (1961) ele homenageia Goldfaden, Eliakun Zunzer, Berl Broder e outros predecessores. Alguns de seus poemas líricos e sentimentais foram encenados como musicais em 1967, em Israel, e no ano seguinte, nos Estados Unidos, em inglês. Seus poemas foram traduzidos para as principais línguas européias e incluídos na *Antologia dos Poetas Mundiais*, da Unesco, em 1961.

Quando Manger tinha sete anos de idade, ocorreu em Czernowitz, a cidade em que nasceu, entre 30 de agosto e 4 de setembro de 1908, a Conferência da Língua Ídiche, onde se procurou estabelecer o ídiche como a língua nacional do povo judeu. Tomaram parte nessa conferência Peretz, Abraham Reisen, Sholem Ash, Nomberg e outros grandes literatos judeus. A conferência ocasionou muita discussão na imprensa ídiche na qual ecoava o lema: “Um povo, duas línguas, duas línguas, uma literatura”.

Os escritores mencionados visitaram as diversas comunidades judaicas da Galícia e Bukovina, para intensificar o interesse pela literatura e cultura ídiche, estimular a criação literária, a pesquisa e divulgação de publicações. Essas viagens criaram as bases ideológicas para a fundação do maior centro de Pesquisas Judaicas da Europa, o *Yivo*.

Em abril de 1948, voltou para Varsóvia, de onde havia saído em 1938, para representar o Pen Clube⁶ de Londres na inauguração do Monumento em Memória do Gueto e falar, em nome de todos os Pen Clubes, sobre a extinção da vida e da literatura judaica na Europa. Em Varsóvia hospedou-se no Hotel Bristol, um dos poucos edifícios que restaram nas ruínas da cidade, ainda assim em contraste com o local onde existiu o gueto judaico, do qual não sobraram nem ruas, nem casas, somente poeira e pedras.

Certo dia, no hotel, recebeu a visita do escritor Kaganovsky e este lhe contou a seguinte história: Depois da guerra, ele e alguns amigos judeus também escritores viajavam de trem de Varsóvia para Lodz e dentro dos vagões se encontravam poloneses que ainda maltratavam judeus, os poucos judeus que ainda restavam na Polônia. Mais grave ainda acontecia nas paradas em pequenas estações, quando bandos armados entravam no trem e retiravam alguns judeus aleatoriamente, para assassiná-los.

⁶ Pen Clube- Associação Nacional de Escritores, fundada em 1921, em Londres, e que organizava Congressos anuais.

Uma senhora idosa sentada no vagão onde eles se encontravam, notou que ficavam brancos e amedrontados quando o trem se aproximava das estações e, dirigindo-se ao grupo disse: Porque têm tanto medo? Vocês estão entre gente, as mães polonesas também são gente.

Em seguida ela contou que lera uma canção judaica, *Oifn Veg Sthait a Boim*, em tradução polonesa de Antoni Slominski e por isso tinha assim se expressado sobre as mães polonesas, que ela considerava tão protetoras quanto as mães judias.

Ouvindo uma palavra amiga, ficaram aliviados e então contaram a ela que eram escritores e amigos do poeta que escrevera a canção, de que ela se lembrara. Por fim eles chegaram íntegros à cidade de Lodz.

Continuando sua narração, Kaganovsky⁷ menciona uma jovem, típica polonesa de aspecto ariano e de aparência ríspida, que consideraram ser pouco amiga de judeus, razão pela qual a ignoraram. Não lhe deram nenhuma atenção e sem sequer olharam para ela, ao se despedirem da senhora idosa polonesa, quando chegaram a Lodz.

Quando andavam na estação em direção à saída a jovem os alcançou, e os fez parar, contra a vontade deles. Em seguida ela se dirigiu ao grupo e contou que era judia, que se fizera passar por polonesa durante a guerra, conseguindo assim escapar viva dos alemães e em seguida caiu em pranto. Foi assim que os diálogos em torno da canção judaica *Oifn Veg Shteit a Boim* conseguiram revelar a verdadeira identidade de uma pessoa.

Sobre esta canção há ainda uma outra história, contada por Marek Edelman, também sobrevivente do gueto de Varsóvia e igualmente relatada por Kaganovski, nesta sua visita a Manger. Conta ele que havia uma moça combatente no gueto de Varsóvia que cantava, *Ale foiglen fun dem boim zenem zich tzefloign*, (*Todos os pássaros da árvore a abandonaram*) em alusão às mães, pais, irmãos e amigos, os mais lindos “pássaros” do judaísmo polonês que se foram. Isso ficara gravado em sua mente como um símbolo de nossa virtuosa juventude judaica da Polônia.

Manger então ficou comovido com as implicações da sua canção. No entanto contou que a escrevera na década de 30, em homenagem à sua mãe, uma mãe judia simples, que não sabia nem ler, nem escrever, mas que nutria um desmedido amor por seus filhos.

Mais tarde, porém, ele ficou sabendo que o alvo do amor de sua mãe não era ele, *Itzik minha jóia*, mas seu irmão Nute, que falecera prematuramente, de fome, com 35 anos de idade e cujo túmulo se encontra no cemitério judaico de Samarkand, no Usbequistão (União Soviética). Coincidentemente, nessa mesma região, em 1942, onde as pessoas se refugiaram da guerra e morreram aos milhares, de fome, frio e de doenças, faleceu também o grande músico e maestro judeu polonês, Moshe Shniur (1885-1942).

Seu tio Nute faleceu com 24 anos de idade, durante a Primeira Guerra Mundial. Ele foi convocado para o exército austríaco, enviado com um regimento de Kolomai, ao *front* italiano, onde foi mortalmente ferido, e faleceu num hospital tcheco. Um herói da pátria austríaca, a pátria que produziu Hitler, os anti-semitas e os assassinos da população judaica européia. Os Nutes de sua família não tiveram sorte, como dizia Manger.

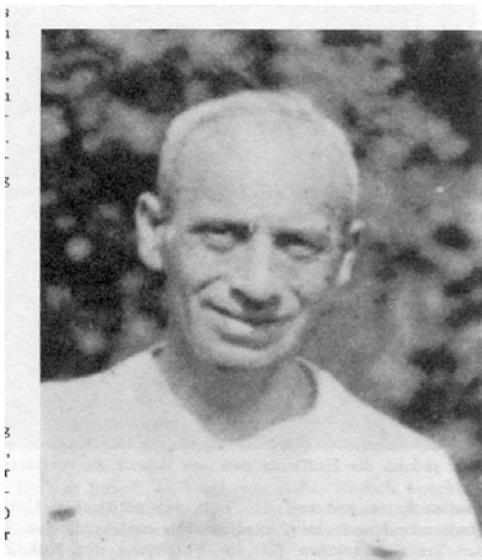
O poema *Oifn veg shteit a boim*, escrito por Manger, foi baseado numa canção popular. As duas estrofes iniciais vêm de uma canção que exprime a saudade de Sion: *Oifn veg shteit a boim, shteiter aingeboign/ Fort a id avec cain Eretz Isroel mit farveinte oign, (No caminho há uma árvore, que se encontra encurvada/ Vai um judeu para Eretz Israel com lágrima nos olhos).*

Manger escreveu dezenas de outros poemas, muitos dos quais foram musicados e transformados em canções como *Di goldene pave, Ainzam, Unter di churves fun Poiln, Mit farmachte oign, Ze dos klaidl tateshe, Idl mitn fidle*, canção feita para o filme homônimo, estrelado pela grande atriz e cantora Molly Picon, *Fastrigsa shikt a grus mit a feigl, Rabeinu Tam*, também conhecido como *Haidl, didl dam*. O poema *Rabeinu Tam*, segundo Manger, foi escrito por um alfaiate, durante um sábado, para

⁷ Efrain Kaganovsky, (1893-1958), escritor judeu de projeção internacional.

magoar nosso rabi, e um humorista risonho inseriu seus próprios versos rimados. Esta declaração do poeta faz parte das últimas estrofes da canção.

2.1.3 Mordco Gebirtig (1877-1942)



Mordco Gebirtig é considerado o último e autêntico poeta popular da comunidade judia polonesa. Esta sofrida comunidade conseguiu, apesar dos *pogroms* e constantes atos anti-semitas, da Polônia de antes da Segunda Guerra Mundial, criar e desenvolver sua cultura e produzir os maiores expoentes artísticos e literários da época.

Gebirtig nasceu em 4 de maio de 1877, na cidade de Cracóvia onde passou a maior parte de sua vida. Trabalhou desde jovem como marceneiro e viveu em extrema pobreza, com sua mulher Bluma e suas três filhas: Schifrele, Chava e Léia.

Ele tinha uma queda natural para música e pelo teatro e logo começou a tomar parte ativa nos meios artísticos e grupos dramáticos. Participou então de diversas representações teatrais e posteriormente começou a produzir canções.

Interessou-se também por política, tornando-se membro do Partido Democrata Social Judeu, da Galícia. Na mesma época, o jornal *Social Democrata* começou a publicar as suas canções e ele participava de noites artísticas e literárias declamando seus poemas.

Suas canções foram criadas durante o trabalho, na oficina de marcenaria que mantinha em casa, tendo sido musicadas ao som do assobio ou dedilhando no piano. As notas musicais foram registradas por seu conterrâneo, o músico Julius Hofman.

Na época da Primeira Guerra Mundial, serviu no exército austríaco, durante cinco anos e, nas suas horas de folga, sempre escrevia canções, que começaram a ser cantadas na Galícia e logo se tornaram populares em toda a Polónia.

Algumas das canções, como *Klainer Iossim, A Malach is geboirn*, tornaram-se conhecidas nas coletividades judaicas de todo o mundo. Logo se seguiram *Untergeit di velt e Vig lid*.

Em 1920 foi publicado em Cracóvia o seu primeiro livro de canções sob o nome de *Folkstimlech*. Algumas de suas canções foram incorporadas à opereta de Moshe Shor, *Di Rumenishe Chasene*.

O nome de Gebirtig passou a ser conhecido pela divulgação que dele faziam os jornais de língua ídiche. As composições *Huli, huli kinderlech e Kinder iorn* tornaram-se logo canções internacionais judaicas.

Sua filha Léia apresentava as canções em concertos e assim elas foram se tornando conhecidas não somente em Cracóvia, sua cidade natal, como também em outras cidades polonesas.

Após a tomada de Cracóvia pelo exército nazista, Gebirtig refugiou-se com toda sua família num povoado próximo, chamado Lagnevnik, onde continuou sua obra.

Em 1941 foi aprisionado e levado com a família de volta para Cracóvia, onde os alemães criaram um gueto para confinar os judeus. São dessa época suas obras conhecidas como canções do gueto: *Schifreles portret, Es tut vei, Blaib gesunt mir Cracov, Main cholem, In gueto, Es is gut e outras*.

Gebirtig foi assassinado por um soldado nazista em 4 de junho de 1942. Em 5 de janeiro de 1945 foram assassinadas suas duas filhas, Chava e Léia, não sendo conhecido o paradeiro de sua terceira filha nem de sua mulher.

Mordco Gebirtig, grande poeta e cantor popular criou obras importantes que se disseminaram pelo mundo judaico. Suas canções constituem um mosaico de

sofrimentos, de alegria e de esperança e abordam temas como: o amor judaico, a vida familiar, mãe e filho, costumes e tradições, bem como a pobreza do judeu do shteitl que ele descreveu com grande realidade e tristeza.

Dentre as canções mais conhecidas, além das já mencionadas e cantadas até hoje em todo mundo podemos citar: *Kinder yorn*, *Main jubil*, *Avreiml Marvicher*, *An arbetlozer*, *Hei tzigale*, *Zog mir levone*, *Drai techtelech*, *Reizele*, *A nedove*, *Erev Yom Kipur*, *Di Zun is fargangen*, *Hei klesmorim*, *Yankele*, *Baim taichele* e outras, totalizando mais de uma centena.

Gebirtig foi sucessor de outro criador de puras canções populares, o advogado, intelectual, compositor e músico amador Mark Warschavsky, autor das canções: *Oifn pripetchik brent a faierl*, *Dem milners treren*, *Di mesinke oisgegebn*, *Dos lid fun broit* e outras.

As canções de Gebirtig, *Avreimle Marvicher*, *mótele*, *Dos alte porfolk* e outras foram levadas ao palco e representadas por pequenos conjuntos teatrais em um grande número de cidades polonesas. Em 1936 foi publicado o seu segundo livro: *Maine Líder*, na cidade de Vilna, em uma bela apresentação, na tiragem de mil exemplares, com cinquenta canções e respectivas partituras.

Em 1954 a Associação Central dos Judeus Galicianos da Argentina publicou um livro com vinte e nove canções selecionadas e respectivas partituras, em edição da Awigdor Spritzer.

Em 1963, o *IKUF* de Buenos Aires publicou em sua homenagem o livro *Mordco Gebirtig Singt* contendo a maioria de suas canções, bem como das respectivas partituras. O livro também foi uma homenagem ao vigésimo aniversário do Gueto de Varsóvia.

Em 1967, foi publicada uma edição de sua obra, cópia dos originais que se encontram no arquivo Morashot, em Israel, além de algumas traduções em Hebraico. Mais recentemente, na Alemanha, foi publicado o *Liederbuch* com noventa canções

de Mordco Gebirtig, de autoria do escritor, músico e cantor, Manfred Lemm, um dos maiores divulgadores das músicas de Gebirtig na atualidade.

4-Mark Warshavsky (1840? –1907)



Nasceu em 1840 na cidade de Zhitomir, Rússia. Sua data de nascimento é dada por alguns como 1845 e por outros como 1848. Graduou-se na Universidade de Kiev como advogado, tendo exercido a profissão nessa mesma cidade. Faleceu na cidade de Kiev em 1907, data que coincide com todas as fontes consultadas.

Ele improvisava versos e cantava em público, em reuniões sociais e festivas, acompanhado de violão, mas não percebeu o valor literário e popular de suas canções, até que foi apresentado ao grande escritor Sholem Aleichem (1859-1916) que o encorajou a publicá-las.

Warshavski nunca tinha se preocupado em publicar seus trabalhos, tendo confessado que na juventude tinha freqüentado a Escola Rabínica de Zhitomir, e tinha estudado pouco o ídiche, que acabou esquecendo completamente, de modo que isso o impedia de escrever suas canções. Sholem Aleichem não se deu por vencido e encontrou um meio de resolver esse problema.

Ele o fez ditar o texto, e um músico registrou as notas. Assim saiu publicada a primeira edição de suas canções *Canções Populares com Notas*, composto de vinte e cinco poemas, com o prefácio do próprio Sholem Aleichem, em 1900, numa edição de mil exemplares que se esgotou em pouco tempo.

Seu sucesso foi imediato, logo depois da publicação do livro quando eles se associaram como atores itinerantes para audiências judaicas, em que Sholem Aleichem lia suas histórias e Warshavsky apresentava suas canções.

Uma segunda edição, póstuma, com poemas adicionais foi publicada em Odessa em 1914. No prefácio dessa edição, Sholem Aleichem lamenta o fato de que o autor

daquelas canções, que constituíam uma demonstração importante da cultura judaica, já tivesse sido esquecido naquela ocasião. Uma terceira edição de sua obra foi editada em 1918, na cidade de New York e a quarta edição, em Buenos Aires, por S. Rollansky, em 1958.

Muitas de suas canções foram publicadas em folhetos e em diversas revistas. As canções e os poemas de Warshavsky, escritos num estilo simples, descrevem a alegria e a tristeza da vida diária, falam da criança, da família judia, bem como do futuro do povo judeu. Em contraste com muitos escritores deste período, que geralmente eram críticos do comportamento judaico, ele descreveu com entusiasmo o comportamento e os hábitos de vida dos judeus do *shteitl*.

A canção *Der alef beis, Oifn pripetchik*, tornou-se uma das melhores canções, alcançando o *status* de canção popular. Suas composições para casamentos, bodas e seus hinos à Sião trouxeram alegria, conforto e esperança para os judeus russos, vítimas da opressão czarista. As canções de Warshavsky tornaram-se bastante populares e foram publicadas e cantadas tanto na Europa Ocidental como nos Estados Unidos.

Sua canção *Leshono habo b'Eyerusholaim*, (No próximo ano em Jerusalém) alcançou a maior popularidade, com a descrição da alegria de viver em paz e em trabalho produtivo no seu próprio país, onde não mais correria o sangue judeu. Em *Dos lid fun broit*, (A canção do pão), dedicada aos colonos judeus para ser cantada no campo, após o trabalho, assim ele se expressou:

| | | |
|-------------------------------|------------------------------------|----------------------------------|
| Grande Deus! Cantamos canções | Deixe o sol nos queimar, chamuscar | Deixe que nossas crianças saibam |
| Você sozinho é nossa salvação | Ele brilhou para nossa felicidade | De uma boa vida no mundo |
| Irmãos recolham os feixes | Vejam o trigo que ceifamos | Que o pão e cada pedaço |
| Antes que o sol se ponha | Crianças, nunca dêem marcha à ré | Provêm de nosso próprio campo |

Der alef beis, a canção de Warshavsky cantada no mundo inteiro, foi escrita em Kiev, em 1900, e é mais conhecida por *Oifnp pripetchik*, constando de três estrofes e um refrão. Não se conhecem as razões dessa mudança, mesmo porque Warshavsky deu bastante ênfase ao aprendizado do *Alef beis*, com objetivos claros. Não se trata simplesmente de uma glorificação da antiga escola judaica, o *cheider* como alguns pretendem interpretar, mas aprender o hebraico para utilizá-lo no futuro Lar

Nacional, como dá a entender a versão completa da canção. A música desta canção foi utilizada posteriormente na trilha sonora do filme baseado na vida de George Gershwin

Outras canções deste grande poeta, músico e advogado são *Dem milners treren Di mezinke oisgegebn, Taire Malke, Der fodem, Di mechetunem geien, Ahtzik er un zibetzik zi, Kinder mir hobn Simchas Toire, As di yontevdike teg, etc*⁸

As primeiras gravações das músicas de Warshavsky foram feitas pela Fundação Chaim Zhitlowsky e mais recentemente, em 1988 por um judeu americano, grande apaixonado pela música judaica, Michael Schlesinger, diretor da Global Village Music, que paradoxalmente não fala o ídiche, porem já produziu dezenas de CD's de música judaica. Algumas músicas também se encontram em CDs de outras gravadoras tendo como cantores Theodore Bikel, Hay and Topsy Frankl, Chava Alberstein, Slawa Przybylska e outros⁹

As letra e partituras de cerca de dez canções de Warshavsky foram compiladas pela organização judaica de New York, Workman's Circle Education Department, a partir de 1972 e publicadas nos livros *Mir trogn a gezang, Pearls of yiddish Songs* e *Songs of generations*, de autoria de Eleanor Gordon Mlotek e Joseph Mlotek.

⁸ - A canção *Taire Malke* (também conhecida por *Der becher*) pode ser ouvida no CD, *Theodore Bikel Sings More Jewish Folk Songs e Dem milners trern no CD, Theodor Bikel sings Yiddish Theatre.*

⁹ O CD produzido pela Global Village com as músicas de Warshavsky tem o título: *Songs of Gebirtig and Warshavsky*, e seu endereço nos Estados Unidos é: 245 West 29 th. Street - New York.-10001 Tel. 1-212-695.6024.

2.1.5 I.L.Peretz (Itzchok Leibush) - 1852- 1915



I.L.Peretz, escritor judeu, considerado a figura máxima da literatura ídiche, nasceu em Zamostsh, cidade polonesa da província de Lublin, em 18 de maio de 1852. Seus pais, Yehuda e Riva Peretz, tiveram, além dele, mais três filhos, uma menina e dois meninos. Sua infância se deu num ambiente chassídico, tendo estudado numa *Yeshivá*. Logo em sua juventude, ele se ligou ao Iluminismo, *Haskalá*, movimento que contou com muitos partidários em sua cidade natal.

O Iluminismo se originou na Alemanha e no Leste Europeu durante os séculos XVIII e XIX, principalmente com a atuação de Mendelssohn e dos círculos judaicos e não judaicos ilustrados, e coincidiu com o gradual desaparecimento dos guetos tanto no seu aspecto social, como no econômico. Uma obra importante de Mendelssohn foi a tradução da Bíblia para o alemão, o que veio facilitar o aprendizado deste idioma pelos judeus.

Os partidários da Iluminismo, *Haskalá* chamavam-se “esclarecidos”, *maskilim* termo que corresponde à inteligência russa, ou seja a vanguarda dos intelectuais progressistas. A *Haskalá* partiu da aspiração ocidental que pretendia promover a completa assimilação dos judeus à civilização européia e à vida das nações que os rodeavam, com o cultivo da ciência, literatura, arte e instrução profana.

O movimento mais importante da *Haskalá* alemã foi deflagrado pela *Revista Hameasef* (1784) e pela fundação da Sociedade para Fomento da Literatura Hebraica. Os *maskilim* alemães não quiseram romper com a tradição e, ao contrario,

procuraram vitalizá-la por meio da introdução do ensino secular, demonstrando claramente que se tratava da edificação do judaísmo sobre novos fundamentos, e não de sua destruição. Não como queria o grupo assimilacionista, desejoso de romper com o passado e perder a identidade judaica. Por fim acabou prevalecendo a tendência generalizada da conservação do judaísmo como unidade nacional, tanto que algumas de suas correntes se fundiram com as primeiras correntes do sionismo moderno. E foi nesse ambiente que Peretz desenvolveu sua vocação literária e poética.

Existe a suposição de que a família de Peretz descendia de judeus sefaraditas que chegaram a Zamostsh depois de sua expulsão da Espanha. Sua mãe era boa e religiosa porém ele não herdou dela a religiosidade, e sim a bondade. Seus avós paternos eram comerciantes na cidade de Dantzig e seus avós maternos, da cidade de Leipzig. Seu pai era comerciante de madeira, malsucedido comercialmente.

Estudou alemão, polonês e russo, e quando já se preparava para ingressar num Seminário Rabínico, mudou de idéia, quando se casou aos dezoito anos de idade, em 1870, com a filha do matemático e poeta iluminista Gabriel Judá Lichtenfeld, que publicava poemas em hebraico na imprensa e era também partidário da *Haskalá*. Este fato favoreceu suas inclinações poéticas e ele chegou a publicar, junto com o sogro, um livro de poemas líricos e narrativos.

Como era costume entre os judeus do século passado, tinha-se deixado levar por seu pai, que lhe escolheu a noiva, apesar de seu espírito rebelde. Ele a conheceu na hora em que tirou o véu, durante a cerimônia de casamento. Daí resultou considerar sua esposa sempre uma pessoa estranha. Teve com ela dois filhos, um dos quais veio a falecer jovem. Divorciou-se dela em 1876, e em fevereiro de 1878, contraiu segundas núpcias com Nechame Ringelboim.

Passou alguns anos estudando Direito, tendo-se formado advogado particular, (letrado sem título universitário), o que lhe permitia trabalhar em assuntos de primeira instância e que lhe dava sustentação econômica. Começou a praticar a profissão em Zamostsh, quando então permanecia em contato com a vida e com o

povo, inteirando-se dos problemas econômicos e sociais da população e da visão de um mundo de miséria e penúria que predominava naquela época, nos *shteitls* judaicos, o que influenciou sua orientação literária.

Em 1889, gente invejosa e malvada o acusou de socialista ante as autoridades russas que então dominavam a Polônia, e estas lhe retiraram o direito de exercer a advocacia. Em princípio de 1890, abandonou definitivamente Zamostsh e radicou-se com a família em Varsóvia. De início, sua vida nesta cidade foi muito difícil, tendo trabalhado como advogado com um de seus parentes.

Um banqueiro e publicitário, Jan Bloch, judeu convertido, ligado ao governo russo, interessado em problemas judaicos e em proteger a coletividade, decidiu realizar um recenseamento da população judaica da Polônia, com levantamento de dados estatísticos, profissões, meios de vida, interesses econômicos e espirituais. Contratou então vários escritores e pessoas de conhecimento para visitar as aldeias e vilarejos para a coleta de informações, tendo escolhido entre eles I.L. Peretz.

Peretz começou a se interessar pelo ídiche como idioma literário sob a influência das tendências socialistas e populistas então em voga. Ele acreditava que o ídiche era indispensável para satisfazer as necessidades educativas do povo e foi nesta língua que se tornou um escritor extraordinário, um ensaísta e periodista conhecido particularmente pela descrição da vida chassídica.

Ele é considerado, juntamente com Mêndele Moishe Sforim e Sholem Aleichem uma das principais figuras literárias do ídiche. Começou a escrever neste idioma quando já tinha cerca de quarenta anos de idade, depois de ter conquistado certo renome na literatura hebraica. Em 1891, publicou uma revista literária semestral intitulada: *A Biblioteca Popular Ídiche*, onde escrevia sobre literatura, economia, bem como artigos sobre outras matérias, como química e física.

Em razão das viagens que realizou como recenseador, quando visitava as aldeias e em contato direto com o povo sofrido, escreveu nessa revista umas crônicas interessantes, em que levantava o problema das precárias condições em que vivia a população judaica, o que chamou a atenção dos dirigentes comunitários. Em razão

deste seu brilhante trabalho, foi indicado para trabalhar na *Kehila*, a Comunidade Israelita de Varsóvia, conhecida por *Gmina*, em polonês. Aí trabalhou como funcionário por meio período, permanecendo durante 24 anos, desde 1891 até o fim de sua vida, o que contribuiu para, em parte, aliviar sua difícil situação econômica.

Depois da deflagração da Revolução Russa de 1905, Peretz foi proclamado chefe e dirigente do movimento ídichista, tendo-se tornado, em seus últimos dez anos de vida, um dos principais dirigentes espirituais do povo judeu. Ele introduziu na literatura temas profundos, mas universalmente humanos, em um estilo novo e próprio. Combinou certo romantismo e misticismo com um dom muito realista de observação e de humor fino. Muitos de seus contos foram traduzidos em vários idiomas, inclusive o espanhol. Cada um desses contos apresenta, em síntese, algum aspecto da vida judaica, algum problema humano ou alguma profunda reflexão.

Sua vasta produção literária compõe-se principalmente de contos de vários gêneros. Escreveu vinte e quatro peças teatrais, em geral de um ato, com cenas curtas e diálogos em que apresenta os conflitos, as idéias e os sentimentos relativos aos diversos setores da vida judaica. Peretz foi um dos primeiros escritores, e isto nos fins do século XIX, que se ocuparam do problema da mulher que vivia oprimida, num mundo fechado e sem cultura, em condições de inferioridade em relação ao homem, pregando a sua redenção, especialmente em seus contos *Ira de Mulher*, *Paz Doméstica*, *Venus* e *Sulamita*, entre outros.

Escreveu também um grande número de poemas, cerca de noventa, de vários gêneros, entre eles muitas canções infantis, que foram, porém, de menor importância artística que a de seus contos. Dentre as canções podemos citar, *Perninhas Cobertas*, *Durma Meu Filhinho*, *No Morro Verde*, *Sobre o Ramo Verde*, *Quieto Gatinho*, *Aqui Está uma Árvore*, *Iuchbad*, *Console Meu Povo*, *Pãozinho*, *Bombeiros de Zamostsh*, *De Volta à Casa Velha*, *Tenha Esperança*, *Acreditemos Irmãos*, *Canção de Ninar*, *O Navegante* e outras. Suas canções foram musicadas por Leon Vainer, Eliohu Hirshin, Moishe Milner, Michel Gelbart e outros.

O seu poema considerado mais importante foi *As Três Costureiras*, (*Di Drai Neitorim*) uma abordagem do problema social e econômico da mulher do *shtetl* de sua época, musicado e transformado em canção popular, pelo não menos famoso músico, Moshe Shniur. Embora apresentadas em realizações culturais e artísticas, não encontramos, na vasta discografia consultada, gravações desta canção nem das demais aqui mencionadas.

Em 1985, o Professor Offer Ben Amots, citado no Boletim Informativo n.º 11, do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, publicou o livreto *Shtetl Songs*, contendo nove canções populares, em que incluiu a canção *Di Drai Neitorim*, em tradução inglesa, bem como a partitura, com melodia e acompanhamento para piano, e arranjo de sua autoria.

Peretz era uma boa alma, pois durante os trágicos acontecimentos da Primeira Guerra Mundial (1914/1918) chegou a distribuir todos os mantimentos de sua casa aos necessitados. Ele era ao mesmo tempo guia e mestre dos jovens escritores, tendo sido sua casa, transformada em um centro literário. Faleceu repentinamente no dia 3 de abril de 1915, em Varsóvia, quando se encontrava trabalhando, em sua casa. Nessa data, cem mil pessoas acompanharam o féretro, lamentando a perda desta grande figura da literatura ídiche.

2.1.6 Chaim Nachmen Bialik (1873- 1934)



Nasceu em 1873, no vilarejo de Radi, próximo a Zhitomir, no Estado de Volhynia, Rússia e faleceu em 1934. É considerado o maior poeta hebreu dos tempos modernos. Foi ensaísta, historiador, tradutor, editor e exerceu uma profunda influência na cultura judaica.

O desenvolvimento de Bialik como poeta foi influência do ambiente em que viveu em sua juventude, caracterizado pela simplicidade e o fervor religioso típico dos judeus volhynianos, o ambiente chassídico e o misticismo que envolviam os pobres habitantes dos *shtetlach* europeus da época.

Quando tinha seis anos de idade, sua família mudou-se para Zhitomir. O pai, homem humilde, dirigia uma hospedaria. No poema autobiográfico que escreveu, o poeta se queixa de que teve pouco contato com seu pai. Era ainda criança, tinha então sete anos e, antes que pudesse se alegrar com ele, a morte o levou.

Era o ano de 1880. Sua imagem, no entanto, ficou gravada em seu coração. Todo o sustento da família coube à sua mãe e houve então a separação família. Sua mãe o enviou para junto do avô paterno, Jacob Moses, sob cujos cuidados ficou.

No começo, ele foi instruído por professores do tradicional *cheider* e por alguns anos o talentoso poeta foi educado pelo seu velho, austero e religioso avô, até prosseguir seus estudos, sem a sua tutela.

Em 1888, Bialik matriculou-se numa *Yeshivá* e foi nesta época que começou a escrever seus primeiros poemas. Em 1899 transferiu-se para Odessa, onde conseguiu

o emprego de professor numa moderna escola hebraica. Nesse ano ele fez sua primeira aparição pública no semanário judaico *Der Yud*.

Seu poema escrito em 1903, *A cidade da matança*, descreve os sangrentos *progroms* da Rússia Tzarista em Kishinev. Foi o único poeta da história da literatura judaica que da noite para o dia, com uma única obra, se tornou um dos homens mais populares entre todas as camadas do povo judeu.

Em 1905 funda em Odessa, em sociedade com seu amigo Ravnitzki, a Editora Moriá, que publicou uma série de obras importantes como *Sefer Hagadá*, da qual foram produzidas dezenas de edições. Em sua fase de Odessa e até quase a Primeira Guerra Mundial, produziu suas maiores obras, constantes de poesias, contos e ensaios.

Traduziu para o hebraico diversas obras da literatura mundial, entre as quais, *Don Quixote*, do poeta, dramaturgo e romancista espanhol Miguel de Cervantes (1547-1616), o que lhe valeu ser nomeado Membro Honorario da Academia de Letras Espanhola.

Entre 1914 e a época que se seguiu à Revolução Russa, viveu parte em Odessa e parte em Moscou, onde continuou seu trabalho, tendo tomado parte ativa nas realizações sociais da comunidade judaica.

Em 1921 deixa Moscou devido a dificuldades financeiras e se estabelece em Berlim onde funda a Editora Dvir, que publica livros didáticos e reedita os livros da Editora Moriá.

Em 1924 transfere-se para Tel Aviv, onde também edita e publica obras importantes dos poetas medievais, como poesias de Rabi Salomão Ibn Gabirol (1021-1058) e de Moisés Ibn Ezra (1055-1138), com comentários feitos por ele e Ravnitzki. Traduziu também, do hebraico para o ídiche, as famosas Canções do Mar, (*Yam Lider*) do poeta Yehuda Halevi (1085-1145).

Canções do Mar constituem lindos poemas nas quais Halevi relata sua viagem de retorno à Terra Santa. A primeira delas é ouvida hoje em todo o mundo, especialmente na voz das cantoras Ora Sittner e Chava Alberstein. Essas canções se encontram gravadas em discos compactos: *A Nign vos Loift mir Noch*, com a cantora

Ora Sittner e *Ídiche Songs* com a cantora Chava Alberstein. O autor da música foi Moshe Shniur, músico judeu polonês que viveu de 1885 a 1942.

Chaim Nachmen Bialik faleceu em 1934, na cidade de Viena, para onde foi a tratamento médico. Seu corpo foi trasladado e enterrado em Tel Aviv.

Bialik foi o autor da canção composta em ídiche: Sob os verdes arbustos brincam Moishelech e Shloimelech, (*Unter di grineke beimelech chpiln zich Moishelech un Shloimelech*), com música de Platon G. Brounoff (1863-1924).

Em 1922 o poeta popular romeno Shimshon Fersht (1886-1968) parodiou o título da canção de Bialik em outra por ele feita sobre as vítimas de *pogroms*, Sob os verdes arbustos vagueiam Moishelech e Shloimelech, (*Unter di grineke beimelech valgern zich Moishelech un Shloimelech*).

Esta canção envolve uma acusação à Rússia Tzarista, em razão dos freqüentes *pogroms* que ocorriam naquele país, em que judeus eram massacrados como cordeiros, e suas sinagogas, queimadas, apesar de terem eles lutado como heróis no exército russo.

Mais tarde, nova paródia serviu para intitular uma canção do Holocausto, de autoria de I. Papernikov, com música de I. Alter: Sob os verdes arbustos poloneses mais não brincam nem Moishelech e nem Shloimelech, (*Unter di grinke poilishe beimelech, shpiln zich mer nisht kein Moishelech un Shloimelech*), canção publicada por Bugatch em 1951.

A poesia em hebraico, O chorão, (*Di verbe*), de Chaim Nachmen Bialik foi traduzida para o ídiche por I. Ma Yofis e musicada em 1937 por Michel Gelbart.

2.1.7 DAVID EDELSTADT (1866 - 1892)

David Edelstadt nasceu na cidade de Kaluga, na Rússia, no ano de 1866. Seu pai serviu no exército russo durante 25 anos. Era costume naquela época, primeira metade do século XIX, durante o reinado do retrógrado imperador Nicolau I, seqüestrar meninos judeus e obrigá-los a fazer o serviço militar durante 25 ou 30 anos. Calcula-se que seu número alcançou cem mil crianças das quais a terça parte foi convertido à força para o cristianismo (Estes eram conhecidos como soldados cantonistas).

Edelstadt foi um dos primeiros poetas socialistas judeus, tendo começado a escrever poemas revolucionários sobre Rússia czarista. Depois do pogrom de Kiev de 1881, ligou-se ao movimento Am Olam, que se preparava para estabelecer comunas agrícolas nos Estados Unidos. Para lá ele embarcou aos dezesseis anos de idade, durante o processo de emigração em massa que começou em 1880, em decorrência dos *pogroms* e de fatores econômicos e políticos daquela época, na Europa Oriental.

Nos Estados Unidos, porém, ele foi trabalhar em fábricas insalubres e se aliou ao movimento anarquista que, na época, exercia grande influência entre os trabalhadores judeus. De 1889 a 1890 foi editor do semanário A Voz do Trabalhador Livre (*Fraie Arbeter Shtime*).

Ele e seus colegas americanos Morris Winchevsky, Morris Rosenfeld, Iossef Barshover e Abraham Liesen exerceram, durante a década de 1880 a 1890, uma influência enorme na poesia ídiche e nas canções populares da Europa Oriental. Dezenas de poemas, de todos eles, foram transformados em canções e musicados por compositores anônimos, nos dois lados do Atlântico. Essas canções foram cantadas por todas as comunidades judaicas.

As canções *Hert ir kinder vi es rirt zich*, (Ouçam crianças as agitações) e *In England is do a shtot Leicester*, (Na Inglaterra há uma cidade chamada Leicester), de Morris Winchevsky; *Main ingele*, (Meu filhinho), e *Main rue platz*, (Meu lugar de

descanso), de Morris Rosenfeld; *Main tzavoe* (Meu testamento), *Mir Vern gehast un getribn*, (Nós somos odiados e expulsos), de David Edelstadt foram muito populares entre os trabalhadores que lutavam por melhores condições de trabalho, redução das jornadas de trabalho e, nos países da Europa Oriental, pelo fim do absolutismo e da opressão.

A canção *In kamf*, (Em luta), escrita por Edelstadt na América, em 1889, transformou-se num hino dos judeus trabalhadores espalhados por todo o mundo, tendo sido posteriormente cantada nas escolas ídiche.

Rudolf Rocker descreve um fato memorável ocorrido em Londres, quando milhares de judeus marchavam em direção ao Hyde Park, em uma enorme demonstração de protesto contra os terríveis *pogroms* de judeus russos, em 1903, em Kishinev.

Durante a marcha pelas ruas da cidade, milhares de pessoas atentas e em silêncio observavam a estranha procissão. Quando os manifestantes começaram a cantar *In kamf*, de Edelstadt, os presentes tornaram-se solidários com os manifestantes e tiraram seus chapéus, reverenciando os participantes da marcha. Morris Rosenfeld mencionou esta canção em um de seus poemas: *Cante-nos a canção In kamf, deixe a Marselhesa tropejar*.

Em maio de 1891, o jornal *Di Fraie Shtime*, (A Voz Livre), de New York, publicou o poema de Edelstadt, *Arbeter froien*, (Mulheres trabalhadoras). O texto e a música foram publicados em 1918 por Y. Gladstein, em Varsóvia.

Litwak, dirigente do Partido Trabalhista Bund, escreveu que a canção *Arbeter froien* foi uma das primeiras e das mais populares canções da Rússia czarista. Ela foi cantada na greve de 1897 em Krinek, localidade situada perto de Grovno e em 1896/1897, igualmente, na cidade de Minsk. Mais tarde foi lembrada num musical da Off Broadway, na peça *The Golden Land*. Uma coletânea de seus trabalhos foi publicada em Londres, em 1910, e em Moscou, em 1935.

Com vinte e seis anos de idade, no ano de 1892, falecia vítima de tuberculose, na cidade de Denver, Colorado, David Edelstadt, um dos maiores poetas do movimento anarquista judaico, cujas canções se espalharam ao mesmo tempo pelos Estados

Unidos e pela Europa. Ele se tornou uma lenda romântica do jovem movimento trabalhista judeu.

Edelstadt escreveu um poema para Pessach, *In dem land fun piramidn*, (No país das pirâmides), homenageando Moishe Rabeinu, o redentor do povo judeu. Neste poema com dezesseis estrofes ele critica os judeus do Egito porque nenhuma iniciativa tomaram contra seus opressores durante o longo cativeiro, que se estima em cerca de duzentos anos, além de terem contestado seu salvador, que se retardara no Monte Sinai, e passaram a adorar um bezerro de ouro:

Assim ele se expressa no poema

*O rei os castigava pesadamente
O povo devia sofrer
Porque pouco entendia e
Pouca coragem tinha em seus sentimentos*

E elogia Moishe Rabeinu:

*O herói também era único
Das pessoas livres de bom senso
Que o mundo apedreja
Ou o entrega ao verdugo*

*Para um país de liberdade doce
Ele trouxe então seu povo
Até o último dia, com dedicação
Seu povo amado cuidou*

A canção baseada neste poema, musicada por Michel Gelbart, somente apresenta quatro estrofes e contém apenas a melodia. Mais recentemente, Sidor Belarsky executou um arranjo da partitura em que incluiu o acompanhamento.

Canções de Abraham Reisen

| | |
|-------------------------------------|------------------------------------|
| 2.2.1- Para o martelo | Tzum hemerl.....84 |
| 2.2.2- A guerra | Melchume.....86 |
| 2.2.3- O pedido | Dos gebet.....87 |
| 2.2.4- A parede | Di vant.....88 |
| 2.2.5- A nova canção | Dos naie lid.....89 |
| 2.2.6- Solidão | Umetik.....90 |
| 2.2.7- Em países distantes | In vaitste lender.....91 |
| 2.2.8- Uma criança de ouro | A kind a goldene.....92 |
| 2.2.9- O que significa isto? | Mai ko mash- me lon?.....93 |
| 2.2.10 -Você pergunta | Du fregst.....94 |

2.2.1 PARA O MARTELO

TZUM HEMERL

O autor emprega o termo **martelo** como metáfora de todo um processo de fabricação de sapatos pelo profissional, dentro do sistema artesanal da época. A categoria semântica fundamental deste poema é o trabalho *versus* a fome.

É necessário trabalhar com afinco para poder adquirir comida e conseguir sustentar sua família.

Enquanto o sapateiro mal tinha para comer e comprar seu vestuário, e não conseguia tempo para fabricar seus próprios sapatos, havia gente rica que impunha prazo de entrega da encomenda, obrigando-o a trabalhar até altas horas da madrugada, com sacrifício de sua saúde.

A encomenda de sapatos por gente rica-e não havia muitos nas cidadezinhas- fazia o sapateiro trabalhar acima de suas forças, uma vez que a grande maioria da população era constituída de gente pobre, que mal tinha dinheiro para consertar seus sapatos velhos e muito menos para encomendar novos.

Mesmo fazendo sapatos, com toda a rapidez, ele não conseguia prover todo o seu sustento, pois o ganho de um sapateiro naquela época era inferior às necessidades de sua família, o que obrigava a mulher do casal a trabalhar também.

Ó martelo, martelo, bata!
Bata mais forte, um prego após outro.
Em casa já não há pão
Somente sofrimento e desgraças sem fim.

O hemerl, hemerl klap!
Shlog shtarker a tshvek noch a tshvek
Kain broit is in shtub shoin nishto
Nor tzures un lait on a ek.

Ó martelo, martelo, bata!
O relógio quase marca doze
Os olhos se fecham.
Dê forças, ó Deus, ajude-me.

O hemerl, hemerl klap
Der zaiger, er shlogt shoin bald tzvef
Di oign, ze machn zich tsu
Gib coiches, o gotinhu helf.

Ó martelo, martelo, bata!
Bata os pregos com mais força, bata rápido
Amanhã deverão estar prontos
Os sapatos da filha da ricaça

O hemerl, hemerl klap
Shlog shtarker di tshvekes, shlog gich
Biz morgn mis fartek zain
Di shuch fun di givirestes meidl.

Õ martelo, martelo, bata
Não escorregue de minha mão
Meu sustento depende de você.
Sem você, morro de fome.

O hemerl, hemerl klap
Nit glitshn fun main hand zich arois
Main aintziken shpaiser bistu
Fun hunger on dir gei ich ois!.

A imagem abaixo dá uma idéia da pobreza e da precariedade da oficina do sapateiro.
No fundo, no quintal se encontra sua mulher, fazendo serviços caseiros.

Um sapateiro judeu da cidade de Falenitz, perto de Varsóvia.



Figura 9

Fonte: Roskies, Diane K. and David G.

2.2.2- A GUERRA MILCHOME

O autor relembra as lutas e guerras que durante muito tempo assolaram o continente europeu durante séculos, e as conseqüências maléficas que isto trouxe à população em geral, bem como ao empobrecido e perseguido povo judeu espalhado por aquele continente, no século XIX, com uma população de mais de cinco milhões de pessoas.

O pai está lutando no front. Quem sabe quando virá, faz parte do pessimismo da mulher, porém era a triste realidade daquela época.

O autor usa muitas metáforas, provavelmente por causa da censura. Assim, terrível esfomeado representa o exército; o rugido, as bombas; e a água, a guerra.

Oh! Mãe, eu quero um pouco de leite
Minha garganta está seca.
Minha criança! Um terrível esfomeado
Apoderou-se de todas as vacas.

Oh! Mame ch'vil a bissl milch
S'is truken mir main gumen
Main kind! A beiser pastech hot
Ale ki farnumen

Dê-me então, mãe, um pedaço de pão
Para aplacar a minha fome.
Não existe pão minha criança! A água
Destruiu todos os moinhos

To gib mir mame broit a bis
Dem hunger mir tzu shtilen!
Nishto main kind! A vasser hot
Fartrunken ale miln

A água selvagem e vermelha
As demoliu
E todos os moleiros agora
Foram ao campo lutar

A vasser vild, a vasser roit
Hot zeï aropgetrogn,
Um ale milners zainen itst
Avec in feld zich shlogn

E onde está o pai agora
Para nos obter comida?
O pai se foi com eles
Vencer um inimigo.

To vuje is der tate itzt
Er zol undz esn krign?
Der tate is avec mit zeï
A soine tzu basign

O pai está agora também no campo
Você houve, minha criança um rugido?
Ele se foi, ele não está.
Quem sabe quando ele vira?

Der tate is itzt oich in feld
Du herst main kind, a brumen?
Er is avec, er is nishto,
Ver veist, ven er vet kumen...

2.2.3-O PEDIDO

DOS GEBET

Um retrato da vida difícil do judeu do *shteitl*. Com todas essas dificuldades há ainda os percalços do clima. Surge a tempestade para a qual se invoca a proteção divina. A tempestade também simboliza a maldade humana, a exploração do trabalho humano.

Ouve-se o trovão de longe
O relâmpago cega a vista
Oh! Deus tenha piedade dos pobres
Proteja-os da feroz tempestade

Es hert zich der duner fun vaitn
Es brent in di oign der blitz
Oh! Got, hob rachmones, di oreme
Fun a beizn geviter bashitz

Os que trabalham pesado nos campos
Que se acham longe de casa
E não têm um lugar para se abrigar
Nenhum celeiro, telheiro, ou árvore.

Vos arbetn shver oif di felder
Gefint zich vait fun der heim
Un hobn kain ort vu zich shitzn,
Kain shaier, kain dechl, kain boim

Os que se encontram a caminho
As carroças com carga recheadas
A taverna ainda se encontra longe
Ficarão encharcados da chuva

Vos zainem avec untervegns
Di furn mit masse farleigt
Un vait is far zei noch a kretshme,
Un vern fun regn tzeveigt

Os que ficam na feira, com cestas
De maçãs, verduras e pão
E todos os que se encontram ao relento
A fome e a necessidade os assola.

Vos shteien in mark mit di koishn
Mit epl,mit grins un mit broit
Un ale vos zainem in droisn,
Vos traibt zei der hunger un noit

E todos aqueles sem casa
Que não têm um cantinho sequer
Que Deus cuide e proteja
Todos eles, da feroz tempestade.

Un ale vos zainen farvoglt
Un hobn kain vinquele nit
Di ale fun beizn geviter
Bashirem zei got un bahit

2.2.4 A PAREDE

DI VANT

O autor usa aqui também metáforas e símbolos para representar a classe trabalhadora e o capitalismo feroz. A parede representa a barreira entre eles, que urge derrubar. Mesmo que se apanhe no trajeto, continuamos quebrar a parede.

A categoria semântica fundamental desta canção são os oprimidos versus opressores. Esta oposição se manifesta quase em todas as estrofes.

Os olhos cheios de raiva, regados de sangue
Os corações batem com força e coragem
Estamos junto à uma parede alta e rebocada
Com machados, picaretas e ferros na mão

Di oign ful tzorn, fargosn mit blut
Di hertzer zei shlogn mit kraft un mit mut
Mir shteien bai a hoicher, gemoirte vant
Mit hek un mit hamers un aizns in hant

Nós quebramos a parede

Mir brechn di vant

A parede foi rebocada bem rígida e grossa
E impede o caminho para a vida e a felicidade
Nos isola a brilhante luz do sol e nos faz,
Do dia alegre, uma noite obscura.

Di vant is gemoiert gor fest um gor dik
Fartzoimt undz di vegn tzum lebn, tzum glik
Farshtelt undz di lichtike zun, un zi macht
Fun freilechn tog undz, a finstere nacht

Nós quebramos a parede

Mir brechn di vant

E caem às vezes da parede
Pedra ou tijolo que acertam na cabeça de alguém
Os outros, no entanto, permanecem sem medo
E trabalham de novo, não fogem.

Un faln fun der shtainerner vant ver arop,
A shtain tzi a tzigl treft vemen in kop
Di iberique blaibn doch shtein gor on shrek
Un arbetn vaiter, me loift nisht avek

Nós quebramos a parede

Mir brechn di vant

O trabalho deve demorar, o trabalho é pesado
Reúnam-se irmãos-venham todos aqui
Que todos juntem fortemente suas mãos
A parede alta e escura iremos

Di arbet darf doiern, di arbet is shver
Farzamlt aich brider, kumt ale aher!
Zol iederer tzuleign, fester zain hant
Mir veln di hoiche, di finstere vant

Quebrar, quebrar a parede.

Tzebrechn, tzebrechn di vant

2.2.5 A NOVA CANÇÃO

DOS NAIE LID

Por mais longe
Que esteja o tempo
De amor
E de paz

O tempo vira
Cedo, ou tarde
Então não é
Nenhum sonho

Eu ouço o canto
Do amor, em paz
As poderosas canções

E cada tom
Do canto dá a entender
Que o sol já nasceu

A noite se estreita
O mundo desperta
De esperança, alegria e aspirações

Ouçó no ar
Uma voz chama
Para a felicidade, alegria e vida

Um zol vi vait
Noch zain di tzait
Fun libe un
Fun sholem

Doch kumen vet,
Tzi fri, tzi shpet
Di tzait-es is
Kain cholem.

Ich her dos lid
Fun libe, frid
Di mechtike gezangen;

Un ieder ton
Fun lid zagt on
Di zun is oifgegagem.

Es ekt di nacht
Di velt dervacht,
Fun hofenung, lust un shtrebn

Ich her in luft
A shtime ruft
Tzu glik un freid un lebn

2.2.6 TRISTE

Triste, moça, viver sozinho.
 Quem sabe você me faz companhia
 Meu quarto é pobre, e pequeno.
 Tem uma porta separada
 Mas ninguém, oh! bate nela

Triste, moça, ah! solidão pesada
 E assim que vem a noite
 Lanço os olhos à porta, e ouço:
 O vento tão triste ruge
 E me parece que alguém vem.

UMETIK

Umetik, meidl, tzu lebn alein.
 Konst efsher kumen tzu mir:
 Main tzimer is orem, main tzimer is klein,
 Hot a bazundere tir
 Nor keiner, oi, klapt nisht in ir

Umetik, meidl, och, umetik shver
 Un vi nor der ovnt er kumt,
 Zuch ich-di oign tzum tir- un ich her:
 Der vint azoi troierik er brumt,
 Un s'daricht mir az, emetzer kumt.

2.2.7 EM PAÍSES DISTANTES LENDER

IN DI VAITSTE

Nos países distantes
Estamos espalhados
Cada parte um elo
De uma comprida corrente.

In di vaitste lender
Zainen mir tzhshpreit
Ieder teil a ringl
In der langer kait.

Junto a todos os rios
Não somente os da Bíblia
Estávamos sentados
Procurando uma casa

Bai di ale taichn,
Nit fun bibl bloiz,
Zainem mir gezesn
Zuchndik a hoiz.

Agora nos é caro
Justamente todo o mundo.
Se encontra em margens distantes
Nossas cabanas de campo

Itzter iz undz taier
Gor di gantze velt.
S'shteit bai vaitzte bregn
Undzers a getzelt.

Qualquer canção que ouvimos
É conhecido o tom
Onde um mar distante murmura
Vem a saudade

Vosser lid mir hern
Is bakant der ton,
Vu- a taich es rizlt
Veit a benkshaft on

Qualquer bandeira que tremula
Nos cumprimenta amavelmente
Qualquer navio que parte
Parte para um país amigo.

Vosser fon es flatert
Grist zi undz bakant
Vosser shif es zeglt-
Tzu a bruders land.

2.2.8- UMA CRIANÇA DE OURO A KIND A GOLDENE

É uma criança de ouro,
Que brinca livre e alegremente.
Que preocupação teria então,
Se tem somente três anos?

Uma desgraça, somente com as línguas,
Línguas em quantidade,
A criança somente tem três anos,
E as línguas são quatro.

A mãe é russa,
De origem lituana,
Então fala com ele somente em russo,
Assim ela estava acostumada.

A enfermeira é polonesa,
Como pode ser diferente?
A criança deve-se esforçar
E se expressar em polonês.

A avó é judia,
E fala com ela em ídiche,
Então a criança precisa acompanhá-la
Como poderia ser diferente?

O pai é um sionista,
A criança deve-se esforçar,
Ele é seguidor de Achad Haaom*
A criança deve cumprimentá-lo
E dizer-lhe *Shalom!*

A kind is dos a goldene,
Un shpilt zich frank un frai,
Un vos far a daiges hot es den,
As iorn hot es drai?

A tzore mit di shprachn nor,
Shprachn on a shir,
Iorn hot dos kind nor drai,
Un shprachn hot es fir.

Di mame is a russishe,
A litvishe gemeint,
Dan redt zi mit im in russish nor,
Azoi is zi gevoint.

Di nianie is a poilishe,
Vi ken dos andersh zain?
Muz dos kind zich matern,
Oif poilish heflech zain.

Di bobe is a ídishe,
Un redt mit im jargon,
Dan muz dos kind ir nochplaplen,
Vi ken es andersh ton?

Der tate is a tzionist,
Muz dos kind zich matern,
Un halt fun Achad Haam,
Mus dos kind bagrisn im
Un zogn im Shalom.

* Apelido de Asher Ginsberg (1856-1927)—Ensaísta e filósofo hebreu

2.2.9 O QUE SIGNIFICA ISTO?

MAI-KOMASHME LON?

O que significa a chuva?
 O que ela me diz?
 Suas gotas sobre as vidraças
 Rolam lágrimas tristes
 A bota está rasgada,
 E na rua se forma a lama,
 Logo chegou o inverno
 Não tenho nenhum capote quente

Mai komashme lon der regn?
 Vos je lost er mir tzu hern?
 Zaine tropns oif di shoibn
 Kaiklen zich vi tribe trenn.
 Un di shtivl is tzerisn,
 Un es vert in gas a blote,
 Bald vet oich der vinter kumen
 Ich hob kein váreme kapote.

O que significa a lamparina?
 O que ela me diz?
 Goteja e escorre sua gordura
 E logo nada sobrava dela.
 Assim luto na Casa de Orações
 Como uma vela fraca e escura
 Até que eu me acabe
 No silêncio, na parede ocidental.

Mai komash me lon dos lichtl?
 Vos je lost er mir tzu hern?
 Es kapet un es trift zain cheilev
 Un s'vet bald fun ir nit vern.
 Azoi tzank ich do in kleisl
 Vi a lichtl shvach un tinkl,
 Biz ich vel azoi mir oisguein
 In der shtil in mizrech vinkl.

O que significa o relógio?
 O que ele me diz?
 Com seu *dial* amarelo e seus números
 Com o seu tocar e seu juramento?
 É um aparelho mecânico
 Não tem vida, não tem sentimento
 Vem a hora e ele tem que tocar
 Sem seu desejo e sem seu querer.

Mai komash me lon der zeiguer?
 Vos je lost er mir tzu hern?
 Mit zain gelbl tzi fer bletl,
 Mit zain klinguen, mit zain shvern?
 S'iz an ongueshtelte keile,
 S'hot kein lebn, kein guefiln,
 Kumt di sho, dan muz er shlogn,
 On zain rotsn, on zain viln.

O que significa minha vida?
 O que ela me diz?
 Definhar e enfraquecer na juventude
 Envelhecer antes do tempo.
 Comer “diárias” e engulir lágrimas
 Dormir em bancos duros
 Agonizando neste mundo
 E esperando pelo próximo.

Mai komash me lon main lebn?
 Vos je lost er mir tzu hern?
 Foiln, velkn in der iugnt,
 Far der tzait fareltert vern.
 Esn “teg” un shlingen trenn,
 Shlofn oif der bank, dem hartn,
 Teitn do di oilem haze,
 Un oif oilem habe vartn.

2.2.10 VOCÊ PERGUNTA

Você me pergunta, meu amigo, quantos anos tenho
 Eu lhe contaria com prazer
 Mas acredite, meu amigo, nem eu sei.
 Não me interessou contá-los.

O pão-duro conta dinheiro, o felizardo conta os dias
 Conta-se o que se gosta e o que se quer
 Minha vida, ó, meu caro, é um caminho comprido e terrível
 Como era antes e como é agora

Se viver significa sofrer, faz tempo que vivo
 Então não tenho necessidade dos anos
 Se viver significa ouvir apenas o rumor da felicidade
 Então eu ainda nem nasci.

DU FREGST

Du fregst mich, main fraind, vi alt ich bin shoin,
 Ich volt es dir gern dertzeit
 Nor gleib mir, main fraind, ich veis nisht alein-
 Es hot nisht geloint zir tzu tzeiln.

Der carguer tzeit gelt, der gliklecher- teg,
 Men tzeit vos s'is lib, vos s'is taier;
 Main lebn, o! fraind, is a vist langer veg
 Un punkt far a iorn, vi haier.

Oib lebn heist laidn, dan leb ich shoin lang,
 Dan hob ich genug, zei di iorn;
 Oib lebn heist hern fun glik chotsh a klang
 Dan bin ich noch gor nisht geboirn.

Música: Sidor Belarsky

Canções de Itzik Manger

- 2.2.11- No caminho há uma árvore Oifn veg shteit a boim.....96
- 2.2.12- Idl com seu violino Idl mitn fidle.....98
- 2.2.13- Fastrigsa manda lembranças com os pássaros
Fastrigsa shikt a grus mit di feigl.....99
- 2.2.14-Yossl Ber Yossl Ber.....101
- 2.2.15-Canção do anoitecer Ovnt Lid.....102
- 2.2.16-A canção do pavão de ouro Dos lid fun di goldene pavê.....103
- 2.2.17- Um pássaro cantou hoje, Malkele
A foigl hot haint, Malkale.....105

2.2.11- NO CAMINHO HÁ UMA ÁRVORE

OIFN VEG SHTEIT A BOIM

No caminho há uma árvore
Que se encontra encurvada
Todos os pássaros da árvore
Saíram voando.

Oifn veg shteit a boim,
Shteit er aingeboign,
Ale feigl funem boim
Zainen zich tzevloign.

Três para oeste, três para leste,
E os demais para o sul,
E a árvore foi deixada sozinha
Ao sabor da tempestade.

Drai kain mairev, drai kain mizrech,
Un der resht, kain dorem,
Un dem boim gelozt alein-
Hefker far dem shturem.

Digo, ouça, minha mãe,
Não me impeça
Que eu, num instante
Um pássaro me tornarei

Zog ich tzu de mamen: her,
Zolst mir nor nit shtern,
Vel ich mame eins un tsvei
Balt a foigl vern.

Sentarei sobre a árvore
E a embalarei
No inverno, como consolo
Com uma linda melodia

Ich vel zitzn oifn boim
Un vel im färvign
Ibern vinter mit a treist,
Mit a sheinem nign.

Diz a mãe: -Não faça isso!
E chora com lágrimas
Na árvore, provavelmente
Você ficara congelado.

Zogt di mame: nite kind-
Un zi veint mit trenn,
Vest cholile oifn boim
Mir farfroirn vern.

Digo, mãe, é uma pena
Os seus lindos olhos,
E sem mais e sem menos
Me torno um pássaro.

Zogt ich mame, s'iz a shod
Daine sheine oign,
Un eider vos un eider ven,
Bin ich mir a foigl.

Chora a mãe: -Itzik, minha jóia,
Veja, o desejo de Deus,
Leve junto um cachecol,
Você pode ainda se resfriar.

Veint di mame: Itzik, kroin,
Ze, un gotes viln,
Nem zich mit a shalikl,
Kenst zich noch farkiln.

Calce as galochas,
Vem aí um forte inverno.
E leve também o gorro,
Desgraçada e coitada de mim.

Di kaloshn tu zich on,
S'geit a sharfer vinter
Un di kutshme nem oich mit
Vei iz mir un vind mir

Leve a camiseta de inverno,

Un dos vinter laibl nem,

E a vista seu bobo,
Se você não quer ser um convidado
Entre todos os mortos.

Levanto as asas, é difícil para mim,
Digo muitas coisas,
E a mãe vestiu
Seu pássaro, o fraco.

Vejo com tristeza
Os olhos de minha mãe,
Seu amor não permitiu
Que eu me tornasse um pássaro.

No caminho há uma árvore
Que se encontra encurvada.
Todos os pássaros da árvore
Saíram voando.

Tu es on du shoite,
Oib du vilst nisht zain kain gast
Tzvishn ale toite.

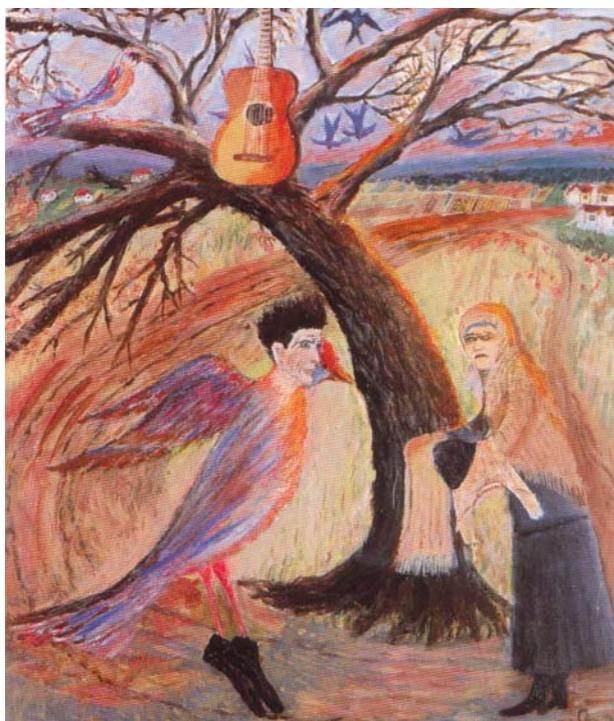
Ch'heib di fligl, s'iz mir shver,
Zog ich, tzu fil zachn,
Hot di mame ongeton
Ir feigele, dem shvachn.

Kuk ich troierik mir arain
In der mames oign,
S'hot ir libshaft nit gelost
Vern mir a foigl.

Oifn veg shteit a boim,
Shteit er aingeboign,
Ale feigl funem boim
Zainen zich tzevloign.

Canção escrita em Varsóvia, no ano de 1938

No caminho há uma árvore



Fonte: Fulgar, Kalmen

Figura 10

2.2.12 - IDL COM O VIOLINO

Sobre os campos, caminhos,
Sobre uma carroça de feno
Com sol, vento e chuva
Viajam dois músicos
Surpresa, uma surpresa
Digam quem são eles?

Idl com seu violino
Arie com sua tuba
A vida é uma canção
Para que ficar raivoso?
Ei, Idl, *fidl, shmidl*, ei,
A vida é um gracejo!

Uma cabra está no pasto
E solta tristemente um “mé”
Ei, sua cabra tonta,
É feio estar triste!
Ela balança a barba:
Sim, sim, feio!

Um pássaro voa, bom dia
Bom dia, bom ano!
Vão a tristeza e a preocupação
Para o inferno!
Sorri o vento na cara,
E Idl, Idl, caminha!

IDL MITN FIDL

Iber felder, vegn,
Oif a vogn hei
Mit zun un vint un regn,
Forn klesmer tsvei.
A chidesh, oi a chidesh,
Zogt, ver zainen zeí?

Refrão

Idl mitn fidl.
Arie mitn bass,
Dos lebn is a lidl,
To vozhe zain in kas?
Ei, Idl, fidl, shmidl, hei,
Dos lebn is a shpas!

A tsig shteit oif der lonke
Un meket troirik: mé!
Ei, du tzig, du shoite,
Troirik zain is fé!
Shoklt zi dos berdl
Take, take, fé!

A foigl flit:- gut morgn,
Gut morgn, a gut ior!
Der troier un di zorn
Tzu alde shvartze ior!
Dem vint a lach in ponem,
Un Idl, Idl, for!

2.2.13- FASTRIKSA MANDA LEMBRANÇAS COM OS PÁSSAROS

FASTRIKSA SHIKT A GRUS MIT DI FEIGL

Voem pássaros, voem queridos,
Sobre o telhado da Rainha Ester
E cantem, queridos, tanto tempo,
Até que ela acorde

Flit's, feigelach, flit's getraie
Oif der Malke Esters dach,
Un zingt's azoi lang, getraie,
Biz zi vet vern vach.

Contem que me encontraram
Perambulando no meio do caminho
Uma fatia de pão na sacola
É toda a minha fortuna.

Dertzeilt, as ir hot mich bagegnt
Voglen in mitn veg-
A reftl broit in der torbe-
Dos is main gantser farmeg.

Perguntem a ela e contem queridos,
O que eu lhes disse
Para vocês e para todos que ouvem.
Se eu possuísse

Un fregt zi, dertzeilt ir, getraie,
Vos ch'hob tzu aich gezogt,
Tsu aich un tzu ale vintn,
As ven ich volt farmogt

Uma fatia de pão na sacola
Uma agulha na lapela
E a linda Rainha Ester,
Eu deixaria de ouvir o mundo.

Tzum reftl broit in der torbe
Un tzu der nodl in latz
Di sheine Ester Amalke-
Her ich di velt vi di katz.

Mas como dizia Pompassa
Certa vez, meu antigo mestre:
Um homem que tem saudades
É mais forte que ferro e aço.

Nor vi hot gezogt Pompassa
Main alter mainster, amol-
A mentsh vos benkt is shtarker
Fun aizn un fun shtol.

Tem razão o mestre
Cada palavra sua é pérola
A saudade me dispersou
E me leva de um lugar para outro.

Gerecht is take der mainster,
S'is perl zain iedes vort,
Di benkshaft hot mich fartribn
Un traibt mich fun ort tzu ort

Voem, pássaros, voem fiéis
 Sobre o telhado da Rainha Ester
 E cantem muito, com lealdade,
 Até ela acordar.

E vocês, queridos,
 Se a Rainha deixar cair uma lágrima,
 Agarrem a lágrima sobre a asa
 E tragam-ma aqui.

Uma lágrima de uma amada longínqua
 É também um pouco de sorte
 Ela faz ora fácil, ora difícil,
 O perambular solitário pelo caminho.

Flit's, feigelach, flit's getraie
 Oif der Malke Esters dach,
 Un zingt's azoi lang, getraie,
 Biz zi vet vern vach.

Un tomer vet ir, getraie,
 Di Malke lozt faln a trer,
 Chapt di trer oif a fligl
 Un brengt zi tzu mir aher.

A trer fun a vaiter gelibter
 Is oich a shtikl farmeg,
 Zi macht oich gringer oich shverer
 Dos einzame voglen in veg.

2.2.14- YOSL BER

YOSL BER

Chamar, me chamo Yosl Ber
 E sirvo no exército
 Oi rá-rá, oi-rá, oi-rá
 Calço botas e uso uniforme
 Penso como um oficial
 Oi rá-rá, oi-rá, oi-rá

Heisn heis ich Yosl Ber
 Un ich din in militer-
 Oi-rá-rá, oi-rá, oi-rá,
 Shtivl trog ich, a mundir,
 Lehavdl vi an ofitzir
 Oi-rá-rá, oi-rá, oi-rá.

Eu era um jovem sapateiro
 Lambia solas com a língua
 Hoje tenho um rifle, uma espada
 Sapataria que vá para o inferno.

Geven bin ich a shuster-iung
 Gelekt podeshves mitn tzung
 Haint hob ich a biks, a shverd,
 Shusterai hob ich in dr'erd.

Com a vassoura é fácil
 Varro quartéis e canto
 Quando termina a varredura
 Chega a noite, e agradeço a Deus

Mit dem bezem is mir gring,
 Ch'ker casarmes un ich zing-
 S'en dikt zich di bezem-shlacht
 Dank ich Got, s'falt tzu di nacht.

Dou uma saída para a rua
 E encontro uma garota
 Dou uma piscada de olhos.
 E curvo-me diante dela

Gei ich mir in gas arois
 Un ich zuch a meidl ois-
 Gib ich zich tzu ir a boig
 Un a pintl mitn oig.

Ela me convida para a cozinha
 Me dá vodka, me dá vinho
 Ela me dá pão, peixe e raiz forte
 Oh!, uma garota amável.

Farbet zi mich in kich arain,
 Git mir bronfn, git mir vain-
 Zi git mir a bulke, fish un chein,
 Oi, a meidl mole-chein.

2.2.15- A CANÇÃO DO ANOITECER

OVNT LID

Noite quieta, ouro escuro
 Estou tomando um copo de vinho
 Em que se transformou meu dia?
 Numa sombra sem brilho
 Que pelo menos um minuto do ouro escuro
 Entre na minha canção

Shtiler ovnt, tunkl-gold
 Ch'zitz baim glesl vain.
 Vos is gevorn fun main tog?
 A shotn on a shain.
 Zol chotsh a rege tunkl-gold
 In main lid arain.

Noite quieta, ouro escuro
 Um velho judeu grisalho
 Reza com fervor.
 No fim da vida.
 Pelo menos o murmúrio do judeu
 Entre na minha canção.

Shtiler ovnt, tunkl-gold.
 An alter groer id
 Davnt frum avec dem shtoib
 Fun dem ior-iarid.
 Zol chotsh a murml fun dem id
 Arain tzu mir in lid.

Noite quieta, ouro escuro
 Vento, mundo vem e vai,
 A minha tristeza que estava acordada
 Adormece como uma galinha
 Que pelo menos o suspiro do sono
 Entre na minha canção.

Shtiler ovnt, tunkl-gold
 Vint, velt ois, velt ain,
 Main troier vos gevezn vach
 Shloft vi a hindl ain.
 Zol chotsh an otem fun dem shlof
 In main lid arain.

Noite quieta, ouro escuro
 Um pássaro de verão voa.
 Com suas asas ruivas e douradas
 Foi-se na proteção divina.
 Pelo menos um pouco de seu sentimento
 Entre na minha canção

Shtiler ovnt, tunkl-gold.
 A zumer-foigl flit
 Mit fligl zaine- gro un gold
 Avec in "Got bahit."
 Zol chotsh a tziter fun zain fil
 Arain tzu mir in lid.

Noite quieta, ouro escuro
 Estou tomando um copo de vinho
 Em que se transformou meu dia?
 Numa sombra sem brilho
 Que um pouco do ouro escuro
 Entre na minha canção.

Shtiler ovnt, tunkl-gold.
 Ch'zitz baim glesl vain.
 Vos is gevorn fun main tog?
 A shotn on a shain.
 Zol chotsh a rege tunkl-gold
 In main lid arain.

2.2.16- A CANÇÃO DO PAVÃO DE OURO

DOS LID FUN DI GOLDENE PAVE

O pavão de ouro se foi
 Para o ocidente, à procura dos dias de ontem
 Trili, tralá, trilá.
 Ele voa e voa até encontrar nas montanhas
 Um turco alto sobre uma égua branca
 Trili, tralá, trili.
 O pavão de ouro lhe pergunta:
 Você viu os dias de ontem?
 Trili, tralá, trili.
 O turco franze a testa e pensa:
 Os dias de ontem não vi e nem ouvi
 Puxa as rédeas e dá um “viá” para o cavalo
 E as montanhas ressoam seu chá, chá, chá.
 Um pavão de ouro e um tolo tão grande!

Is di goldene pave gefloign avek,
 Kain mizrach zuchn di nechtike teg
 Trili, tralá, trili.
 Flit zi un flit biz zi treft in di berg,
 Oif a vaisser shkape an altn terk-
 Trili, tralá, trili.
 Tut im di goldene pave a freg:
 Tzi hostu gezen di nechtike teg?
 Trili, tralá, trili.
 Farknaitst der terk dem shtern un klert:
 Di nechtike teg nisht gezen nisht gehert
 Ún a tzi di laitzes, un “viá” tzum ferd,
 Un s’klingt in di berg zain cha, cha, cha
 A goldener foigl un a nar aza!

O pavão de ouro se foi
 Para o norte, à procura dos dias de ontem
 Trili, tralá, trili.
 Ele encontra um pescador nas margens do mar
 Ele abre sua rede e canta uma curiosa canção
 Trili, tralá, trili.
 O pavão de ouro lhe faz uma pergunta
 Você viu os dias de ontem?
 O pescador franze a testa e pensa:
 Os dias de ontem não vi e nem ouvi,
 E termina sua canção com trá-lá-lá
 Um pássaro de ouro e um tolo tão grande!

Iz gefloign di goldene pave avec,
 Kain tzofn zuchn di nechtike teg-
 Trili, tralá, trili.
 Treft zi a fisher baim breg fun iam,
 Shprait ois zain netz un zingt tzum gram
 Trili, tralá, trili.
 Tut im di goldene pave a freg:
 Tzi hostu gezen di nechtike teg?
 Farknaitst der fisher dem shtern un klert:
 Di nechtike teg-nisht gezen, nisht gehert,
 Un farendikt zain lid mit tra-la-la-
 A goldener foigl un a nar aza!

O pavão de ouro se foi
 Para o sul à procura dos dias de ontem
 Trili, tralá, trili.
 Ele encontra um negro no meio do campo
 Consertando com palha dourada, sua pobre
 barraca
 O pavão de ouro lhe faz uma pergunta:
 Você viu os dias de ontem?
 Trili, tralá, trili
 Mostra o negro seus dentes brancos
 Um sorriso bastante agradável
 E não responde nada e diz somente ah?
 Um pavão de ouro e um tolo tão grande!

Iz gefloign di goldene pave avec,
 Kain dorem zuchn di nechtike teg-
 Trili, tralá, trili.
 Treft zi a neger in mitn feld,
 Far-richtn mit shtroigold zain orem getzelt-
 Tut im di goldene pave a freg?
 Tzi hostu gezen di nechtike teg?
 Trili, tralá, trili
 Farshtshiret der neger di vaisse tzein,
 A shmeichl aza, vos iz mole chein
 Un er entfert gornisht, er zogt nor ah?
 A goldener foigl nor a nar aza!

E o pavão dourado se foi

Iz gefloign di goldene pave avec,

Para o ocidente à procura dos dias de ontem
 Trili, tralá. Trili.
 Encontra uma mulher de preto ajoelhada
 Perto de um túmulo, abatida e cansada
 Trili, tralá, trili.
 O pavão não pergunta, ele sabe sozinho
 Que a mulher de preto, que espalha seu choro
 Sobre o túmulo, à beira do caminho
 É a viúva dos dias de ontem
 Trili, tralá, trili.

Kain mairev zuchn di nechtike teg-
 Trili, tralá, trili.
 Treft zi a froi, in shvartzn, vos knit
 Nebn a keiver, dershlogt un mid-
 Trili, tralá, trili.
 Fregt gor nisht di pavê, zi veist alein,
 Az di froi in shvartzn, vos shpreit ir gevein
 Ibern keiver, baim rand fun veg
 Iz di almone fun di nechtike teg-
 Trili, tralá, trili.

A canção do pavão de ouro



Figura. 11

Fonte: Fulgar, Kalmen

2.2.17- UM PÁSSARO CANTOU HOJE MALKALE

A FOIGL HOT HAIN, MALKALE

Um passarinho cantou hoje
Sobre o meu telhado, Malkale
Lá onde termina a cidade
E começa a rua de barro
Pois pegue, caro Velvl,
As rédeas na mão
Se você não tem bilhete
Para andar de trem

Pode dormir lá no campo
E comer, comer, hein?
Desde quando pensa em comer
Um poeta judeu?
Veja, Malkale, linda,
Espero anos por você
Uma prova você tem, toda noite
Eu não tranco a porta

E assim eu lhe falei:
Ei, pássaro, bata as asas, voe!
Você parece um madrugador
Ou não é desta cidade
Talvez um bobinho
Que não conhece meu acordo.
Entre mim e Malkale
Ruge o mar preto

E diz o mar preto assim:
Quieto, seu moleque,
Você sabe colocar arreios sobre o barro
Mas em cima de mim, uma figa!
E o pássaro que bate as asas
Fugiu de mim envergonhado
E meu coração, Malkale,
Me doeu.o dia todo.

A foigl hot haint, Malkale
Gezungen oif main dach
Dort, vu s'endikt zich di shtot,
Heibt zich on der shliach.
To nem dem shtekn, Velvl kroin,
In der hant un shpan
Oib du host nisht kain billet
Tzu forn mit der ban.

Nechtikn kenstu dort in feld
Un esn, shmesn, het?
Fun ven on tracht es vegn fres
A ídicheer poet?
Ze, Malkale du sheine
Ch'vart shoin iorn lang oif dir
A simen hostu, iede nacht
Farshlist ich nisht di tir.

Hob ich im gezogt azoi:
Hei foigl, flater, fli!
Du bist vaizt-ois, a nechtiker
Oder nisht fun hi
Un efsher gor a shuthale
Vos veist nisht main hestes
Tzvishn mir un Makalen
Roisht der shvartzer iam

Un s'zogt der shvartzer iam azoi:
Hei mentshl tzutzik, shvaig!
Shpanen kenstu oifn shliach.
Nor iber mir a faig!
Un s'iz der foigl flaterflai
Avec fun mir farshemt
Un s'hot dos hartz mir Malkale
A gantsn tog geklemt

Canções de Mordco Gebirtig

| | |
|-------------------------------------------|------------------------------------------|
| 2.2.18- Junto ao riacho | Baim taichele.....107 |
| 2.2.19- Não quero este noivo | Ch'vil nit aza chusn.....109 |
| 2.2.20- Três filhas | Drai techterlech.....111 |
| 2.2.21- Moishele meu amigo | Moishele main fraind.....113 |
| 2.2.22- O retrato de Shifrele | Shifrele's portret.....116 |
| 2.2.23- Yankele | Yankele.....118 |
| 2.2.24- A canção do país de ouro | Dos lid fun goldenem land.....119 |
| 2.2.25- Alegrem-se crianças | Huliet, huliet kinderlech.....120 |
| 2.2.26 Anos de infância | Kinder Yorn.....121 |
| 2.2.27- Vem dançar Leibke | Kum Leibke tantzn.....123 |
| 2.2.28- O sol se pôs | Di zun is farganguen.....125 |
| 2.2.29- Mótele | Mótele.....127 |
| 2.2.30- Mais um copo de chá | Noch a glesl tei.....129 |
| 2.2.31 Reizele | Reizele.....130 |
| 2.2.32- Seu gato com fome | Hunguerik dain ketzele.....132 |
| 2.2.33- O cantor da miséria | Der zinguer fun noit.....133 |
| 2.2.34- Meu jubileu | Main iubil.....134 |
| 2.2.35- A marcha dos desempregados | Arbetloser marsh.....135 |

2.18 JUNTO AO RIACHO**BAIM TAICHELE**

Estou deitado junto ao riacho
Solitário e distraído
Surge logo uma menina
Olha para mim e ri
O que desejas, menina
Bonitinha, de mim?

Lig ich mir baim taichele
Ainzam un fartracht
Vakst bald ois a meidele
Kukt oif mir un lacht.
Vos baguerstu, meidele
Sheinike, fun mir?

Nadar no riacho
Tenho vergonha de ti.

Bis: Bodn zich in taichele
Shem ich zich far dir.

Não tenhas vergonha, linda menina
Podes no riacho entrar
Te juro por minha palavra,
Que não irei olhar, não!
Não creio em ti, meu menino,
Jurar não é nenhuma arte

Shem zich nit, shein meidele
Megst in taich arain
C'shver ba main nemunes dir
Ch'vel nisht kukn, nein !
Ch'gleib dir nisht main ingele,
Shvern is kain kunts,

Vos jurais frequentemente, nós
acreditamos
Em seguida nos enganais.

Bis: Ir shvert oft, mir glaibn aich,
Dan genart ir undz.

Quando não acreditas em meu juramento
Pensas que sou como os outros
Ponho uma venda nos meus olhos
Fortemente com dois nós.
Porém, estás olhando, menino,
Eu te advirto agora

Ven du glaibst main shvue nisht
Meinst, ich bin vi ze
Bind ich mir di oign tzu
Fest mit kniplech tsvei.
Kukstu ober, ingele,
Ch'vorn dich atzind

Tu te tornarás um verdadeiro
Rouco e cego.

Bis: Verstu oif an emesn
Heizerik un blind.

Estou deitado junto ao riacho
E não vejo nenhuma sombra
Ouço então que a menina
Pula dentro do riacho
Ouço que ela ri e canta

Lig ich mir baim taichele
Ze ich nisht kain shain
Her ich vi dos meidele
Shpringt in taich arain,
Her ich vi zi lacht un zingt

Ouve-se de longe sua voz:
 Oh! tu, menino,
 Visses como eu nado bem.

Ouço como ela ri e canta.
 Não olhes, ficarás logo cego,
 Ah! como está quente, menino,
 A água agora.
 Sai já menina,
 Eu não agüento mais.

Não olhes, não olhes, menino
 Estou do riacho saindo.

S'hert zich vait ir shtim:
 Bis: Oh! vem du volst, ingele
 Zen vi fain ich shvim.

Her ich vi zi lacht un zingt:
 Kuk nisht,verst bald blind,
 Oi, vi heis is, ingele
 S'vaserl atzind.
 Kum arois shoin, meidele,
 Ch'halt shoin mer nit ois.

Bis: Kuk nisht, kuk nisht,ingele,
 Ch'gei fun taich arois.

2.19 NÃO QUERO ESTE NOIVO CH'VIL NIT AZA CHUSN

O casamenteiro me traz um pretendente
 Todos o apreciam
 O nome dele é Beniomen
 A mim não me agrada esse nome
 Não quero ser sua noiva
 Oh! não quero ser sua noiva.

Brengt der shadchn mir a shidech
 Kveln fun im ale
 Heist der chosn gor Beniomen
 Mir gefelt nisht aza nomen
 Ch'vil nisht zain zain kale
 Oi, ch'vil nit zain zain kale

Refrão

**Oh! ai de mim, mãezinha,
 Não quero me amarrar
 Com qualquer um,
 Querida mãezinha,
 Oh! querida mãezinha!**

**Oi vei mameniu!
 Ch'vil nit nemen
 Abi vemen,
 Taiere mameniu,
 Oi, taiere mameniu!**

O casamenteiro me traz um pretendente
 Com noivado já assegurado
 Chama-se Iankl, como seu avô,
 Também este nome não posso suportar
 Não quero este noivo
 Oh! não quero este noivo.

Brengt der shadchn mir a shidech
 Tnoim shoin bashlosn
 Heist er Iankl noch zain zeidn
 Ch'ken dem nomen oich nisht laidn
 Ch'vil nisht aza chosn
 Oi, ch'vil nisht aza chosn.

O casamenteiro me traz um noivo
 Diz ele que é um lorde
 Chama-se, coitado, Shloime Zishe
 Só fala ídiche, que vergonha!
 Não quero este noivo
 Oh! não quero este noivo.

Brengt de shatchn mir a chosn
 Zogt er is gor a srore
 Heist er nebech Shloime Zishe,
 Redt nor ídiche, fe, a bishe!
 Ch'vil nit aza tzore
 Oi, ch'vil nit aza tzore.

O casamenteiro me traz um noivo

Brengt de chatchn mir a chosn

O melhor de todos
 Chama-se Vladek, mais uma desgraça
 A mãe do Vladek se chama Sara
 Como eu, sua futura noiva
 Oh! ela não quer esta noiva

An oisnam fun ale
 Heist er Vladek, noch a tzore
 Vladeks mame heist oich Sore
 Punkt vi ich zain kale
 Oi, zi vil nisht di kale.

Refrão

Oh! ai de mim, mãezinha,
 Já me manda Deus um noivo
 Acontece uma desgraça
 Chamo-me Sara,
 Ai de mim, mãezinha
 Oh! querida mãezinha

Oi vei mameniu,
 Shikt shoin Got mir einem tzu
 Treft a tzore,
 Heis ich Sore,
 Vei mir, mameniu,
 Oi, taiere mameniu.

2.20 TRÊS FILHAS

DRAI TECHTERLECH

Esta canção é de caráter autobiográfico. Ele se alegra com o casamento de cada uma das filhas. Porém na terceira, fica triste porque a casa fica vazia.

Quando com sorte, saúde e vida
A filha mais velha casar
Eu dançarei, hop, hop
Uma preocupação a menos
Eu dançarei, eu dançarei
Uma preocupação a menos

Toquem, músicos, toquem com vibração
A filha mais velha casou
Sobraram-nos ainda duas meninas
Quando chegará a vez delas?
Toquem, músicos, peguem os instrumentos
Que todo mundo se alegre conosco
Nossa festa somente um Deus conhece,
E aquele que filhas tem.

Quando eu vir a segunda filha
Vestida de branco como noiva
Eu beberei e estarei feliz
Um peso a menos no coração
Eu beberei, eu beberei
Um peso a menos no coração

Toquem, músicos, comecem a malhar!
A segunda filha entregamos com alegria
Ainda nos sobrou a caçula
Quando chegará sua vez?
Toquem, músicos, para nós parentes,
Que se divirtam também uma vez os pobres
Casar filhos, oh! meu Deus
E ainda mais mulher!

Quando com a última ouvir a música
A última filha, oh! a última filha,
Ficarei então triste e pensativo
A última filha também se foi
Que mais hei de querer?
Que mais hei de querer?

Toquem, músicos, enfeitem a noiva
Levaram-nos todas as crianças,
Era difícil criar três filhas,
Mas mais difícil ainda é ficar sem elas.
Toquem, músicos, as lágrimas escorrem,

Vem mit mazl, gezunt un lebn.
S'elste techterl mir veln oisgebn
Vel ich tanzn mir hop, hop!
Arop an ol fun kop,
Vel ich tanzn, oi vel ich tantzn
Arop an ol fun kop.

Shpilt klesmorim! Shpilt mit lebn
S'ershte techterl haint oisgegebn
Noch geblibn undz meidlech tzvei
Vi halt men shoin bai ze!
Shpilt klesmorim, nemt di keile zain.
Zol di gantze velt mit undz zich freien
Oi, undzer simche veist nor ein got,
Un der vos techter hot.

Vem ch'vel zen shoin, dos tzveite meidl.
Ongeton in vaisn chupe-kleidl
Vel ich trinken un freilech zain
Arop fun hartz a shtein,
Vel ich trinken, oi, vel ich trinken,
Arop fun hartz a shtein.

Shpilt, klesmorim, heibt on shnaidn!
S'tzveite meidl gibn mir ois in freidn
Dos mezinikl noch hobn mir,
Vi halt men shoin bai ir
Shpilt, klesmorim, far undz mechetonim
Zoln a leb ton oich amol kaptzonim
A kind oisgegebn, oi, goteniu
A meidl noch dertzu!

Ven baim letztn ch'vel shpiln hern
S'letzte techterl, oi, s'letzte techterl,
Vel ich epes troierik shtein un klern
S'letste techterl shoin oich avek
Vos noch is do der tzvek?
Vos noch is do der tzvek?

Shpilt, klesmorim! Bazetst di kale,
Tzugenumen undz di kinder ale,
Shver geven undz di techter drai
Oi, shverer noch on ze!
Shpilt, klesmorim, arois undz trenn,

A última cama, a casa toda
E o guarda-roupa ficarão vazios hoje
Ai de mim, um sentimento de vácuo!

S'letzte betl vet haint leidik vern,
S'gantze shtibl, ir kleider shank
Oi-vei, pust un bang!

O casamento

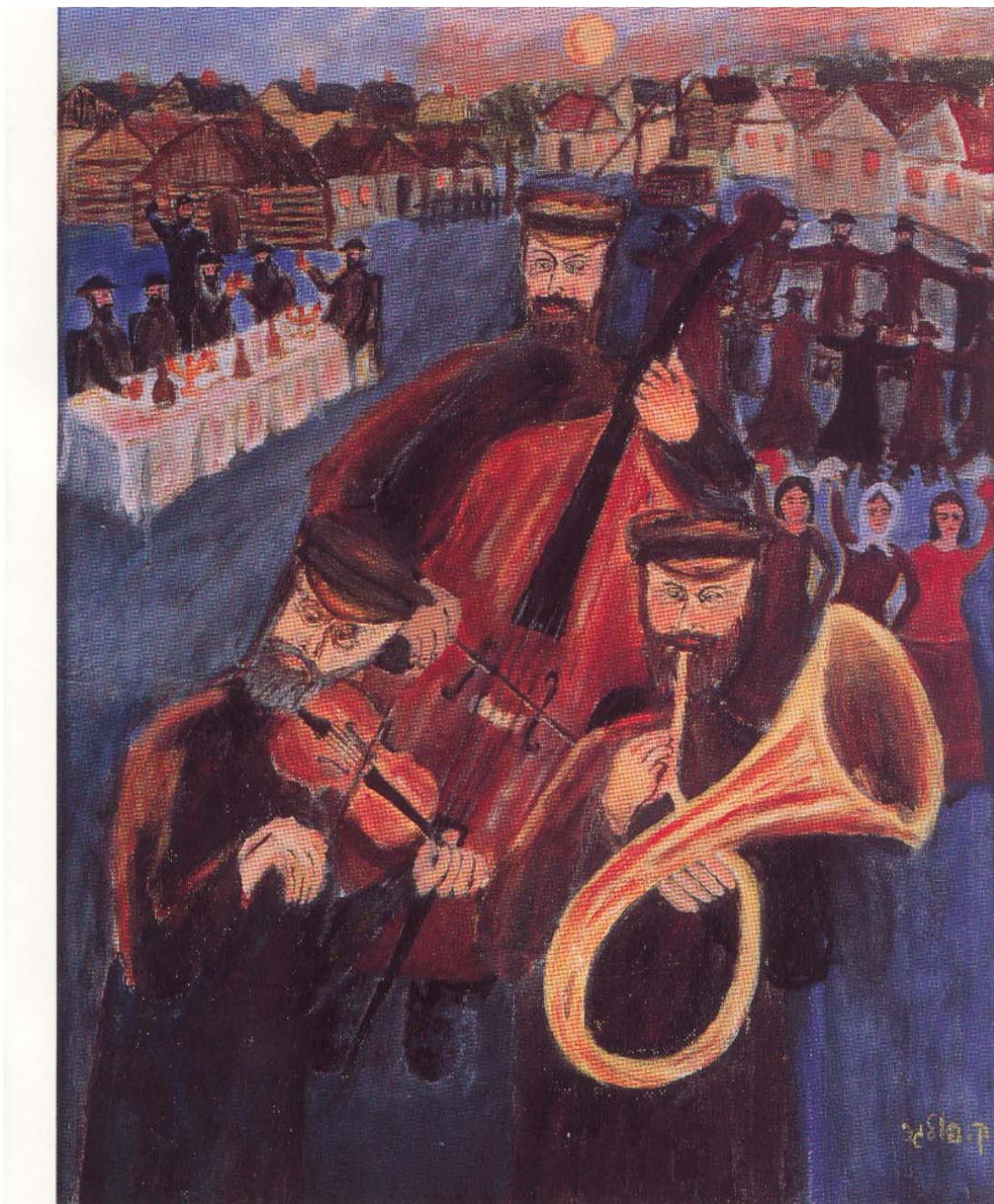


Figura 12

Fonte: Fulgar, Kalmen

2.21 MOISHELE, MEU AMIGO MOISHELE, MAIN FRAIND

O autor relembra nesta canção seus colegas de infância, bem como a escola que freqüentaram, o *cheider*, e aquele ríspido professor de chicote na mão. Moishele sorria quando apanhava do mestre, e este ficava furioso de raiva. Relembra também seu amor pela irmã de Moishele, mas ela gostava de outro, e termina perguntando: como se retorna aos anos, dos belos tempos de juventude.

Como estás, Moishele?
Ainda te lembro de relance,
Foste meu companheiro
Há muitos anos passados,
E também no *cheider* estudamos
Por muito tempo juntos
Ainda se encontra diante de mim
O professor, com o chicote na mão.

Vos machstu epes Moishele?
Ch'derken dich noch on blik,
Du bist geven main chaver!
Mit iorn fil tzurik,
Un oich in cheider hobn mir
Gelernt lang banand
Ot shteit far mir der rebe noch,
Der kantshik in zain hant

Como se consegue retornar aos anos
Daqueles belos tempos,
A linda vida da juventude
Já está longe de nós;
Como se conseguem de volta os anos,
Moishele, meu amigo,
Daquele ríspido professor
O coração tem saudades ainda hoje .

Oi, vu nemt men tzurik di iorn,
Iene sheine tzait,
Oi, dos iunge sheine leb'n
Is fun undz shoin vait;
Oi, vi nemt men tzurik di iorn,
Moishele, main fraind
Oi, noch ienem beizn reb'n
Benkt dos hartz noch haint.

Como estás, diz, meu amigo?
O teu sorriso agora
Lembra-me de tua persistência
Ainda sendo criança
O professor te chicoteava,
Estavas nervoso e pálido,
Mas por desaforo sorrias,
O professor pulava de raiva.

Vos machstu, zog, main chaver!
Dain shmaichele atzind
Dermont mich dain akshoniskait
Noch zaiendik a kind
Der rebe shmaist in dir arain
Bist oifgeregt un blas,
Nor im lehakeim shmaichlstu,
Der rebe shpringt fun kas.

Como se conseguem de volta os anos

Oi, vu nemt men tzurik di iorn

Daquele belo tempo ,
 Oh! A linda vida da juventude
 Já está longe de nós
 Oh! Como se conseguem de volta os anos
 Moishele, meu amigo.
 Daquela chicotada do professor
 O coração ainda hoje tem saudades.

Iene sheine tzait,
 Oi, dos iunge sheine leb
 Is fun undz shoin vait
 Oi, vu nemt men tzurik di iorn,
 Moishele, main fraind
 Oi, noch iene shmitz fun rebn
 Benkt dos hartz noch haint.

Como está tua irmã Ruchele?
 Como se a tivesse visto agora,
 Ela certa vez, tu ainda te lembras,
 Perto do meu coração estava,
 Mas ela namorava o Berele,
 E me odiava sem motivo.
 Por muito tempo, ficou em meu coração
 Uma ferida não cicatrizada.

Vos macht dain shvester Ruchele?
 Vi ch'volt zi itzt gezen,
 Zi is amol, gedenkst du noch,
 Mir noent tzum hartz geven,
 Nor zi gelibt hot Berelen,
 Gehast mich un shum grunt.
 Geblibn is in hartzn lang
 A nisht farhailte vund.

Oh! Onde se conseguem de volta os anos
 Daqueles belos tempos,
 A linda vida da juventude
 Já está longe de nós,
 Oh! Onde se conseguem de volta os anos,
 Moishele, meu amigo
 Também daquela linda Ruchele
 O coração ainda hoje tem saudades.

Oi, vu nemt men tzurik di iorn
 Iene sheine tzait
 Oi, dos iunge sheine leb
 Is fun undz shoin vait,
 Oi, vu nemt men tzurik di iorn
 Moishele, main fraind
 Oich noch iene sheine Ruchele
 Benkt dos hartz noch haint.

O que se passa com o Berele,
 Avreimele como vai?
 E Zalmele e Iossele?
 Frequentemente em vocês pensei
 Sonhei com vocês, crianças,
 E me via no meio de todos
 Tornamo-nos pessoas adultas
 Como a vida passa voando!

Vi geit es epes Berelen,
 Avreimele vos macht?
 Un Zalmele un Iossele?
 Zeier oft fun aich getracht,
 Gecholemt fun aich kinderlech,
 Gezen zich in der mit
 Gevorn alte idelech
 Vi shnel dos leb'n flit!

Como se conseguem de volta os anos,
 Daqueles belos tempos
 A linda vida da juventude
 Já está longe de nós
 Como se conseguem de volta os anos,
 Moishele meu amigo,
 Daquelas pessoas jovens
 O coração ainda hoje tem saudades

Oi, vu nemt men tzurik di iorn,
 Iene sheine tzait
 Oi, dos iunge sheine leb
 Is fun undz shoin vait,
 Oi, vu nemt men tzurik di iorn,
 Moishele, main fraind.
 Oi, noch iene iunge laidn
 Benkt dos hartz noch haint

In *cheider* em Dlugeshedle, província de Grodne



Figura 13

Fonte: Roskies, Diane K. and David

2.22 RETRATO DE SHIFRELE SHIFERELES PORTRET

| | |
|------------------------------------------------|------------------------------------------|
| Na parede à esquerda de minha cama | Oif der vant links fun main bet |
| Encontra-se o retrato de minha filha Shifrele. | Hengt main tochter Shifreles portret. |
| No meio da noite muitas vezes | Oft mol in der mitn der nacht, |
| Quando penso e sinto saudades dela | Vem ich benk noch ir un tracht, |
| Imagino com certeza que me observa | Ze ich, vi zi kukt oif mir, |
| E ouço que me dirige a palavra. | Her ich, vi zi redt. |
| Sei que estás ansioso para me ver, paizinho | Tateshi! ch'veis, s'is dir bang, |
| A guerra não ira durar muito, | S'vet der crig shoin nisht gedoern lang, |
| Em breve estaremos novamente juntos | Kumen vel ich bald tzu dir, |
| A primavera já está batendo à nossa porta, | S'klapt der friling shoin in tir, |
| Diz e sorri amavelmente para mim | Shmeichlt lib tzu mir um redt |
| O retrato de Shifrele. | Shifreles portret. |

Cracóvia-2/12/1939

2.23 Yankele

Canção de ninar. O menino chora. A mãe, como todas do shteitl, sonha para que o filho estude e seja um gênio da Torá e do Talmude, bem como um bom comerciante. Passado o sonho e vendo o menino todo molhado, deitado no berço, entra na realidade e lhe diz que ele ainda vai gastar muitas lágrimas até que se torne um homem.

Durma já, meu lindo Yankele
 Feche seus olhinhos negros
 Para um menino que já tem todos os dentes
 A mãe ainda precisa cantar ai- lu- lu.

Para um menino que já tem todos os dentes
 Que logo com sorte ira para a escola
 E estudara a Torá e o Talmude
 É próprio chorar quando a mãe o embala?

Um menino que vai estudar o Talmude
 Lá está o pai, sorri e presta atenção
 Um menino que cresce um gênio do Talmude
 Não deixa a mãe tranqüila noites inteiras.

Um menino que vai estudar o Talmude
 Bem como um competente comerciante também
 Um menino que já está em idade de casar
 Pode estar tão molhado como dentro de um rio?

Adormeça meu rapaz casadoiro e inteligente,
 Por enquanto você está deitado no berço
 Custará ainda empenho e lágrimas de sua mãe
 Até que você se torne um homem.

YANKELE

Shlof zhe shoin, Yankele main sheiner
 Di eigelech, di shvartztike, mach tzu
 A ingele vos hot shoin ale tzeindelech
 Muz nor di mame zingen ai-lu-lu.

A ingele vos hot shoin ale tzeindelech
 Un vet mit mazl bald in cheider gein
 Un lernen vet er chumash mit gemore
 Zol veinen vem di mame vigt im ain?

Ot shteit der tate, kvelt un hert zich tzu
 A ingele vos vakst a talmed chuchem
 Lozt gantze necht der mame nisht tzeru

A ingele vos vakst a talmed chochem
 Un a genoiter soicher oich tzu glaich
 A ingele, a kluger chosn bucher
 Zol lign azoi nas vi in a taich?

Un shlof zhe mir, main kluger chosen bucher
 Dervail ligste in vigele bai mir
 S'vet costn noch fil mi un mames trem
 Bis vanen svet a mentsh arois fun dir.

2.24 A CANÇÃO DO PAÍS DE OURO

DOS LID FUN GOLDENEM LAND

Pegue, bom músico, seu violino na mão
E toque-me a canção do país de ouro
Certa vez minha mãe, com coração e
sentimento
Cantava a canção. Oh! toque-me, toque!

Oi, nem guter klesmer dain fidl in hant
Un shpil mir dos lidl fun goldenem land
A mol flegt main mame mit hartz um gefil

Dos lidl mir zinguen, oi shpil es mir, shpil!

E quando ouço a canção recordo-me logo
De minha querida mãe, sua figura
Seu encantado sorriso, seu meigo olhar
Despertam-me para minha felicidade
passada.

Un her ich dos lidl, dan shvebt far mir bald
Main taiere mame, ir liblech geshtalt;
Ir hartsiker shmeichl, ir tzertlecher blik
Zei vekn mich oif main fargangenem glik.

Quando ouço a canção, percebo, lá está
Minha mãe, ela apronta meu berço
E sinto na minha testa sua mão magra
Ela me canta a canção do país de ouro

Un her ich dos lidl, derze ich, ot shteit,
Main mame, zi macht mir main vigele greit.
Un ch'fil of main shtern ir darinke hant-
Zi zihgt mir dos lidl fun goldenem land.

Havia uma vez um país de ouro
Um primogênito inteligente, um belo
brilhante...
Ela canta, e o relógio agitado faz o seu o
tique-taque
E o berço se balança, ai-liu-liu.

Amol is geven a goldenem land
A kluger beniochit, a sheiner brillant-
Zi zingt un es tiktakt dem zeiger's umru
Un s'vigele hoidet zich- ai liu-liu-liu.

E ouço a canção, a doce melodia,
Então vem no coração um sentimento de
tristeza
Como se a mãe com coração e sentimento
Cantasse-me a canção. Oh! toque-me,
toque!

Un her ich dos lidl, dos zisse gezang
Dan vet oifn hartz azoi umetig bang-

Un s'vilt zich, vi di mame mit harts um gefil,
Dos lidl mir zingen-oi, shpil es mir, shpil!

2.25 ALEGREM-SE, CRIANÇAS

HULIET, HULIET KINDERLACH

Brinquem, amáveis crianças,
A primavera está chegando
Oh! como eu estou, crianças,
Com inveja agora de vocês.

Shpilt aich, libe kinderlech-
Der friling shoin bagint!
Oi, vi bin ich, kinderlech
Mekane aich atzind.

Refrão

**Alegrem-se, crianças,
Enquanto estão jovens
Porquanto, da primavera até o inverno
Basta um pulo de gato.**

**Huliet, huliel, kinderlech,
Kol-zman ir zent iung
Vail fun friling bis tzum vinter
Is a katzn shprung.**

Brinquem, amáveis crianças,
Não percam nenhum instante.
Coloquem-me também na brincadeira
Proporcione-me essa felicidade

Shpilt aich, libe kinderlech
Farzoimt kein oignblik
Nemt mich oich arain in shpil,
Fargint mir oich dos glik.

Não olhem para minha cabeça grisalha
Isso os impede de brincar?
Minha alma ainda é jovem
Como era muitos anos atrás.

Kukt nisht oif main groien kop,
Tzi shtert dos aich in shpil?
Main neshome is noch iung,
Vi tzurik mit iorn fil.

Minha alma ainda é jovem
E acaba morrendo de saudades
Ah! como ela tem vontade
De sair do velho.corpo!

Main neshome is noch iung,
Um geit fun benkshaft ois.
Ach, vi gern vilt zich ir
Fun altn guf arois.

Brinquem, amáveis crianças,
Não percam nenhum instante
Porque a primavera está terminando
E com ela a grande felicidade.

Shpilt aich libe kiderlech,
Farzoimt kein oignblik
Vail der friling ekt zich bald,
Mit im dos hechste glik.

2.26 ANOS DE INFÂNCIA

KINDER IORN

Anos de infância, doces anos de infância
Sempre permanecem gravados em minha
mente

Quando eu penso em vosso tempo
Meu sentimento se torna dolorido
Oh! Como eu envelheci tão rapidamente!

A casa ainda está diante de meus olhos
Onde eu nasci e me eduquei
Também meu berço, vejo lá,
Ainda se encontra no mesmo lugar
Como um sonho tudo sumiu.

E minha mãe, como eu gostava dela
Apesar de me empurrar para o *cheider!*
Cada beliscão de sua mão
Ainda me é bem familiar
Apesar de não ter sobrado nenhum sinal.

Ainda vejo você, Fêigele linda,
Ainda beijo suas faces rosadas,
Seus olhos cheios de alegria
Entram no meu coração
Pensei que algum dia você seria minha.

Anos de infância, lindas flores viçosas
Vocês não voltarão mais para mim

Anos avançados, tristes,
Frios, terrivelmente rebeldes,
Tomaram vosso lindo lugar.

Anos de infância, eu vos deixei
Minha querida mãe também perdi
Da casa não sobrou sequer sombra
Fêigele também se foi
Oh! Como envelheci tão depressa!

Kinder iorn, zisse kinder iorn
Eibik blaiht ir vach in main zikorn;

Vem ich tracht fun aier tzait,
Vert mir azoi bang um leid-
Oi, vi shnel bin ich shoin alt gevorn.

Noch shteit mir dos shtibl far di oign,
Vu ich bin geboirn, oifgetzoign,
Oich main vigl, ze ich dort,
Shteit noch oif dem zelbn ort-
Vi a cholem is dos alts farfloign.

Um main mame, ach, vi ch'fleg zi libn,
Chotsh zi hot in cheider mich getribn;
Ieder knip iz fun ir hant
Mir noch azoi gut bakant-
Chotsh kein tzeichn is mir nisht farblibn.

Noch ze ich dich, Feigele du sheine,
Noch kush ich di roite beklech daine,
Daine oign ful mit chein
Dringen in main hartz arain,
Ch'hob gemeint du vest amol zain
maine.

Kinder iorn, iunge sheine blumen!
Tzurik tzu mir vet ir shoin mer nisht
kumen;

Ionr alte, troierdike,
Kalte, moire-shroiredike,
Hobn aier sheinem plats farnumen.

Kinder iorn, ch'hob aich ongevorn
Maine getraie mamen oich farloirn
Fun der shtub nishto kein flek
Feigele iz oich avek,
Oi, vi shnel bin ich shoin alt gevorn!.

Anos de infância

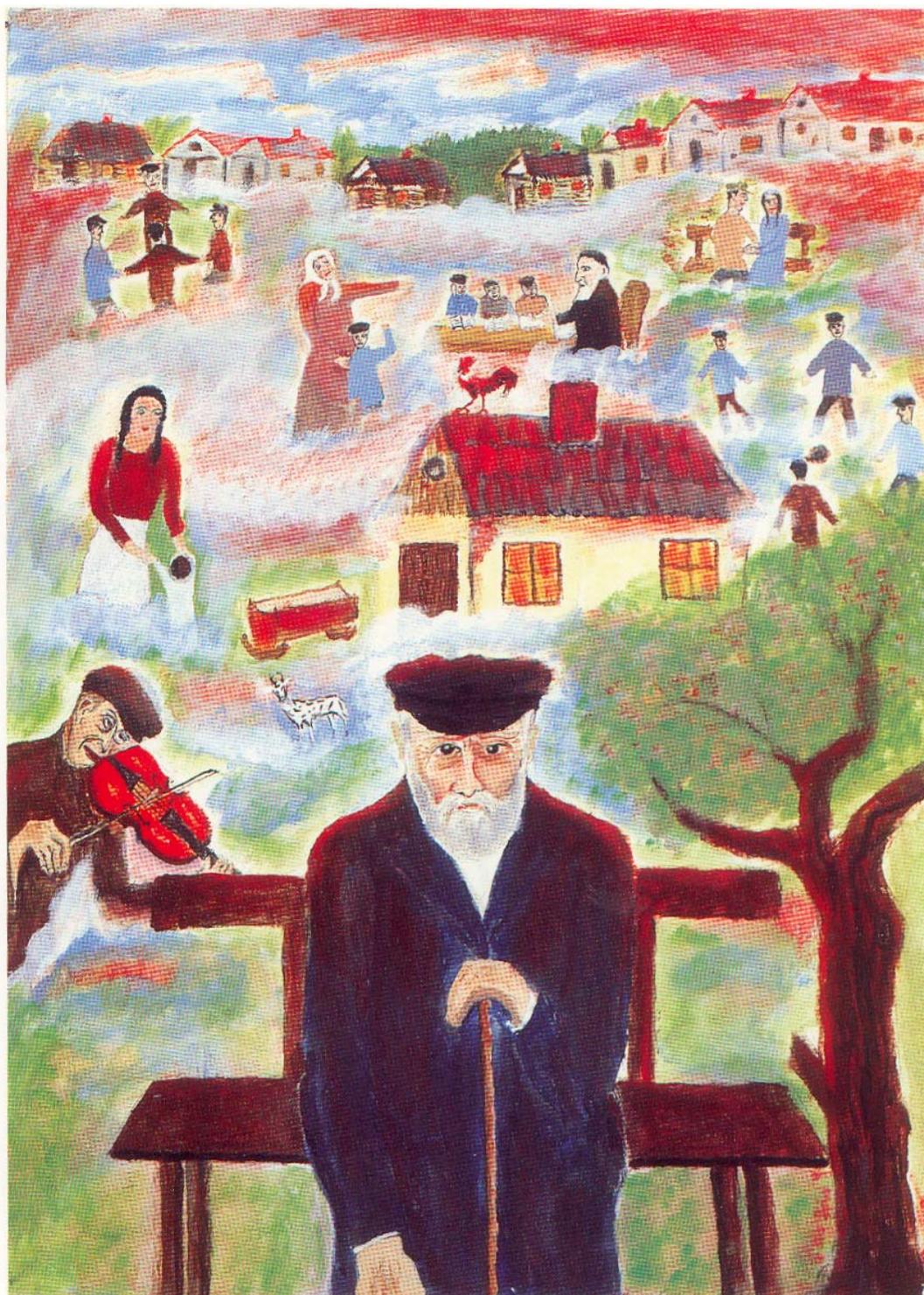


Figura 14

Fonte: Fulgar, Kalmen

2.27 VENHA DANÇAR LEIBKE

Leibke, meu querido, isto não dará certo
 Você me deixa fora do sério na sua teimosia
 Você precisa aprender a dançar, juro por nossa vida
 Todos os ãos, se foram hoje conosco
 Você pode ser o que quiser
 Um sionista roxo,
 Um *bundista*, a quem isso interessa?
 Todos os “istas” têm seu tempo.
 E também os judeus religiosos
 Dançam tango e *charleston*.

Refrão

**Venha dançar, Leibke, não tenha vergonha,
 Eu o levo passo a passo
 Coloque-se, meu querido,
 Na minha frente
 E comece junto comigo,
 Agarre-me com força, caro Leibke,
 Tenho certeza de que isto você já sabe
 Agora vamos girar
 Ai, que vidão
 Quando um par dança o *charleston!***

Leibke, os homens hesitam em reconhecer
 Meu melhor termômetro é quando danço com eles
 Aqueles que são casados e aqueles que são livres
 Isso eu reconheço logo na primeira rodada
 Quem é um homem decente,
 Quem um marginal, charlatão,
 Isso eu sinto quando começa a dança,
 E por isso caro Leibke,
 Eu quero, por isso também
 Ensinar-lhe o tango e o *charleston*

KUM LEIBKE TANTZN

Leibke main líber dos vet kain guts nisht gebn
 Du bringst mit dain akshones mich fun gedult arois
 Du must zirsch lernen tantzn, ich shver bai undzer lebn,
 Ale nisht, iz haint noch mit undz ois-
 Megst zich zain vos du bist;
 A farbrenter tzionist,
 A bundovetz, vemen geit dos on?
 Ale istn zait a tzait,
 Um oich di agude lait,
 Tantz tango um tsharleston.

Refrão

**Kum Leibke tantzn shem zich nit,
 Ich vel dir firn shrit bai shrit,
 Shtel zich main liber,
 Akegn iber
 Um heib tzuzamen mit mir on,
 Nem fest arum mich, Leibke kroin,
 Dos veis ich zeker kenstu shoin,
 Itzt lomir shvebn-
 Ach, s'ara lebn,
 Ven tantzt a porl tsharleston.**

Leibke, di mener, zei grintlech tzu derkenen,
 Main bester termometer is vem ich tantz mit zei,
 Velche shoin bavaibte um velche frai noch zenen,
 Dos dergei ich shoin baim ershtn drei:
 Ver es iz a fainer man,
 Ver a lump, a sharlatan,
 Fil ich, ven der tantz, nor heibt zich on,
 Um derfar, Leike kroin,
 Vil ich dich, um take shoin,
 Lernen tango um tsharleston.

2.28 O SOL SE PÔS

O sol se pôs, já escureceu
Estou deitado sozinho e triste na floresta
E penso na minha juventude, ah! anos felizes
Uma saudade deles me assalta.

E logo eu vejo, como acreditar
Que isto seja somente um sonho?
Vêm voando muitos pombos brancos
E se colocam em torno de mim.

E me sinto tão jovem como se com eles viesse
De novo minha juventude de volta.
E ouço que os pombos arrulham
E consigo deles estas palavras:

Você, por um momento, nos lembrou em sua mente
Reconhece-nos. Olhe com bastante atenção
Nós somos os seus anos passados
Dos quais você tem muitas saudades.

Atendemos ao chamado de seu coração
De sua tristeza e saudade sem fim
Assim nós, pombinhos, voltamos de novo
E ficaremos eternamente com você.

Eu ergo minhas mãos e lhes desejo paz
Você é jovem, ouço arrulhar na floresta
E de repente acordo, foi somente um sonho,
Estou sozinho, triste e velho.

DI ZUN IS FARGANGEN

Di zun is fargangen, shoin tribelech gevorn,
 Ch'lig einzam, farumert baim vald
 Um tracht fun main iugnt, ach, glikleche iorn,
 A benkschaft noch zei mich bafalt.

Um plutslung derze ich, es vil zich nisht gleibn,
 Tzi zol dos a cholem zain blois?
 Es kumen tzu shvebn fil vaisinke toibn
 Um shteln arum mir zich ois.

Um ch'fil azoi iung zich, vi'svolt mit zei kumen
 Main iugnt tzurik fun dos nai,
 Um ch'her vi di taibelech vorken un brumen,
 Ch'farnem ot di verter fun zei

Du host far a vail undz dermont in zikorn
 Derkents undz/ kuk ain zich genoi,
 Dos zenen mir daine fargangene iorn,
 Noch velche dir benkt zich azoi.

Mir hobn dem ruf fun dain hartzn farnumen,
 Dain umet, dain benken on shir,
 Nu, zenen mir taibelech vider gekumen
 Um blaibn shoin eibik mit dir.

Ich shtrek maine hent ois um gib zei op sholem,
 Bist iung, her ich vorken in vald-
 Um plutslung dervach ich, geven blois a cholem,
 Ch'lig einzam, farumert um alt.

2.29 MOTELE

Qual sera o fim, Motl?, diga-me.
 Você está pior do que antes
 O professor se lamentou hoje
 De que você perturba sua vida
 Não é suficiente que você não quer estudar
 O professor, coitado, por que irritar?
 Você briga e brinca somente
 E perturba o aprendizado das crianças.

Não é verdade, pai, o que o professor diz
 Um homem ruim, não tem igual
 Porque ele não conta como ele nos bate,
 Veja paizinho, a marca azulada
 Eu apenas discuti com o Avreiml
 Ele rasgou meu livro sagrado
 Por isso ele nos colocou em seu colo
 E cantando, ele nos chicoteou.

Qual sera o fim, Motl? Responda sobre isso
 Os vizinhos dizem, e devo acreditar
 Você corre dias inteiros no páteo,
 E brinca com as pombos do Ianek
 Isso é bonito para um judeu, diga,
 Correr atras de pombos?
 Você ontem, Motl, de novo com uma pedra
 Quebrou a vidraça do vizinho.

Não é verdade, pai, caiu somente
 Um pedaço de vidro, dá para colar
 Eu não digo, eu presto atenção somente
 Como os pombos arrulham lindamente,
 Como pulam livremente no páteo,
 Como picam lindamente os caroços
 E como rapidamente eles saem voando
 Quando vêem um pombo estranho

Qual sera o fim, Motl? eu lhe pergunto.
 Um rapaz crescido, graças a Deus,

MOTELE

Vos vet der sof zain, Motl, zog zhe mir?
 Bist erger noch fun frier gevorn,
 Baklogt hot zich der rebe haint oif dir,
 Az du dergeist im zaine iorn.
 S'iz nisht genug du vilst nisht lernen gor,
 Dem rebbn nebech tust dertzernen,
 Shlogstu zich arum um shpilst zich nor,
 Um shterst di kinderlech dos lernen?

Nisht emes, tate, vos der rebe zogt,
 A shlechter mentsh, nishto zain glaichn,
 Far vos dertzeilter nisht, vi er undz shlogt,
 Zé, tateniu, dem bloien tzeichn.
 Ch'ob mit Avremlen, zich tzevertlt bloiz,
 Er hot main chumeshl tzerisn,
 Derfar hot undz der rebe oif zain shois,
 Noch mit a nigndl geshmisn.

Vos vet der sof zain, Motl? Entfer d'roif:
 Di shreinim zogn, ch'muz zei gleibn,
 Du iogst zich gantse teg arun in hoif,
 Um chavert zich mit Ianeks toibn
 Tzi is dos shein far idn, zog alein,
 Mit toibn zich arumtzuioign?
 Host nechtn, Motl, vider mit a shtein
 Dem shochns shoibn oisgeschlogn?

Nish emes, tate s' iz nor koim arois
 A shtikl shoib, men ken's tzuklepn.
 Ich iog zich nisht, ich kuk zich tzu nor blois,
 Vi shein di taibelech zich shvebn,
 Vi frai zei shpringen zich arum in hoif,
 Vi shein di kerndlech zei pikn,
 Vi shnel zei gibn zich a loz aroif,
 Vem zei a fremde toib derblikn.

Vos vet der sof zain, Motl ch'freg dich nor?
 A groiser iung, kein ain-hore,

Quando eu tinha treze anos,
 Eu conhecia a Gemorá de cor,
 Um judeu deve estudar Torá com grande
 alegria,
 Não ter bobagens no pensamento
 Feliz o homem que é chegado a Deus
 Que sabe estudar bem e ganhar dinheiro.

Vem ich bin gevezn draitsn ior,
 Gekent vi vasser di gemore,
 A id miz lernen toire mit grois freid,

Nisht hobn narishkeit in zinen-
 Az voil dem mentsh, vos is tzu got, tzu lait,
 Vos ken gut lernen un gelt fardinen.

O avô contou uma vez que você
 Costumava também correr atrás dos pombos
 Você não era melhor do que eu,
 Seu professor também lhe batia
 Hoje pode estudar e ter dinheiro para isso
 Não tenha, meu pai, nenhum receio,
 Quando for grande, irei como você
 Ganhar dinheiro e estudar Torá.

Der zeide hot amol dertzeilt fun dir,
 Flegst oich noch taibelech zich iogn,
 Bist oich fil beser nisht geven fun mir,
 Dain rebe hot dich oich geshlogn,
 Haint kenstu lernen um host gelt dertzu,
 Hob, tateniu, far mir kein moire,
 Vem ich vel vern grois, vel ich, vi du,
 Fardinen gelt un lernen toire.

2.30 MAIS UM COPO DE CHÁ

NOCH A GLEISL TEI

Berele, meu queridinho,
Tenho um pedido a lhe fazer
Perele, minha queridinha,
Qual é o seu pedido?

Berele main libinker,
Ch'ob tzu dir a bakoshe,
Perele main libinke,
Vos iz dain bakoshe?

Quando por sorte eu tiver
Com alegria, um menino
Quero que nosso filho tenha
O nome de meu sagrado avô.

Ven mit mazl ich vel hobn
A ingele in freidn,
Vil ich undzer kind zol heisn
Noch main frumen zeidn.

Por que justo de seu avô?
Eu também tenho uma opinião
Você teve agora uma menina
E lhe deu o nome de sua avó Leie.

Farvos epes noch dain zeidn?
Ch'hob doch oich a deie
Host doch ersht gehat a meidl
Noch dain bobbe Leie.

Berele, meu maridinho,
Quero lembrar-lo de alguma coisa
Perele, minha mulherzinha,
De que quer me lembrar?

Berele main manele,
Ch'vil dich epes dermonen-
Perele main vaibebe,
Vos vilstu mich dermonen?

Você esquece que nosso Leibke
Tem o nome de seu avô,
Por que você escolhe os meninos
E para mim deixa as meninas?

Du fargest, az undzer Leibke
Heist shoin noch dain zeidn,
Far vos kloibstu di iungen,
Varfst mir tzu di meidn?

Você esquece que o nome de seu pai
Foi dado para nosso Nochem
Por isso é parecido com ele-
Nenhum grande sábio.

Um du fargest, az noch dain tatn
Heist doch undzer Nochem,
Er iz derfar in im gerotn-
Nisht kein groiser chochem.

Berele, meu querido,
Quero lhe dizer uma coisa.
Perele, minha querida,
Que quer me dizer?

Berele, main taierer,
Ch'vil dir epes zogn-
Perele, main taiere,
Vos vilstu mir zogn?

Para que precisamos brigar agora?
Esperemos viver para ver
Eu, de propósito o nome de meu avô
Darei para a criança.

Vos zhe darf men itzt zich krign?
Lomir nor derlebn,
Vel ich davke noch main zeidn
S'kind a nomen gebn.

Por que então brigar agora?
E falar à toa?
Talvez sejam gêmeos
Poderão também ser duas meninas.

Vos zhe take itzt zich krign
Um umzist tzu reidn?
Efsher vet gor zain a tzviling-
S'ken gor zain tzvei meidn.

2.31 RÊIZELE

Encontra-se lá na ruazinha
 Quieta e distraída uma casinha
 Dentro, no sótão da casa,
 Mora minha querida Rêizele
 Toda noite diante da casa
 Eu rondo em volta
 Dou um assobio e chamo Reizl.
 Venha, venha, venha!

Abre-se uma janelinha,
 Desperta a velha casinha
 E logo ecoa na rua tranqüila
 Numa voz doce diz Rêizele
 Espere mais um pouco, meu querido,
 Daqui a pouco estarei livre,
 Dê ainda algumas voltinhas
 Um, dois, três!

Ando então alegremente,
 Canto e como castanhas,
 Ouço pular então nos degraus
 Suas finas perninhas,
 Já desceu do último degrau,
 Abraço-a carinhosamente
 Dou-lhe em silêncio, um beijo na cabeça
 Venha, venha, venha!

Quero lhe pedir, Duvdl,
 Não assobie para cima.
 Vê? ele já está assobiando, diz a mãe.
 Ela é religiosa e se sente ofendida
 Assobiar não é costume judaico
 É algo próprio de moleques
 Dê um sinal simples de judaísmo
 Um, dois, três!

A partir de hoje não assobiarei mais,
 Sobre isso faço um juramento.
 Para agradecer-você eu até
 Me tornarei religioso, minha casta,
 Serei quando você quiser, Reizl,
 Religioso como sua mãe,
 Todo sábado irei à sinagoga
 Venha, venha, venha!

REIZELE

Shteit zich dort in gessele
 Shtil fartracht a haisele
 Drinen oifn boidem-shtibl
 Voint main taier Reizele.
 Iedn ovnt farn haisl
 Draï ich zich arum
 Ch'gib a faif, um ruf ois:Reizl.
 Kum, kum, kum!

Efnt zich a fensterl,
 Vacht oif s'alte haisele
 Um bald klingt in shtiln gesl
 A zis kol, s'redt Reisele:
 Noch a vaile vart, main líber,
 Bald vel ich zain frai,
 Gei zich noch apor mol iber
 Ains, tzvei, drai!

Gei ich mir a frailecher,
 Zing um knak mir nisselech,
 Her ich oif di treplech shpringen
 Ire drobne fisselech,
 Shoin arop fun letztn trepl,
 Ch'nem zi lib arum,
 Ch'gib ir shtil a kush in kepl
 Kum, kum, kum!

Ch'vil dich betn Duvdl,
 Zolst aroif nisht faifn mer.
 Herst er faift shoin, zagt di mame.
 Zi is frum, s'fardrist zi zeier
 Faifn, zagt zi, is nit ídiche,
 S'past nor bloiz far "zei"
 Gib a tzeichn prost oif ídiche
 Ains, tzei, drai!

Ch'vel fun haint nish faifn mer,
 D'roif gib ich a shvuele-
 Dir tzulib vel ich afileu
 Vern frum, main tzniele,
 Ch'vel zain ven du vilst nor, Reizl,
 Vi dain mame frum,
 Iedn shabes gein in klaisl
 Kum, kum, kum!

Acredito em você, meu amor,
 E por isso, Dovdl,
 Estou tricotando uma linda bolsa para tfilim
 Com um *magen Davi*
 Quando gostarem dela na sinagoga
 Deve lhes dizer:
 -Tricotou-a minha adorada Rêisele
 Um, dois, três!

Agradeço seu presentinho
 Amo muito você Rêizele!
 Adoro sua mãe e adoro a ruazinha,
 Adoro a velha casinha,
 Adoro as pedras próximas dela
 Piso sobre elas,
 Veja, sua mãe já está chamando: Reizl,
 Venha, venha, venha!

Vou então alegremente
 Canto e como castanhas
 Ouço correr nos degraus
 Suas finas perninhas
 De novo se encontra a casa distraída
 A ruazinha de novo em silêncio.
 Venha para mim em sonho, Reizl,
 Venha, venha, venha!

Ch'glaib es dir, main libinker
 Um derfar dir Dovdl,
 Shtrik ich a shein tvilin zekl
 Mit a mogn dovidl,
 Ven gefeln s'vet in klaisl
 Zogn zolstu zei:
 -S'hot geshtrikt main libe Reizl
 Ains, tzei, drai!

Ch'dank far dain metunele,
 Ch'lib azoi dich, Reizele!
 Ch'ib dain mamen ch'ib dos gesl,
 Ch'lib dos alte haisele,
 Ch'lib di shteidlech lebn haisl
 Trets oif zei arum,
 Her, dain mame ruft shoin: Reizl,
 Kum, kum, kum!

Gei ich mir a freilecher,
 Zing um knak mir nisselech,
 Her ich oif di treplech loifn
 Ire drobne fisselech-
 Vider shteit fartracht dos haisl,
 S'gesl vider shtum.
 Kum tzu mir in cholem, Reizl,
 Kum, kum, kum!

Rêizele

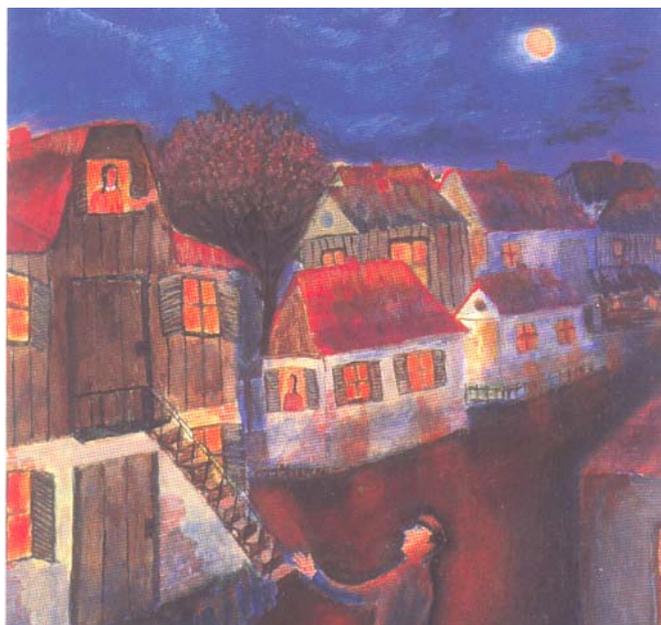


Fig. 15

Fonte: Fulgar, Kalmem

2.32 SEU GATO COM FOME HUNGUERIK DAIN KETZELE

Durma já, minha menina esfomeada,
 Feche os seus olhinhos
 Sua mãe também está com fome
 E não chora e nem grita como você.
 Criança aprenda de sua mãe,
 Tome tudo como ela toma por amor
 Amanhã acordará a sua menina
 E haverá muito pão em casa-
 Ai liu liu, ai liu,liu, liu,
 Durma então, minha jóia!

Durma então, minha bobinha,
 O que há com você hoje?
 Com fome está também seu gatinho
 E não tem nenhuma queixa de mim.
 Veja como ela mia e lhe diz:
 Menina deixe a mãe sossegada!
 Com fome está também seu gatinho
 E não chora como você
 Ai liu liu, ai liu,liu, liu,
 Durma então, minha jóia!

Durma então, minha pobre menininha,
 Porque o sono elimina a necessidade
 Com fome também está sua boneca
 E não chora e nem pede nenhum pão
 Aprenda, filha, com sua boneca
 Sabe o que ela pensa agora?
 Oh! como angustiada está uma mãe,
 Quando a sua criança está com fome-
 Ai liu liu, ai liu,liu, liu,
 Durma já, minha jóia.

Shlof shoin main hunguerik meidele,
 Mach shoin di eigelech tzu,
 Hunguerik is oich dain mamele,
 Um veint nisht un shrait nisht vi du.
 Lern zich, kind, fun main mamele,
 Nem altz vi zi nemt far lib,
 Morgn s'vet oifshtein dain meidele,
 Vet zain assach broit in shtub
 Ai,liu liu, ai liu,liu, liu,
 Shlof shoin main kroineniu!

Shlof shoin main narish klein meidele,
 Vos is haint epes mit dir?
 Hungerik is oich dain ketzele
 Un s'hot gor kain taines tzu mir.
 Her vi es miauket, es redt tzu dir:
 Meidl, loz mamen tzu ru!
 Hungerik iz oich, dain ketzele,
 Un er veint nisht azoi vi du-
 Ai, liu liu, ai liu,liu, liu,
 Shlof shoin, main kroineniu!

Shlof shoin main orem klein meidele,
 Vail der shlof lindert di noit
 Hunguerik is oich dain lialkele
 Um veint nisht un mont nisht kain broit
 Lern zich kind fun dain lialkele
 Veist vos zi tracht atzind?
 -Oi, vi batribt iz a mamele,
 Ven hunguerik iz ir kind-
 Ai,liu liu, ai liu,liu, liu,
 Shlof shoin, main kroineniu.

2.33 MEU JUBILEU

Toque, músico, toque-me uma canção
Hoje é meu jubileu, toque com humor

**Uma canção alegre! Que pule seu violino,
Eu fiz hoje cinqüenta anos!**

Livre- me hoje de minhas preocupações
Hoje quero viver toque, velho amigo!

**Não sei o que trará o amanhã
Podera ser hoje minha última festa.**

Hoje fiz cinqüenta anos
Para o meu balancete não falta muito,

**A parte feliz dos meus anos
Se foi rapidamente, toque, músico, toque!**

Sumiu como o som do violino
Minha linda juventude, um sonho somente-

**Toque, músico, uma linda canção,
Hoje eu fiz cinqüenta anos!**

MAIN IUBIL

Shpil klesmer, shpil oif mir a lidl
S'íz haint main iubil, shpil mit humor

**Bis
A frailechs! Az shprigen zol dain fidl,
Mir is gevorn haint fuftzik ior!**

Bafrai mich haint fun maine zorgn,
Ch'vil haint a leb ton shpil, alter fraind!

**Bis
Ich veis nisht vos brengen vet der morgn,
S'ken zain main simche di letzte haint.**

Shoin fuftsik iz mir haint gevorn,
Tzu main sachacal felt shoin nisht fil,

**Bis
Der gliklecher tail fun maine iorn
Iz shnel farfloign-Shpil, klesmer, shpil!**

Farfloign vi tener fun fidl
Maine shaine iugnt- a cholem nor

**Bis
Shpil, klesmer, mir oif a frailech lidl,
Mir is gevorn haint fuftzik ior!**

2.34 A MARCHA DOS DESEMPREGADOS

ARBETLOSER MARSH

Um, dois, três, quatro,
 Desempregados somos nós
 Não se ouvia há muitos meses
 O barulho do martelo na fábrica
 E as ferramentas, frias e esquecidas
 O companheiro os pega para devorar
 Andamos pelas ruas
 Como os ricos, sem fazer nada.
 Como os ricos, sem fazer nada.

Um, dois, três, quatro,
 Desempregados somos nós
 Sem uma roupa, sem um lar,
 Nossa cama é terra e lama
 Terá alguém o que aproveitar
 Divide-se qualquer migalha
 Com água, como os ricos de vinho
 Nós nos enchemos
 Nós nos enchemos.

Um, dois, três, quatro,
 Desempregados somos nós
 Por longos anos trabalhamos pesado
 E produzimos, mais e mais,
 Casas, fechaduras, cidades e países
 Para um punhado esbanjador
 Nosso salário por isso é o quê?
 Fome, necessidade e desemprego
 Fome, necessidade e desemprego.

Um, dois, três, quatro,
 Assim nós marchamos,
 Desempregados passo a passo
 E cantamos uma canção
 De um país, um novo mundo,
 Onde vivem pessoas livres
 Desemprego não é nenhuma ajuda
 No novo país livre
 No novo país livre.

Ains, tzvemi, drai fir,
 Arbetloser zainem mir,
 Nisht gehert chadoshim lang
 In fabrik dem hamer klang
 Es lign keilim kalt fargesn,
 S'nemt der chaver ze shoin fresn
 Geien mir arun in gas
 Vi di gvirim pust un pas.
 Vi di gvirim pust un pas.

Ains, tzvei, drai, fir,
 Arbetloser zainem mir,
 On a beged, on a heim,
 Undzer bet is erd un leim,
 Hot noch ver vus tzu genisn,
 Tailt men zich mit iedn bisn,
 Vasser, vi di gvirim vain,
 Gisn mir in zich arain
 Gisn mir in zich arain

Ains, tzvei, drai, fir,
 Arbetloser zainem mir,
 Iorn lang gearbet shver,
 Um geshafn altz mer un mer
 Haiser, shlessen, shtet un lender
 Far a haifele farshvender
 Undzer loin derfar is vos?
 Hunger, noit un arbetloz,
 Hunger, noit un arbetloz.

Ains, tzvei, drai, fir,
 Ot azoi marshirn mir,
 Arbetloser, trit noch trit
 Um mir zingen zich a lid
 Fun a land, a velt a naie,
 Vu es lebn mentshn fraie,
 Arbetlose iz kain shum hant,
 In dem naiem frai land,
 In dem naiem fraien land.

2.2.35 O CANTOR DA MISÉRIA DER ZINGER FUN NOIT

Ó! bobo e pobre cantor!
 Você ainda não está firme em sua profissão,

**Bis: Você percorre somente os pátios dos ricos
 Por acaso sua canção lá terá ressonância?**

Os ricos e saciados magnatas
 Não se abalam sequer com sua tristeza

**Bis: Deles você não conseguirá um níquel sequer,
 Sua canção não está à altura deles.**

Você quer experts em suas canções
 E ganhar dinheiro com isso?
 Vá procurá-los em pátios pobres
 E lá cante suas canções

E cante-lhes a canção do desamparado
 A triste canção da necessidade

**Bis: Das casas escuras e sujas
 Onde ronda o anjo da morte.**

De pálidas e esfarrapadas crianças
 Alimentadas por bustos secos

**Bis: Que se debilitam antes de florescer
 Ainda antes que a morte as leve,**

Sim, cante-lhes as tristes canções
 Elas foram criadas para eles

**Bis: Sua canção será ali acompanhada
 Com a ressonância do grito de lamento.**

Oi, orimer narisher zinger,
 Bist noch in dain fach nisht genit,

**Bis: Du krichst nor in gevirishe hoifn,
 Tzi hot dort an oplang dain lid?**

Di raiche, di zate magnatn,
 Zai rirt nisht dain troierik gemit,

**Bis: Fun zai dort bakumstu kain groshn,
 Tzu zeí dort dergraicht nisht dain lid.**

Du vilst of dain zingen mevinim
 Um gelt oich fardinen derbai?
 Bis: Gei, zuch zeí in oreme haiflech,
 Dort zing daine líder far zeí.

Um zing zeí dos lidl fun elnt,
 Dos troierike lidl fun noit,

**Bis: Fun fitstere koitike shtiblech,
 Vu s'huliet der malach fun toit**

Fun blasse farkriplte kinder,
 Fun trukene bristn genert,

**Bis: Vos velkn noch aider zeí blien
 Noch aider der toit zeí fartzert**

Io, zing zeí di troierike lidlech,
 Zeí zainen geshafn far zeí,

**Bis: Dain lidele vet dort baglaitn
 A hilchiker iomer-geshrei.**

Canções de Mark Warshavsky

| | |
|-------------------------------------------|------------------------------------------|
| 2.2.36- A canção do pão | Dos lid fun broit.....137 |
| 2.2.37- As lágrimas do moleiro | Dem milners trenn.....139 |
| 2.2.38- A caçula está casando | Di mesinke oisgegebn.....141 |
| 2.2.39- Sore e Rivke | Sore un Rivke.....143 |
| 2.2.40- Oitenta ele e setenta ela | Achtzik er um zibetzik zi.....145 |
| 2.2.41- A linha | Der fodem.....146 |
| 2.2.42- Os parentes estão chegando | Di mechetunem geien.....148 |
| 2.2.43- O abecê | Der alef beis.....149 |

2.2.36 A CANÇÃO DO PÃO --- DOS LID FUN BROIT

Canção dedicada aos colonos judeus para cantarem no campo após, o trabalho.

O conflito que na ocasião existia entre os partidários do Bund, que preconizavam a solução do problema judaico dentro da própria Rússia, e o Poale Tzion, que propugnava pela fundação de um lar judaico de trabalhadores na Palestina, também se revelava na música. Assim, os trabalhadores judeus não sionistas utilizavam a melodia de Warshavsky da canção *Dos Lid fun Broit*, na canção por eles produzida, cujas estrofes se seguem:

*Como vocês, trabalhadores, poderão estar satisfeitos
Quando possuírmos nosso próprio país
Lá mandarão os judeus ricos
E nós, trabalhadores, estaremos em suas mãos*

*Portanto, trabalhadores, não reparem nisso
Não permaneçam indecisos
Reúnam seus irmãos e irmãs
E vamos avante para a luta.*

Esta posição das correntes não sionistas, incluído o *Bund*, foi aos poucos se esvaziando devido às mudanças profundas que começaram a ocorrer no mundo, desde o início do século XX: a revolução bolchevique, a Segunda Guerra Mundial, o Holocausto, a onda anti-semita do governo soviético na década de cinqüenta, com o brutal assassinato de intelectuais e profissionais judeus e, finalmente, a criação do Estado de Israel.

Grande Deus! Cantamos canções
Você sozinho é nossa salvação
Irmãos, recolham os feixes
Antes que o sol se ponha.

Groiser got!mir zingen lider
Undzer hilf bistu alein
Nemt tzunoif di snopes brider
Biz di zun vet untergein

Deixem o sol nos queimar, chamoscar
Ele brilhou para nossa felicidade
Vejam, o pão saiu ótimo
Crianças, nunca dêem marcha-a- ré.

Zol di zun undz brien, brotn
Zi hot undz geshaint tzum glik
Zet dos broit is undz gerutn
Kinder, kein mol nit tzurik

Grande Deus, você auxilia as pessoas

Groiser Got, du helfst di mentshn

Que em necessidade se dirigem a você
 Continue pois nos abençoando
 Com sucesso e com pão.

Reúnam-se todos juntos
 Felicidade já temos bastante
 O feixe dourado e bonito
 Do trigo, levem-no para a escola.

Deixem que nossas crianças saibam
 De uma boa vida no mundo
 Que o pão e todo alimento
 Provêm de nosso próprio campo.

Grande Deus! Cantamos canções
 Você sozinho é nossa salvação
 Irmãos, recolham os feixes
 Antes que o sol se ponha.

Az er ruft tzu dir in noit
 Zolst undz vaiter take bentshn
 Mit hatzloche un mit broit

Nem tsunoif ale inainem
 Naches hobn mir shoin fil
 Un dem goldenem krants dem shainem
 Fun di zanguen trogt in shul.

Zoln undzere kinder visn
 Fun a lebn oif der velt
 Az dos broit un ieder bisn
 Iz fun undzer eign feld.

Groiser Got! Mir zingen lider
 Undzer hilf bistu alein
 Nemt tznunoif di snopes brider
 Biz di zun vet untergein.

2.2.37- AS LÁGRIMAS DO MOLEIRO

DEM MILNERS TREERN

Em *As lágrimas do moleiro* o autor relembra um ato político ocorrido na Rússia, em 1892. O despótico czar Alexandre III lançou um édito, ordenando que todos os artífices judeus deixassem a cidade de Moscou e arredores. O responsável direto desta expulsão foi seu tio Serguei Alexandrovitch, governador e comandante supremo das Forças Armadas na circunscrição de Moscou.

Religioso e fanático tinha ele decidido purificar sua cidade de judeus, que detestava. Quem mais tirou proveito desse ato político foi a polícia russa. Embora do telegrama constasse que a expulsão deveria ser livre e gradual, cada autoridade do distrito interpretou o édito de forma diferente. Assim a polícia extorquiou pesadas somas e, conforme o valor, concedia prazos para saída que variavam de um mês até um ano.

Oh! quantos anos
Se passaram
Desde que sou moleiro aqui
As rodas giram
Os anos passam
Estou velho e grisalho

Oi, vifl iorn
Zainen farforn
Zait ich bin milner ot o do
Di reder dreien zich
Di iorn geien zich
Ich bin shoin alt un grais un gro

Há dias em que
Eu quero me lembrar
Se tive alguma alegria
As rodas giram
Os anos passam
Não há nenhuma resposta

S'is teg faranen.
Ch'vil mich dermanen
Tzi chob gehat a shtikl glik
Di reder dreien zich
Di iorn geien zich
Kein entfere is nito tzurik

Ouvi falar

Ch'hob gehert zogn,

Querem me expulsar
Para fora da aldeia e do moinho
As rodas giram
Os anos passam
Oh! sem um fim e sem objetivo.

Me vil mich fariogn,
Arois fun dorf un fun der mil,
Di reder dreien zich
Di iorn geien zich
Oi,on a ek un on a tzil.

Onde irei morar?
Quem cuidará de mim?
Estou velho, estou cansado
As rodas giram
Os anos passam
E com eles desaparece o judeu.

Vu vel ich voinem?
Ver vet mich shoinen
Ich bin shoin alt, ich bin shoin mid
Di reder dreien zich
Di iorn geien zich
Un mit zei geit ois der id

2.2.38 A CAÇULA ESTÁ CASANDO DI MISINKE OISGEGEBN

Esta canção exprime a alegria do pai quando casa a última filha. Vivendo em ambiente de pobreza nos *shteitls* europeus, arrumar um noivo para uma filha era um verdadeiro drama. E, quando isso acontecia, fazia-se uma grande festa.

O autor lembra também o hábito existente nos casamentos judaicos da época em que, apesar da pobreza, ofertava-se uma mesa de comida para os pobres do vilarejo.

Outros poetas, além de Warshavsky, abordam o mesmo assunto, entre eles Mordco Gebirtig, com sua canção *Di drai techtelech*, (As três filhas), de caráter autobiográfico. Ele canta com alegria no casamento de uma por uma das três filhas.

Mas quando casa a caçula, ele se entristece porque a casa fica vazia.

Mais alto, melhor!
A roda, abram a roda .
Deus me engrandeceu
Ele me trouxe felicidade
Pulem, crianças, a noite toda
A caçula está casando.

Mais força, com alegria
Você a rainha ,eu o rei
Oi, oi, eu sozinho
Vi com meus próprios olhos
Como Deus me trouxe a felicidade
A caçula está casando.

Aisic! Diabo!
A avó dança a *kosatzka*
Graças a Deus, vejamos, vejamos
Como ela sapateia, como pula
Oh! uma festa, oh! uma alegria
A caçula está casando.

Motl !Shimen!

Hecher, besser
Di rod, di rod macht gresser
Grais hot mich Got gemacht
Glik hot er mir gebracht
Huliet kinder a gantze nacht
Di mizinke oisgegebn/

Shtarker! Freilech!
Du di malche, ich der meilech!
Oi, oi, ich alein
Hob mit maine oign gezen
Vi got hot mich metzliach geven
Di mizinke oisgegebn.

Aisik! mazik!
Di bobes geit a kosik
Kaneine hore, zet nor, zet
Vi zi tupet, vi zi tret
Oi, a sinche, oi, a freid
Di mizinke oisgegebn.

Motl! Shimen!

As pessoas pobres chegaram
 Preparem para elas uma bela mesa
 Vinhos e peixes caros
 Oi! Minha filha, dê-me um beijo
 A caçula está casando.

Itsik! Spitsik!
 Por que calas com o chicote?
 Dá um grito aos músicos
 Eles estão tocando ou dormindo?
 Cortem as cordas em pedaços
 A caçula está casando.

Di alte lait zenen gekumen
 Shtelt far zei dem shenstn tish
 Taire vainem, taiere fish
 Oi, main tochter, gib mir a kish
 Di mizinke oisgegebn.

Itzik, shpitsik!
 Vos shvaigstu mit dem shmitsik
 Oif di klesmer tu a geshrai
 Tsi shpiln zei, tsi shlofn zei!
 Raist di strunes ale oif tsvei
 Di misinke oisgegebn.

2.2.39 SORE E RIFKE

Sore e Rifke é uma canção do advogado, poeta popular e trovador Mark Warshavsky. A história se passa em Rachmestrifke, nome imaginário de uma cidade onde acontecem coisas comuns a todos os *shteitlach* da Rússia czarista e onde a vida dos judeus se mantinha num atoleiro medieval.

O nome dado para a cidade, deve ter sofrido influência de Sholem Aleichem, que utilizava o nome imaginário de Kasrilevske para as aldeias onde circulavam as personagens de seus contos. Sholem foi seu amigo e parceiro nas audiências culturais de que os dois participavam, um contando histórias, e o outro cantando.

Nesta canção, Warshavsky exalta a beleza da mulher judia, bem como relata um amor não correspondido. Qual foi o segredo que o atrevido visitante soprou no ouvido das moças? O fato é que elas lhe “deram o fora”, o que transformou o rapaz num solteirão arrependido.

Quando cheguei a Rachmestrifke
Lá encontrei duas lindas irmãs
Uma se chama Sore e a outra Rifke
Elas eram duas lindas donzelas
Cada uma delas tinha dotes especiais
E isso me deixou muito perturbado
Qual delas devo tomar como noiva
Para qual das duas devo dar minha palavra?

Az ich bin gekumen kein Rachmestrifke
Tzvei sheine shvesters hob ich dort gezen
Eine heist Sore, di andere Rifke
Tzvei sheine kaless zainem dos geven
Iede fun zeï hot gehat an ander maile
Do hot zich fardreit mir der kop oifn ort
Velche fun zeï zol ich nemen far a kale
Velcher fun beide zol ich gebn dos vort

Refrão

Sore, Sore, Sore, Rifke
Sore, Sore, Rifke
Sore, Sore, Sore, Rifke
Da aldeia Rachmestrifke

Sore, Sore, Sore, Rifke
Sore, Sore, Rifke
Sore, Sore, Sore, Rifke
Fun shteitl Rachmestrifke

Nos olhos de Sore não se pode olhar diretamente
Brilham assim como o sol de verão
Sorriem, riem, falam e alegam
O coração, quando com eles olha
Mas os olhos de Rifke ardem como fogo
Negros como o carvão das profundezas da terra
Quando ela os levanta a vida fica alegre
Quando ela os baixa, a vida perde o sentido

In Soreles oign ken men glaich nit kukn
Vi di zun in tamez azoi shainem zeï
Zeï shmeichlen, zeï lachn, zeï redn, zeï kvikn
Dos hartz, as zi tut a kuk nor mit zeï
Ober Rifkes oign brenen vi faier
Shvarts vi di koiln, vos tif in der erd
Az zi heibt zeï oif, vert dos lebn taier
Az zi lost zeï arop, hot dos lebn kein vert

Um tipo como Sore não se acha nos livros
 Mãos de ouro ela tem, apreciem-nas
 Bordou para si um par de sapatinhos de ouro
 Com eles, ela diz, para a *chupá* irei
 Rifke fez um vestido numa sexta-feira
 No sábado de manhã, o vestiu por minha causa
 Feliz sera aquele que ficar com esta menina
 Quem tem sua beleza? Olhem para ela.

Azelche vi Sore gefint ir nit in di bichlech
 Goldene hent hot zi, ir zolt nor zen
 Zi hot oisgeheft far zich a por goldene chichelech
 In zei, zogt zi, vel ich tzu di chupe gein
 Rifke hot in fraitik oifgeneit a kleidl
 Un shabes hot zi es ongeton, tzulib mir, in der fri
 Gliklech vet zain der, ver s'vet nemen ot dos meidl
 Ver farmokt ir sheinkeit? Kukt aich nor tzu!

Uma vez soprei um segredo no ouvido de Sore
 Ela caiu em prantos tal qual uma criança
 Para que você veio?- pergunta ela.
 Por que o vento o trouxe para cá?
 Quando a paixão em mim se acentuou
 Eu soprei para Rifke o mesmo segredo
 Bobo, você quer um beijo? Somente casando
 Eu não sou sua *Hopke*¹⁰ e você não é *Fedot*.¹¹

Ich hob amol a sod in oier aingeroimt Soren
 Hot zi zich tzeveint vi a pitsele kind
 Akegn vos, fregt zi mich bistu gekumen tzeform?
 Tsu vos hot dich gebracht ahertzu der vint?
 As es hot zich in mir tzheshpilt di vilde klipe
 Hob ich Rifken aingeroimt dem eigenem sodt
 Nar! Du vist a kush?- shtel frier a chupe!
 Ich bin dir nit Hopke, du bist nit Fedot.

Eu pensei, raciocinei e refleti
 Até que deixei minha vergonha de lado
 Resolvi bater pernas e sumir de Rachmestrifke
 Foi assim que eu aprendi nos livros sagrados
 Depois disso, eu nunca mais escolhi
 Mas de Sore e Rifke eu me lembro muito bem
 Oh! Foi assim que me tornei um solteirão
 Se me arrependi? É melhor não perguntar!

Chob geklert un getracht, un gegeben mir eitses
 Biz ich hob avegeleigt di bushe oif a zait
 Ot a ponem me muz nemen di fis oif di pleitses
 Azoi hob ich gelernt in di gemore a pshat
 Fun denstmol on hob ich mer nit geklibn
 Nor Soren un Rifken gedenk ich gants git
 Oi, ich bin an alter bocher geblibn.
 Oib ich hob charote? Fregt mich shoin nit!

2.2.40- OITENTA ELE E SETENTA ELA

¹⁰ Hopke- marionete

¹¹ Fedot- protetor

ACHTZIK ER UM ZIBETZIK ZI

Festa alegre de comemoração das bodas de ouro dos avós. O autor chama a atenção para a felicidade do casal que nunca brigou e o zelo de um pelo outro; mandando se agasalhar bem na hora de dormir, o mais idoso cuida do outro. É o amor do marido para com sua mulher, numa família bem constituída.

Faz hoje exatamente cinqüenta anos
Que o casal de idosos vive junto
Eles envelheceram, prestem atenção,
Oitenta ele e setenta ela.

Es is haint acurat gevorn fuftzik ior
Az zeï lebn zich in einem dos alte por
Zeï hobn zich geelterd, kukt aich tzu
Achtzig er un zibetzik zi.

Deus os abençoou com honra e riquezas
Em vida eles nunca brigaram
Sempre caro Note ou Bobe se chamavam
Oitenta ele e setenta ela.

Got hot zeï mit oisher un koved baglikt
In lebn hobn zeï zich keimol nit gekrigt
Nor Motele, nor Bobele rufn zeï zich tzu
Achtzik er un zibetzik zi.

A turma começou a tomar vinho aos poucos
O avô e a avó entraram na roda
Os netos andaram adiante, de Joelho
Oitenta ele e setenta ela.

Der oilem hot genumen tzu bislach vain
Un dem zeidn mit der boben in rod arain,
Di einiklech hobn gegangem antkegn oif a kni
Achtzik er un zibetzik zi.

E assim pularam quase toda a noite
Avozinha, diz o avô, uma boa noite.
Durma com saúde e se cubra muito bem
Oitenta ele e setenta ela

Azoi hot men gehulet a halbe nacht
Bobele zokt der zeide, a gute nacht
Shlof mir gesunt un dek zich gut tzu
Achtzik er un zibetzik zi.

O avô já estava muito velho
Assim ele logo adormeceu
A avó não conseguia pregar os olhos
Oitenta ele e setenta ela.

Der zeide is gevezn shoin zeier alt
Iz er antshlofn gevorn baldt
Di bobbe hot nit gekont di oign tzu
Achtzik er un zibetzik zi.

A avó começou a adormecer de vez
O seu sonho lhes conto uma outra vez
Vamos deixar os dois tranquilos
Oitenta ele e setenta ela.

Di bobbe hot ongehoibn tzu drimlen mit amol
Ir cholem vel ich dertzeiln an andersh mol
Lomir zeï beide shoin lozn tzuri
Achtzik er un zibetzik zi.

2.2.41 A LINHA

DER FODEM

Lembrando a canção de I.L.Peretz *As três costureiras*, Warshavsky mescla nesta composição o problema social da mulher trabalhadora e um caso de amor não correspondido, decorrente do estado de pobreza da noiva. O seu amado a troca por uma moça rica e a vida dela continua, porém com o coração partido e regado de lágrimas,

O sol se pôs
Seu brilho sumiu
Eu costuro e costuro
Eu vejo, eu vejo
A noite, ela já chegou
Cada passada de agulha
É uma agulhada no coração
Ninguém sabe meu tormento e minha dor

Di zun hot zich bahaltn
Ir shain is shoin nitu
Ich nei un nei
Ich ze, ich ze
Di nacht, zi is shoin du
Ieder shtoch mit der nodl
Tut mir a shtoch in harts
Keiner veist nit main pain un main shmerts.

Refrão

**O rosto, o rosto
Branco como a morte
A linha, a linha
De lágrimas molhado!**

**Dos ponim, dos ponim,
Vi der toit blas,
Der fodem, der fodem
Fun trezn nas!**

Davi devolveu me o contrato de noivado
Pobre de minha vida!
Eu costuro, eu costuro
Eu vejo, eu vejo
Ele me enganou
Ele se apaixonou por outra moça
Sim, uma noiva com dinheiro.
Triste e escura é minha vida!

Dovid hot obgeshikt di tnoim
Vei is main ior !
Ich nei, ich nei
Ich ze, ich ze,
Genart hot er mich nor
Er nemt an ander meidl
A kale, io mit gelt.
Vist un finster is main velt!1

No meu trabalho pesado
 Seu retrato está diante de mim
 Eu costuro, eu costuro
 Eu vejo, eu vejo
 Como ele está feliz com ela
 Mas que culpa tem ela?
 Ela também tem um coração.
 Talvez ela sinta a mesma dor!

A luz se apagou
 Mas meu lamento continua
 Eu costuro e costuro
 Eu vejo, eu vejo
 Já amanheceu!
 Rompeu- se a linha
 Como meu coração, em dois
 Lágrimas correm, lágrimas pingam sobre ele

Bai der shverster arbet
 Shteit Dovid's bild far mir
 Ich nei, ich nei,
 Ich ze, ich ze,
 Giklech is er mit ir
 Nor vos is zi shuldik
 Zi hot doch oich a harts.
 Efsher filt zi dem eigenem shmarts!

Dos licht is oisgegangen
 Nor s'geit nit ois main klog
 Ich nei un nei
 Ich ze, ich ze,
 S'is shoin gevorn tog!
 Obgerisn hot zich der fodem
 Vi main harts oif tzvei.
 Tern gisn, tern tropn oif zei.

2.2.42 OS PARENTES ESTÃO CHEGANDO

DI MECHETUNEM GEIEN

É uma canção alegre, canção que fala de casamento, o que já é uma alegria para o judeu do *shteitl*. Warshavsky faz gracejos com a família do noivo: a irmã rodopia como um pião, um tio está orgulhoso como um peru, o outro é gordo e acaricia continuamente a sua barriga.

O judeu também se diverte, embora levando uma vida difícil, sempre existe a esperança de dias melhores.

Os parentes estão chegando, crianças,
Vamos nos alegrar, silêncio, silêncio!
O noivo é uma beleza
Música para a família do noivo!

Di mechetunem geien, kinder
Lomir zich freien, shat, nor shat!
Der chosn is nor a vunder
Shpilt a lidele dem chosns tzadt!

Freidl, a irmã do noivo,
Gira como um pião, silêncio, silêncio!
Vamos fazê-la entrar na roda
Música para a família do noivo!

Dem chosn's shvester Freidl
Zi dreit zich vi a dreidl, shat, nor shat!
Nemt zi arain in redl!
Shpilt a lidele dem chosns tzadt!

Lá vai o tio Mindik
Que pecado cometemos! silêncio, silêncio!
Ele se abana como um peru
Música para a família do noivo!

Ot geit der feter Mindik
Vos hobn mir gezindikt, shat, nor shat
Er blozt zich vi a indik
Shpilt a lidele dem chosns tzadt!

Lá vai Elie, o tio do noivo
Ele acaricia a barriga, silêncio, silêncio!
Ele é o mais gordo de todos os gordos
Música para a família do noivo!

Dort geit Elie dem chosns feter
Der baichl gleter, shat, nor shat!
Er is feter fun ale feters
Shpilt a lidele dem chusns tzadt!

2.2.43 O abecê

DER ALEF BEIS

Esta canção não trata unicamente, como muitos querem ver da glorificação do *cheider*, a escola religiosa judaica dos *shteitlach*, única permitida durante dezenas de anos aos judeus da maioria dos países europeus daquela época.

Warshavsky salienta nesta canção, como sionista que era, a importância de se alfabetizar, não porém em qualquer alfabeto, mas no alfabeto e na língua hebraica para usá-los num futuro Estado Judeu.

Além disso enfatiza que, quando as crianças crescerem alfabetizadas elas entenderão bem a história de nosso povo, que está envolvida em pranto e lágrimas e quando saírem daquele país onde tanto sofreram, terão forças para reconstruir suas vidas.

Na lareira arde uma chama
Que aquece o lar.
E o mestre ensina aos pequeninos
O alef beis.

Oifn pripetshik brent a faierl
Un in shtub is heis.
Un der rebe lernt kleine kinderlech
Dem alef beiz

Refrão

***Vejam crianças, lembrem-se, queridas
Do que aprendem aqui.
Digam uma vez e sim mais outra vez:
Kometz alef, o!¹² ****

***Zet tshe kinderlech, gedenkt tshe taiere
Vos ir lernt do.
Zogt tshe noch amol un take noch mol:
Kometz alef, o!***

Estudem, crianças, com muita vontade
Assim eu as aconselho.
Quem mais rápido souber o hebraico
Recebera uma bandeirola.

Lernt, kinder, mit grois cheishik
Azoi zug ich aich on.
Ver svet guicher fun aich kenem ivre,
Der bakumt a fon

Quando vocês, crianças, crescerem

Az ir vet, kinder elter vern

¹² Sinal gráfico debaixo do alef que muda o som para o

Vocês entenderão sozinhas,
Quanto pranto e lágrimas (do nosso povo)
Estão no nosso alfabeto

Vet ir alein farshtein,
Vifl di oissies lign trem
Un vifl gevein

E quando vocês o exílio enfrentarem
E ficarem extenuadas
Das letras vocês absorverão forças,
Observem-nas profundamente

Az ir vet kinder, dem goles shlep
Oisgemutshet zain
Zolt ir fun di oissies koiech shlep,
Kukt un zei arain

CANÇÕES DE I.L.PERETZ

| | |
|------------------------------------|------------|
| 2.2.44- As três costureiras | 152 |
| 2.2.45- Esperança e fé | 153 |

2.2.44 AS TRÊS COSTUREIRAS DI DRAI NEITORIM

I.L.Peretz

Os olhos vermelhos, os lábios azuis
Nenhuma gota de sangue nas bochechas
A testa pálida coberta de suor
A respiração ofegante e quente
Três moças costuram sentadas.

Di oign roit, di lipn blo
Kein tropm blut in bak nishtó
Der shtern, blas, badekt mit shveis
Der otem obgehakt un heis
Es zitzn drai meidlech un neien

A agulha emerge, do tecido neve
E uma delas pensa: Eu costuro e costuro
Eu costuro de dia, eu costuro de noite
Não fiz nenhum vestido de noiva para mim
De que me adianta costurar?

Di nodl blank, di laivnt-shnei
Un eine tracht: Ich nei un nei!
Ich nei bai tog, ich nei bai nacht
Kein chupe-kleid zich nisht gemacht
Vos kumt arois as ich nei?

Não durmo e não como
Eu solicitaria a Meyer Bal-Nes¹³
Quem sabe ele me arrumaria
Um viúvo, um judeu idoso
Com filhos em penca.

Nit ich shlof un nit ich es
Ich volt gegeben oif Meyer Bal- Nes
Efsher volt er zich gemit
An almen, an alter id,
Mit kinderlech a shok

A segunda pensa: Eu costuro e arremato
E arremato tranças brancas em mim
A cabeça arde, a fronte palpita
E a máquina bate seu ritmo
Tá-tá-tá-tá

Di tzveite tracht: ich nei un shtep
Un shtep mir ois nor groie tzep
Der kop, er brent, di shleif zi hakt
Un di mashin klapt tzu tzum tact
Tá tá-tá-tá

Entretanto entendo aquele olhar
Sem a *chupá* e sem anel
Haveria música e dança
Um amor por somente um ano
E depois...e depois?

Ich farshtei doch ienems vink
On a chupe, on a ring
Volt geven a shpil, a tantz
A libe oif a ior a gantzn!
Nor der noch, der noch?

A terceira garota, tuberculosa, canta
Eu costuro doente, eu não enxergo
Doi o peito a cada agulhada
E ele casa esta semana
Não lhe desejo nenhum mal

Di drite shpait mit blut un zingt
Ich nei mich krank, ich nei mich blind
Es tzvikt di Brust bai iedn shtoch
Un er hot chasene di voch
Ich vintsh im nisht kein shlechts

Esqueça o passado
A comunidade me dará uma mortalha
E também um pedacinho de terra árida
Descansarei sem ser perturbada
Eu dormirei, dormirei!

Et, fargesn vos a mol!
Tachrichim vet mir gebn cool
Oich a gleintshik pitzl erd
Ich vel ruen umgeshtert
Ich vel shlofn, shlofn!

¹³ Meyer Bal-Nes- o casamenteiro

2.2.45 ESPERANÇA E FÉ

HOF UN GLEIB

I.L.Peretz

Tenha esperança, tenha esperança!
 A primavera não está longe
 As borboletas voarão
 Novos ninhos, novos pássaros
 Cantarão novas canções.

Hof, hof, hof
 Nit vait is shoin der friling
 Es veln shmeterlingem shpringen.
 Naie nestn, naie feigl
 Veln naie lider zingen

Acredite, a noite já se foi
 E as nuvens também se dispersaram
 Azul será, será o céu
 Novas estrelas, novos sóis.

Gleib, di nacht iz shoin farshvundn,
 Un di volkns oich tzerunen,
 Bloi vet zain, vet zain der himl.
 Naie shtern, naie zunen.

Novas rosas, novas flores
 Desabrocharão, crescerão alto.
 Brilharão, cheirarão, cantarão
 E em nossa vida também.

Naie roizn, naie blumen
 Veln blien, vaksn hoich
 Es vet shainen, shmekn, zingen
 Un in undzer vinkl oich.

2.2.46 O CHORÃO

DI VERBE

Chaim Nachmen Bialik

Nem de dia , nem de noite
 Eu ando meditando
 Nem no morro, nem no vale
 Um chorão antigo encontrando.

Nit bai tog un nit bai nacht
 Gei ich arum fartracht
 Nit oif barg un nit oif tol
 Shteit a verbe fun amol.

Inteligente e grande
 É o chorão, tudo ele sabe
 Sobre o meu namorado
 A ele vou perguntar.

A gevirete, a groisse
 Is di verbe, alsding veist zi
 Bai di verbe vel ich vegn
 Main bashertn take fregn.

Tudo ele vai me contar
 Se meu amado vem da Polônia,
 Da Lituânia ou de Zamut,
 Se é banqueiro ou professor.

Un zi vet mir alts dertzeiln,
 Tzi main gelibter kumt fun Poiln,
 Tzi fun Lite, tzi fun Zamet
 A bankir, tzi a melamed.

Se é loiro ou moreno
 Solteiro ou desquitado
 E se for um homem idoso
 Ficarei então bastante triste

Tzi a blonder, tzi a bruneter
 A bocher, tzi a gegeter
 Un efsher nor an altn idn
 Bin ich take nit tzufridn.

Direi, pois, pai, mate-me
 Não me obrigue a noivar
 Eu não suportaria isso
 Com velho não quero casar.

Ich vel zogn: tate teit mich,
 Nor nit tzum shidech neit mich,
 Oi, chvel dos nit oishaltn
 Ch'vil, tate, nit kein altn

2.2.47 NO PAÍS DAS PIRÂMIDES

IN DEM LAND FUN PIRAMIDN

David Edelstadt

No país das pirâmides
 Havia um rei furioso e ruim,
 Lá estavam os judeus
 Seus servos, seus escravos

In dem land fun piramidn
 Geven a kenig beiz un shlecht
 Zainen dort geven di idn
 Zaine diner, zaine knecht

Crianças se emparedavam
 Quando tijolos faltavam
 Quem sabe quanto iria demorar
 Aquela terrível escravidão.

Kinder hot men dan farmoiert
 Vem a tzigl hot gefelt
 Ver veist vi lang es volt gedoiert
 Ot di viste shklafnvelt

Mas no país das pirâmides
 Existia um grande herói
 Que lutou pelos judeus
 Com sua espada e sua sabedoria.

Vem in land fun piramidn
 Volt nit zain a groisser held
 Velcher hot gekenft far idn
 Mit zain chochme un zain shverd

CAPÍTULO 3- ANÁLISE SEMIÓTICA DE CANÇÕES

| | | |
|-----------------------------------------|------------------------|------------|
| 3.1- Zog maran | Abraham Reisen | 159 |
| 3.2- Ich um di velt | Abraham Reisen | 162 |
| 3.3- Shvimt dos keidl oifn taich | Abraham Reisen | 163 |
| 3.4- Taiere Malche | Mark Warshavsky | 167 |
| 3.5- Dos freilech shneiderl | Mark Warshavsky | 170 |
| 3.6- Rabeinu Tam | Itzik Manger | 173 |
| 3.7- Undzer shteitl brent | Mordco Gebirtig | 177 |
| 3.8- Avreiml Malvicher | Mordco Gebirtig | 181 |

3.1-.DIGA, MARRANO

ZOG MARAN

Letra: Abraham Reisen

Diga, marrano, você, meu irmão,
Onde comemora o seu *seider*?
Na gruta profunda de uma escola
Lá eu preparei o meu *seider*.

Zog maran, du bruder mainer,
Vu is greit der seider dainer?
In a tife heil, in a cheider,
Dort hob ich gegreit main seider.

Diga-me marrano, onde e de quem,
Você vai obter *matzás* brancas?
Na caverna, por graça de Deus,
Minha mulher estendeu a massa.

Zog maran, mir vu, bai vemen,
Vestu vaisse matzes nemen?
In der heil, oif gots barotn
Hot main vaib dem taig geknotn.

Diga-me, marrano, como você
Vai obter uma *Hagadá*?
Na caverna, em profundas fendas
Há muito tempo eu a escondi.

Zog maran,vi vest zich klign
A hagode vu tzu krign?
In der heil, in tife shpaltn
Hob ich zi shoim lang bahaltn.

Diga-me, marrano, como se comportará
Quando ouvirem sua voz?
Quando o inimigo me prender,
Cantando eu vou morrer.

Zog maran, vi vest zich vern
Ven men vet dain kol derhern?
Ven der soine vet mich fangen,
Vel ich shtarbn mit gezangen

A categoria semântica fundamental desta canção é a fé judaica *versus* a fé cristã. Esta oposição se manifesta na estrofe que se segue, onde se observa a determinação do marrano contra a conversão ainda que isso lhe custe a vida.

Diga-me, marrano, como se comportará
Quando ouvirem sua voz?
Quando o inimigo me prender,
Cantando eu vou morrer

No segundo nível das estruturas narrativas o sujeito, autor, descreve a comemoração de *Pessach* pelos marranos às ocultas para não serem descobertos.

No terceiro nível das estruturas discursivas as oposições assumem a forma de temas:

Inveja e ódio contra os judeus
Perseguição da comunidade judaica espanhola
Destruição de comunidades judaicas
Conversão forçada à religião católica

Alguns desses temas são descritos no comentário que se segue:

Graças à cultura e aptidão comercial, grande número de hebreus ocupava lugar de destaque a partir do século XIV, nos dois reinos da Espanha, Castela e Aragão. Os reis da Espanha, tinham em sua corte, judeus arrecadadores de impostos, ministros da fazenda, conselheiros médicos e outros.

Esses hebreus da corte, que se identificavam com as famílias dos nobres e dos cortesãos espanhóis, aspiravam somente à riqueza e ao luxo e eram também imitados por homens e mulheres da classe abastada, o que provocava inveja e ódio contra os judeus, embora a maioria da população judaica fosse de trabalhadores que levavam uma vida modesta.

Somente em Castela havia oitenta comunidades israelitas, com um milhão de pessoas que viviam com completa autonomia, como antigamente na Babilônia e nos califados árabes. A nobreza católica, formada em sua maioria de monges dominicanos, ficava irritada com a participação de judeus no governo.

Instigados por um sacerdote fanático, Fernando Martinez, a população católica organizou, em 6 de junho de 1391, um violento pogrom em Sevilha, quando o bairro judeu foi incendiado e pilhado e seus cerca de quatro mil habitantes foi parte assassinada e parte vendida como escrava aos árabes. Nessa ocasião algumas sinagogas foram destruídas e outras, transformadas em igrejas.

Ese episódio, ocorrido no Reino de Sevilha serviu de sinal para o mesmo flagelo, no Reino de Castela. Na cidade de Valência, por exemplo, a comunidade de cinco mil pessoas foi quase totalmente aniquilada; parte foi assassinada, parte forçada a

converter-se ao catolicismo, e outros, obrigados a fugir.

Muitos fugitivos do massacre de 1391 foram acolhidos em Portugal, onde já havia uma colônia judaica e, muitos daqueles que tinham sido convertidos, puderam voltar à sua religião original. Outros emigraram para os países maometanos do Norte da África, onde fundaram novas comunidades.

Os que restaram na Espanha, chamados de cristãos-novos ou marranos, eram severamente vigiados pelos sacerdotes católicos. Frequentavam a igreja, porém em sua maioria realizavam em segredo o culto judaico. Os sacerdotes tinham conhecimento disso e instigavam o povo contra aqueles que se afastavam da nova fé, o que provocou, por exemplo, em Córdoba, no ano de 1473, um novo massacre.

Para combater os marranos, foi intituída em 1480 na Espanha, a Inquisição, a qual começou com uma violenta campanha de repressão, que ainda continuaria depois da expulsão dos judeus do país, em 1497. Mais de duzentos mil judeus saíram da Espanha por não se terem convertido. Em Portugal a Inquisição foi introduzida em 1540 e a perseguição aos judeus nesses dois países prosseguiu até o final do século XVIII.

Procurando manter em segredo sua fé judaica, o marrano da canção reúne sua família no abrigo subterrâneo de uma escola, onde sua mulher prepara as mal cozidas *matzás* e onde esconde em uma fenda, a *Hagadá* da Páscoa Judaica.

A canção de Abraham Reisen nos mostra o amor dos marranos pelo judaísmo, cuja fé mantêm em segredo, porem sem medo, mesmo que isso lhes custe a vida.

3.2- EU E O MUNDO

ICH UN DI VELT

Abraham Reisen

Se o mundo todo sofresse e
Somente eu estivesse bem
Eu chamaria todo mundo
E o convidaria para minha casa.

Eu o consolaria e acariciaria
E diria: Não se preocupe, mundo,
Até que ele voltasse a si
E se colocasse de pé.

E se o mundo estivesse feliz
E eu, somente cheio de problemas
Então eu iria direto a ele
E exigiria: Dê-me alegria!

Mas se nós dois sofremos
Tanto o mundo como eu
Então o mundo não tem aonde chegar
E eu não tenho aonde ir.

Ven di gantze velt volt laidn
Mir alein zol gut zain blois
Volt ich dan di velt di gantse
Aingeladn in main hois.

Ich vel traistn zi un tzerlen
Un gesogt: "Nit zorg zich velt"!
Bis zi volt tzu zich gekumen
Um zich oif de fis geshtelt

Vem di velt geven volt gliklech
Ich alein blois ful mit leid
Volt ich dan tzu ir gekumen
Un gefodert: "gib mir freid"!

Ober as mir laidn beide,
I di velt i ich alein,
Hot di velt nit vu tzu kumen
Un ich hob nit vu tzu gein

A categoria semântica fundamental desta canção é felicidade *versus* o sofrimento ou o bem contra o mal. Esta oposição se manifesta entre o sujeito eu, e o mundo, constituído de uma população pobre e oprimida, e são observadas três opções:

Eu bem e o mundo mal
Eu mal e o mundo bem
Eu mal e o mundo mal

Na primeira e segunda opção se antevê ainda uma solução para a felicidade geral. Na terceira, de desânimo e de pessimismo, o sujeito, eu, não vê nenhuma solução. Assim se conclui que, se houver pelo menos uma pessoa bem no mundo, a felicidade sempre sera possível.

3.3 Flutua o cesto no rio Shvim dos kestl oifn taich

Abraham Reisen

Flutua o cesto no rio
No grande Nilo
O cesto segue em frente e quieto
O cesto flutua silenciosamente

Shvimt dos kestl oifn taich
Oifn groisn Nil
Shvimt dos kestl ruik, glaich
Shvimt dos kestl shtil.

E as ondas se movem quietas
Gentilmente e delicadas
Como se quisessem evitar
Danos para a criança

Un di chvalies geien shtil
Geien tzart un lind
Vi zei voltn hitn zich
Ton a leid dem kind

Flutua o cesto no rio
No grande Nilo
O cesto segue em frente e quieto
O cesto flutua silenciosamente

Shvimt dos kestl oifn taich
Oifn groisn Nil
Shvimt dos kestl ruik, glaich
Shvimt dos kestl shtil.

As ondas, no entanto,
Não são más como o Faraó
Pois elas não irão afogar
O redentor dos escravos.

Un di chvalies zainen doch
Nit vi Pave shlecht
Nit detrinken veln zei
Meshiachn fun knecht

A categoria semântica desta canção é a bondades das águas *versus* a maldade do Faraó.

Esta oposição se manifesta na estrofe:

As ondas, no entanto,
Não são más como o Faraó
Pois elas não irão afogar
O redentor dos escravos.

No fato correspondente, relatado pela Bíblia, existe implícita também, na categoria semântica, a bondade de José *versus* a maldade de seus irmãos, que o tinham vendido como escravo ao Egito.

No segundo nível das estruturas narrativas, o sujeito, autor, descreve o salvamento de um dos homens mais importantes da época bíblica, o patriarca Moisés, que libertou os judeus de uma escravidão de quase quatrocentos anos, no Egito.

No terceiro nível das estruturas discursivas, as oposições assumem forma de temas:

A venda de José, como escravo, por seus irmãos
 José como governador do Egito
 Os judeus passam de nômades a sedentários
 A construção de casas fixas e cidades
 A escravidão dos judeus no Egito
 A perseguição dos Faraós e o sacrifício dos recém-nascidos

A categoria semântica desta canção é o mal contra o bem. O autor relembra um episódio relativo à escravidão e perseguição dos judeus no Egito pelo Faraó e a sua ordem, em face da grande multiplicação dos hebreus, de sacrificar todos os meninos recém-nascidos.

O relato bíblico deste período assim se expressa:

José, filho predileto do patriarca Jacó, também chamado de Israel, e de Raquel, sua esposa, foi vendido por seus irmãos, com quem tinha rivalidades, para mercadores ambulantes que o levaram para o Egito e o venderam como escravo para Putifar, um dos eunucos do Faraó. Por sua inteligência e por ter interpretado um sonho do Faraó, José tornou-se logo governador do Egito, tendo-se casado com a filha de um sacerdote egípcio.

Naquela época, quando Canaã, onde viviam os judeus, estava assolada por uma fome terrível, Jacó enviou seus filhos ao Egito, que possuía grandes celeiros. Eles foram recebidos por José, que era o responsável pelos grãos. Quando voltaram uma segunda vez para nova compra de cereais, José deu-se a conhecer como irmão deles, porém ignorando o fato de ter sido por eles vendido como escravo, convidou-os, inclusive a seu pai, a se estabelecerem no Egito, onde não faltavam alimentos.

Assim, Jacó, com toda a sua família, constituída de suas quatro mulheres, Léia, Raquel, Bilhá e Zilpá, seus filhos, netos, criados, rebanhos e bens, abandonou Canaã, no começo do século XVIII A.C., e se dirigiu ao Egito, onde seu filho José, com

autorização do Faraó, os estabeleceu na zona mais favorecida do país, o Goshem. Nessa região, banhada por um afluente do Nilo, havia vastas planícies para os rebanhos, além do que, podiam se movimentar livremente por todo o país.

Aos poucos eles foram se tornando sedentários, morando em casas, em lugar de tendas, e se multiplicaram com grande rapidez. Constituíram logo tribos, cujos nomes eram dos filhos de José, Menache e Efraim e de seus irmãos, Benjamin, Simeão, Levi, Judá e outros, e faziam-se chamar de Bnei Israel, ou seja, filhos de Israel (segundo nome de Jacó) para não se confundirem com os outros descendentes do patriarca Abraão.

O povo egípcio olhava com desprezo o povo judeu, em face da diferença da religião e dos costumes dos dois povos. Quanto mais se multiplicavam, mais aumentava a hostilidade contra os filhos de Israel, os israelitas. O Faraó começou a tratá-los como estrangeiros.

Cerca de quatrocentos anos após a morte de José, o soberano egípcio, antes que os hebreus se tornassem poderosos, resolveu escravizá-los, obrigando-os a construir fortificações ao longo do Delta do Nilo, edificando templos, cidades, como Pitom e Ramsés, e monumentos para os reis. Diz-se ainda que algumas das pirâmides construídas no meio do deserto tinham sido erguidas por escravos, entre os quais se achavam também os nossos ancestrais.

Apesar do sofrimento e dos tormentos impostos pela escravidão, os “filhos de Israel” continuavam a se multiplicar. O Faraó, então, mandou que todos os meninos-recém nascidos fossem jogados no Nilo. Isso fez que as mães judias usassem todo tipo de expediente para escondê-los e preservar a vida dos seus filhos.

Uma mulher da tribo de Levi, não conseguindo esconder seu filho, deixou-o às margens do Nilo, numa cesta alcatroada. Quando a filha do Faraó veio passear nas proximidades do rio, percebeu o cesto e o choro de uma criança. Mesmo sabendo que poderia ser um menino hebreu abandonado, resolveu recolhê-lo e criá-lo, tendo-lhe dado o nome de Moisés, que significa “tirado das águas”.

E foi assim que Moisés cresceu na corte do Faraó, para se tornar posteriormente o salvador do povo de Israel da escravidão. A libertação dos judeus no Egito deu-se aproximadamente no ano 1225 A.C., tendo sido Faraó na época do Êxodo, Ramsés II

3.4- Querida Rainha

Querida Rainha,
Tenha saúde
Encha o cálice
O cálice com vinho
Bim bam bam, bim bam.

Do referido cálice
Que brilha tão bonito
Bebia o meu avô
Meu avô, sozinho.

Havia tempos ruins
Como às vezes acontecia
Mas o cálice ele segurava
Com grande tenacidade.

Querida Rainha
Tenha saúde
Para quem devo beber
O referido vinho?

Vamos brindar meus inimigos
Mas não lhes conte
Veja, lágrimas jorram
Para fora do cálice

Vamos beber e beber
E sempre sem parar
Para aqueles que se foram
Eternamente embora

Taiere Malke

Mark Warchavsky

Taiere Malke
Gesunt zolstu zain
Gis on dem becher
Dem becher mit vain
Bim bam bam, bim bam

Fun dem dozikn becher
Vos glantst azoi shein,
Hot getrunken main zeide,
Main zeide alein.

Geven shlechte tzaitn
Vi es macht zich amol
Nor dem becher hot er gehaltn
Aizn um shtol

Taiere Malke
Gesunt zolstu zain
Far vemen zol ich trinken
Dem dosikn vain?

Lomir trinken far di sonim
Nor zog zei nisht ois
Zei vi es gisn zich trern
Fun becher arois!

Lomir trinken un trinken
Un take on a ek,
Far di vos zainem gegangen
Oif eibik avek

As categorias semânticas fundamentais desta canção são *tempos ruins versus* *tempos festivos*, que se manifestam no texto.

Nos tempos festivos:

Querida Rainha
 Tenha saúde
 Encha o cálice
 O cálice com vinho

E nos tempos ruins:

Havia tempos ruins
 Como às vezes acontece
 Mas o cálice ele segurava
 Com grande tenacidade.

Conteúdos mínimos fundamentais da canção são: a euforia dos tempos festivos e a disforia dos tempos ruins.

No segundo nível das estruturas narrativas o sujeito, autor, homenageia a Rainha, numa metáfora da festa de libertação, a festa de *Pessach* e brinda aos inimigos com o cálice não cheio “lágrimas jorram para fora do cálice”; metáfora de “gotas de vinho”.

No terceiro nível das estruturas discursivas, as oposições assumem a forma de temas:

A escravidão no Egito
 A comemoração da libertação
 A tradição da festa de *Pessach*
 O vinho como símbolo da felicidade

A tradição da passagem do cálice de prata, usada na festa de *Pessach*, de pai para filho.

A homenagem aos sofredores e aos que se foram embora deste mundo.

A tradição manda brindar os inimigos com o cálice não cheio.

O comentário que se segue descreve estes temas.

O autor relembra no *Seder* de *Pessach*, a festa em que se comemora a libertação do povo judeu da escravidão no Egito, dentro de um ritual constante da Hagadá de *Pessach*, uma cerimônia religiosa, obedecendo a uma seqüência tradicionalmente consagrada e que se inicia com a bênção do vinho (*kidush*), com todos os participantes de pé e copos na mão, porem, o vinho é tomado sentado.

É costume também consagrado que o cálice de prata, usado pelo pai na bênção do vinho, passe de pai para filho, uma forma de resguardar a tradição.

A quinta estrofe,

Brindo aos meus inimigos
Mas não lhes conte
Vejam, lágrimas jorram
Para fora do cálice

Tem a seguinte explicação na Hagadá de *Pessach*. (pág.21, 1996)

“O costume de derramar-se vinho do copo ao mencionar as pragas com as quais Deus castigou os egípcios tem origem no *Midrash*. Ele nos conta que, quando Deus abriu o Mar Vermelho para salvar os judeus e fechou-o, em seguida, afogando aos perseguidores egípcios, os anjos do céu queriam cantar um hino de louvor, mas Deus repreendeu-os, dizendo: Minhas criaturas estão-se afogando no mar e vocês querem cantar?”.

Esta passagem esclarece que é errado alegrar-se na hora da dor de outras pessoas, mesmo na dor de nossos inimigos. Por isso se derrama o vinho do copo. Ele não pode estar cheio ao comentarmos a tristeza alheia.

Por fim, sempre beber sem parar, como homenagem aos nossos antepassados que se foram embora para sempre.

53. O alegre alfaiate

Dos freilech shnaiderl

Mark Warshavsky

Quando os feriados começam a surgir,
Torno-me um outro homem.
Eu ponho de lado minha tesoura e meu ferro
E toda e qualquer agulha que esteja comigo.

Az di iontevdike teg haibn zir on bavaizn-
Ver ich bai mir a Godl
Ich leig mir avec di sher un aizn
Un vu ich hob nor bai mir a nodl

Paro de costurar e procurar trabalho,
Querido pai,
Um pouco de vinho no feriado
Experimentar
É melhor do que fazer um remendo.

Oifgehert naien, arbet zuchn
Hartzediker tate,
A bisele vain in iontov
Tzu farzuchn
Is besser vi leign a late.

Quando os feriados terminam
Querido pai,
De novo recomeça o corte e a costura
E de novo a colocação de remendos.

Az di iontevdike teg heibn on fargeien
Hartzediker tate,
Is vider shnaidn, vider neien
Un vider leign a late

De novo recomeça a velha vida
É de doer o coração.
Oh! Minha querida Chana,
Realmente você não tem nada para comer?

Vider tzit zich dos alte lebn
Es nemt baim hartzn raisn.
Oi vei Chane sertsze lebn
Tzu hostu nit mit vos tzu farbaisn?

A categoria semântica fundamental desta canção é o feriado *versus* os dias comuns.

Esta oposição se manifesta de formas diversas no texto.

No feriado:

*Torno-me um outro homem
Ponho de lado minha tesoura
Paro de costurar e procurar trabalho
Experimento um pouco de vinho*

Nos dias comuns:

Recomeça o corte e a costura
Coloco remendos
Recomeça a vida velha

A canção tem um conteúdo mínimo fundamental que é a euforia (positivo), no feriado e a disforia dos dias comuns.(negativo).

No segundo nível das estruturas narrativas, o sujeito, alfaiate, comunica-se com Deus, satisfeito em largar suas atividades diárias e, em seguida, reclama de Deus o recomeço da velha vida, ou seja, da fome.

No terceiro nível das estruturas discursivas as oposições assumem a forma de temas:

- O tema da cidade pouco desenvolvida e pobre
- O tema da situação dramática do profissional
- O tema da fome
- O tema da religiosidade
- O tema da opressão tzarista
- O tema dos *pogroms*
- O tema da ilusão da realidade

O comentário que se segue descreve alguns destes temas.

A vida dos judeus na Europa Oriental, especialmente nos séculos XIX e XX, era de extrema pobreza. Conta-se que uma família, cujo pai era artesão-e quase a maioria da população naquela época o era, composta do marido alfaiate, mulher e três filhos, necessitava, para sobreviver, da quantia mínima de 160 *Zlotis*¹⁴ anuais.

O máximo que esse chefe de família obtinha anualmente eram 120 *Zlotis*. O restante era obtido com grandes dificuldades pela esposa, que se via obrigada a trabalhar fora, eventualmente no mercado, deixando os filhos com o pai, cuja oficina insalubre ficava dentro da habitação.

É esse ambiente que o grande poeta popular e trovador Mark Warshavsky (1840-1907), advogado de profissão, retrata nesta canção, cujo título original é *Dos freilech shnaidertl*, onde constata a mudança do comportamento judaico no sábado e nas

¹⁴ Zloti- moeda polonesa

festas tradicionais, uma verdadeira terapia para esquecimento das adversidades da vida.

A alegria reina pela casa, por pouco tempo, é verdade, porém saboreia-se até um pouco de vinho, mesmo naqueles tempos de vida difícil, de *pogroms*, discriminação cruel constante e perseguições, em que viviam os judeus na Rússia czarista daquela época.

E, quando termina a festa, recomeça a atividade diária, e o drama da fome retorna ao lar.

Um alfaiate judeu da cidade de Kinev, província de Kelts. Ao fundo vê-se uma prateleira com louça, o que faz supor que sua oficina de trabalho se encontra localizada na cozinha.

Um alfaiate judeu



Figura 16

Fonte: Roskies, Diane K and David G.

3.6 RABEINU TAM

RABEINU TAM

Itzik Manger

Cantemos a linda canção
 Haidl, didl, dam
 Como o pavão dourado voa
 Sobre o mar escuro
 E carrega uma amada cartinha,
 Uma linda, amada cartinha,
Para o Rabi Tam.

Quem escreveu a cartinha?
 Haidl, didl, dai
 Escreveu esta cartinha
 A rainha da Turquia
 Escreveu-a com tinta vermelha
 E a lacrou rapidamente
Com três lágrimas quentes.

O que está escrito na cartinha?
 Haidl, didl, du
 “Rabi Tam, eu te amo”.
 Por que te calas, então?
 Não como, não bebo,
 Eu fico doente de saudades
Não tenho sossego.

O que faz o Rabi Tam?
 Haidl, didl, de
 Ele acaricia as costeletas e a barba
 E faz três vezes “fê”¹⁵
 E a cabra no estábulo,
 E a cabra branca
O imita com um “mé”

E a mulher do Rabi?
 Haidl, didl, doi
 Ela lhe bate com o rolo
 E lhe diz assim:
 Mulheres estão na sua mente
 Então, e eu, onde estou eu?
 Sua cálida e amada mulher!

Lomir zingen dos sheine lid
 Haidl, didl, dam-
 Vi di goldene pave flit
 Ibern shvatzn iam.
 Un trogt a libes brivale,
 A sheine libes brivele,
Far dem Rabeinu Tam. (2X)

Ver hot geshribn dos brivele
 Haidl, didl, dai-
 Geshribn hot dos brivele
 Di malke fun Terkai.
 Geshribn es mit roitn tint
 Un farchasmet es geshvind
Mit heise trern drai (2X)

Vos shteit geshribn in brivele?
 Haidl, didl, du-
 “Rabeinu Tam ich libe dich,
 Vos zhe shvaigstu, nu?
 Ich ese nisht, ich trinke nisht,
 Ich ver tzezetst fun benkenish,
Ich habe nisht kein ru” (2X)

Vo zhe tut Rabeinu Tam?
 Haidl, didl, de
 Er glet di peies um di bord
 Um macht drai mol “fê”
 Um dos tzigele in shtal,
 Um dos vaise tzigele
Helft im unter “mé”. (2X)

Nu un zi di rebetzn?
 Haidl, didl, doi-
 Zi klapt im mitn valgerholts
 Un zogt tzu im azoi:
 Shiksés lingn dir in zin,
 Nu un iach, un iach vu bin?
 Dain heis-gelibte froi!

¹⁵ “fê”- palavra ídiche que significa: “que vergonha”

| | |
|----------------------------------------------|---------------------------------|
| Adivinhem quem fez esta canção. | Treft ver s'hot dos lid gemacht |
| Haidl, didl, dam | Haidl, didl,dam |
| Um jovem alfaiate a fez | A shnaider iung hot es gemacht |
| Em homenagem ao Rabi Tam. | Lekoved dem Rabeinu Tam. |
| E no sábado, entre o dia e a noite | Un shabes tsvishn tog um nacht |
| Algum humorista risonho | Hot a letz araingelacht |
| Inseriu seus próprios versos rimados. | Akurat tzum gram. (2X) |

A categoria semântica desta canção é o amor *versus* o ódio. Esta oposição se manifesta no amor da rainha da Turquia pelo Rabeinu Tam e o ódio de sua mulher, nos seguintes versos:

O que está escrito na cartinha?
 “Rabi Tam eu te amo”.
 Por que te calas então? e

Mulheres estão na sua mente
 Então e eu, onde estou eu?
 Sua cálida e amada mulher.

Itzik Manger escreveu as *Canções do Pentateuco*, onde retrata, com humor, figuras patriarcais, como judeus contemporâneos e as *Megile Líder*, onde transforma a história de Ester em dramas líricos. (vide biografia, página 58).

Quem teria sido o Rabeinu Tam, título de sua canção, em que ele faz humor com um rabino, e retira sua responsabilidade pela letra da canção, feita num sábado, quando se comete pecado trabalhando e atribui esta obra a um terceiro.

Sabemos que Manger lidava com personagens patriarcais e históricos. Recorremos a Umberto Eco que, em seu livro, *O signo dos três*, citado pelo professor Izidoro Blikstein (Revista USP, n.13/14-1994), mostra como a “detetivesca” ciência dos signos, índices e símbolos nos oferecem as grandes chaves para desvendar os enigmas do comportamento humano.

A palavra “Tam”, em ídiche significa “tolo”. Em hebraico significa “perfeito”. Parece que Manger não pretendia classificá-lo como tolo nem como perfeito, deixando em aberto a ambigüidade.

Em pesquisa efetuada, encontrei um famoso personagem histórico: Rabeinu Tam. Jacob Ben Meir Tam (ou Rabeinu Tam, isto é, Nosso Mestre Perfeito, (1100-1171) que morou em Ramerupt, até sua casa ser destruída pelos cruzados em 1147. Mudou-se então para Troyes onde em 1160, liderou a primeira conferência de rabinos. Foi a mais importante autoridade rabínica da França em sua época. Escreveu também sobre gramática e interpretação da Bíblia, além de compor poemas litúrgicos.

O segundo nível das estruturas narrativas é o amor da rainha da Turquia, declarado por meio de uma cartinha, trazida pelo pavão dourado.

No nível das estruturas discursivas, as posições assumem a forma dos seguintes temas:

Ódio e perseguição contra os judeus
Destruição de comunidades judaicas

Estes temas ocorreram exatamente na época em que viveu o rabino Jacob Ben Mair Tam, o famoso Rabeinu Tam, objeto da canção de Itzik Manger.

Em maio de 1171, na cidade francesa de Blois, acusaram os judeus de ter assassinado uma criança cristã e atirado o corpo no Rio Loire. Foi a primeira acusação de assassinato ritual na Europa Continental. No dia 26 de maio de 1171 (correspondente ao dia 20 de Sivan de 4931) 32 judeus, dos quais 17 eram mulheres, foram queimados na fogueira.

Ao ouvir a trágica notícia, a maior autoridade da época, o rabino Jacob Ben Meir Tam declarou o dia da execução, o vigésimo dia de Sivan, como dia de jejum perpétuo.

Nessa ocasião, além de dois relatos em prosa, em hebraico, foram compostas também várias *selichot*¹⁶.

Em reunião do Conselho Judaico da Polônia realizado em Lublin, em 1650, os conselheiros e toda a sua descendência comprometeram-se a jejuar todos os anos no dia 20 do mês de *Sivan*, em razão também de outro acontecimento ocorrido quase quinhentos anos mais tarde, e no mesmo dia 20 de *Sivan*.

Em 1648, na Polônia e na Ucrânia, ocorreu uma onda de *pogroms* promovidos por cossacos, comandados por Bogdan Chmielnitzky, nos quais centenas de comunidades judaicas foram devastadas e milhares de judeus mortos, muitos vendidos como escravos e privados de seus bens.

Segundo Yerushalmi, (1992) o poder de uma prática comemorativa como o jejum do vigésimo dia de *Sivan* serviu para preservar a memória essencial de um acontecimento, sem necessariamente preservar seus detalhes históricos, considerado um enfoque sobre o funcionamento da memória judaica na Idade Média, quando prevaleceu mais a memória do que a história.

¹⁶ **Selichot-poesia litúrgica (tipo especial de Piyyut) em que se pede perdão pelos pecados cometidos e misericórdia a Deus. Elas foram escritas especialmente para os dias de jejum, que eram dedicadas à oração e súplica.**

Piyyut- forma de poesia litúrgica hebraica, criada na Palestina entre os anos 300 e 500.

3.7- O NOSSO POVOADO ARDE UNDZER SHTEITL BRENT

Mordco Gebirtig

Arde irmãos, está ardendo!
 Nosso pobre povoado, coitado, arde
 Maus ventos com rajadas
 Rasgam, rompem e sopram
 As chamas com violência
 Tudo em volta já arde.

S'brent briderlech, s'brent
 Oi, undzer orem shteitl nebech brent!
 Baize vintn mit irgozn
 Raisn, brechn um tzeblozn
 Shtarker noch di flamen
 Altz arum shoin brent.

E vocês estão parados, olhando
 Com as mãos cruzadas.
 E vocês estão parados, olhando.
 Nosso povoado arde.

Un ir shteit um kukt azoi zich
 Mit farleigte hent
 Un ir shteit um kukt azoi zich
 Undzer shteitl brent

Arde, irmãos, está ardendo!
 Nosso pobre povoado, coitado, arde.
 Já conseguiram as línguas de fogo
 O povoado inteiro engolir
 E os ventos raivosos uivam
 Nosso povoado arde.

S'brent! briderlech, s'brent!
 Oi, undzer orem shteitl nebech brent
 S'hobn shoin di faier tzungen
 Dos gantze shtetl aingeshlungen
 Um di baise vintn rujen
 Undzer shteitl Brent.

E vocês estão parados olhando
 Com as mãos cruzadas.
 E vocês estão parados olhando
 Nosso povoado arde.

Un ir shteit um kukt azoi zich
 Mit farleikte hent
 Un ir shteit um kukt azoi zich
 Undzer shteitl Brent.

Arde, irmãos, está ardendo!
 Podera vir talvez o momento
 Em que nossa cidade e nós juntos
 Em cinzas, nas chamas vamos desaparecer
 Sobrando somente após a tormenta
 Paredes negras e vazias.

S'brent! briderlech, s'brent!
 Oi!. Es ken cholile kumen der moment
 Undzer shtot mit undz tsuzamen
 Zol oif ash avec in flamen
 Blaibn zol vi noch a shlacht
 Nor puste, shvartse vent!

E vocês estão parados, olhando
 Com as mãos cruzadas.
 E vocês estão parados, olhando.
 Nosso povoado arde.

Un ir shteit um kukt azoi zich
 Mit farleikte hent
 Un ir shteit um kukt azoi zich
 Undzer shteitl brent

Arde, irmãos, arde!
 A ajuda depende unicamente de vocês
 E se a aldeia lhes é querida
 Peguem as mangueiras e apaguem o fogo
 Apaguem com seu próprio sangue
 Mostrem que vocês são capazes.

S'brent briderlech, s'brent
 Di hilf is nor in aich alein gevendt
 Oib dos shtetl is aich taier
 Nemt di keilem, lesht dos faier
 Lesht mit aier eign blut,
 Bavaizt, as ir dos kent

| | |
|------------------------------------|------------------------------------|
| Não fiquem, irmãos, assim | Shteit nit brider ot azoi zich |
| Com as mãos cruzadas | Mit farleigte hent |
| Não fiquem, irmãos, apaguem o fogo | Shteit nit brider, lesht dos faier |
| Nossa aldeia arde! | Undzer shteitl brent |

Mordco Gebirtig, ao escrever *Nosso Povoado Arde*, em 1938, já previa que a desgraça, que estava se abatendo sobre o judaísmo alemão, iria atingir todo os judeus europeus inclusive os poloneses.

Nesta canção cheia de metáforas, o incêndio da cidade é alusivo ao assédio nazista, à discriminação e à destruição do judaísmo alemão. O uso de mangueiras para apagar o fogo é como a conclamação para o levante armado contra o destruidor inimigo:

Não fiquem, irmãos, assim
 Com as mãos cruzadas
 Não fiquem, irmãos, apaguem o fogo
 Nossa aldeia arde!

Desde 1922, o partido nazista iniciou a preparação de quadros politizados para implementar a ditadura, o aniquilamento completo das oposições e a destruição do judaísmo europeu. Em 1934, já no governo, ele organiza acampamentos para a doutrinação dos jovens, tendo, somente nesse ano, preparado 42.387 líderes e instrutores. Logo a seguir, tornou compulsória a filiação de todos os jovens alemães à Juventude Hitlerista.

Na década de 30, os nazistas desencadearam as primeiras discriminações contra os judeus alemães, afastando professores das universidades, proibindo-os de exercer funções públicas, atividades comerciais, profissões liberais, inclusive a medicina e, ainda de freqüentar lugares públicos, manter telefones e radios em sua residência e outras medidas inimagináveis para um país considerado civilizado e em pleno século 20.

Em 15 de novembro de 1935, foram editadas as Leis de Nuremberg. Por elas judeus não podiam casar-se com alemães, sob pretexto de preservar a pureza do sangue ariano. A transgressão era punida com a morte. Todos os estabelecimentos judeus foram confiscados e entregues a comissários alemães, privando assim a comunidade judaica de toda e qualquer sustentação econômica.

Por volta de 1938, membros das SS e grupos nazistas deram início a uma série de *pogroms* em toda a Alemanha, com incêndio de sinagogas, casas comerciais, depredação e saque de residências judaicas, prisões e segregação de judeus em guetos. Foram destruídas cerca de 7.500 lojas e fábricas, o que resultou em noventa mortos e centenas de feridos. Nessa ocasião milhares de judeus conseguiram emigrar da Alemanha, porém não puderam levar nenhum de seus bens, despojados que foram pelos alemães, tendo partido com a coragem e a roupa do corpo.

No dia 1 de setembro de 1939, eclodiu a Segunda Grande Guerra Mundial, como parte do plano de expansão da Alemanha e seu domínio do mundo, projeto de um psicopata do qual até então os países europeus não tinham tomado conhecimento. Os nazistas iniciaram seus primeiros ataques contra a Polônia. Uma semana antes, a Alemanha tinha assinado um pacto de não-agressão com a Rússia, no qual ficou firmado que a Polônia seria dividida entre eles. Em menos de um mês, a Polônia se rendia e logo em seguida foi feita a partilha combinada entre os dois parceiros. Nessa ocasião a Polônia tinha uma população judaica de 3.350.000 pessoas, tendo ficado sob o domínio alemão, nessa fase da guerra, cerca de dois milhões de judeus poloneses.

A previsão de Gebirtig realmente logo se concretizou.

Esta canção foi usada pelos *partizans*, como um dos seus hinos, durante a Segunda Guerra Mundial.

O Nosso Povoado arde**Figura 17**

מ. געבירטיג - אונדזער שטעטל ברענט - עיירתנו בוערת.

Fonte: Fulgar, Kalmen

3.8 Avreiml, o malandro

Avreiml Marvicher

(O menino de rua)

Uma das mais conhecidas canções do poeta e trovador Mordco Gebirtig foi *Avreiml Malvicher*, em que se evidencia, pelos signos e índices, o dramático panorama do *shteitl* onde vivia o autor, em tudo semelhante aos demais *shteilach* da Europa Oriental lembrados pelo grande escritor Sholem Aleichem. As personagens dos contos deste último circulavam no imaginário Kasrilevski, que representava o protótipo dos *shteilach* judaicos.

*Sem um lar fiquei na minha infância
A fome me expulsou de casa
Quando eu ainda não tinha treze anos*

*Em terras estranhas, longe do olhar materno
Onde me tornei um honrado rapaz
Fui educado na imundícia da rua.*

Na primeira estrofe o autor nos mostra um menino, órfão de pai, que abandona o lar porque sua mãe vivia em estado de pobreza e sem condições de sustentá-lo.

A perda prematura dos pais era um caso generalizado nos *shteilach* e se situava em torno de cinquenta anos. Morria-se nas guerras que assolaram o continente europeu durante muitos séculos. Durante as sucessivas divisões da Polônia, os judeus lutavam ora pela Prússia, ora pela Áustria, quando não pela própria Polônia ou pela Rússia. Lutavam também irmão contra irmão, na defesa desses países. Gebirtig, por exemplo, foi uma vez soldado polonês e, de outra vez, soldado austríaco. Naquela época a convocação para o exército era bem-vinda, pois solucionava um grande problema: a fome.

De outro lado morria-se de doenças “naturais”, provocadas pela inexistência de condições sanitárias adequadas, falta de assistência médica e epidemias imprevistas. O fumo, que começava na idade infantil, era também um dos responsáveis.

Não existia água encanada e muito menos esgotos sanitários nos *shteilach*. A água era retirada de um poço existente no centro da aldeia e, complementarmente, comprava-se água dos assim chamados “aguadeiros”, que retiravam a água dos rios e a distribuía, usando barris ou tonéis sobre carroças. **(Figuras 18 e 19)**

Este sistema de abastecimento coletivo de água existia desde a época bíblica. Foi junto a um poço, na Mesopotâmia, onde as mulheres habitualmente iam buscar água, que Eliezer, fiel servidor do patriarca Abraão, encontrou Rebeca, a mulher de seu filho Isaac.

Este “sistema de abastecimento de água”, dos *shteilach* do século XX, aparece no poema do escritor e poeta Itzik Feffer (1900-1952), *Di Krenitze*, cantado pela artista Chava Alberstein e cuja primeira estrofe se segue:

*Lá onde a grama está molhada
Encontra-se um poço meditativo*

*Vêm moças buscar água
Com os baldes na mão.*

A personagem de Gebirtig torna-se um menino de rua. Para sobreviver, rouba pão, razão pela qual vai para a cadeia, onde apanha. A recuperação de detentos e, em especial, de crianças não existia naquela época, como ainda hoje é inexistente ou ineficiente em muitas cidades. A prisão era a antecâmara do cemitério. Antevendo sua morte, ele sugere na última estrofe o epitáfio de seu túmulo, que é bastante significativo e merece uma reflexão sobre a solução dessa tragédia social do menor abandonado:

*Aqui jaz Avreiml, o malandro habilidoso
Com certeza teria sido um grande homem
Homem honrado, com coração e sentimento
Homem puro como Deus sozinho deseja*

*Se ele estivesse sob os olhares maternos
Se não tivesse sido educado pela rua imunda
E se quando criança tivesse tido um pai.
Aqui jaz Avreiml, aquele honrado rapaz.*

Avreiml o malandro

Sem um lar fiquei na minha infância
A fome me expulsou de casa
Quando eu ainda não tinha treze anos
Em terras estranhas, longe do olhar materno
Fui educado na imundície da rua
Onde me tornei um honrado rapaz.

Eu sou Avreiml, o malandro habilidoso
Um grande artista, trabalho ligeiro e na certeza
Na primeira vez, até à morte irei lembrar,
Entre na prisão por um pão surrupiar
Não vou ao mercado como os rapazes ordinários
Mordo somente gente indecente e sovina.
Fico satisfeito quando agarro uma pessoa assim
Eu sou Avreiml, porém um honrado rapaz

Em terras estranhas não tinha como viver
Pedia pão, um pobre ainda dava
Mas os indivíduo que estão sempre saciados
Muitas vezes me enxotavam com um varão,
Está crescendo um ladrão, é o destino
Ladrão sou, porem um honrado rapaz.

Eu sou Avreiml, o malandro habilidoso
Um grande artista, trabalho ligeiro e na certeza
Garoto pequeno, entre as grades entrei
Saí um rapaz malvado, um talento raro.
Não vou ao mercado como os rapazes ordinários
Mordo somente gente indecente e sovina
Gosto de gente, de brincadeiras e de guloseimas.
Eu sou Avreiml, porém um honrado rapaz.

Esta brincadeira não ira demorar muito
Doente das pancadas recebidas entre as grades
Eu gostaria de ter somente um único desejo
Depois da minha morte, um dia, eu almejo
Ter escrito em meu túmulo,
Com letras grandes e douradas:

Aqui jaz Avreiml, o malandro habilidoso
Com certeza teria sido um grande homem
Homem honrado, com coração e sentimento
Homem puro como Deus sozinho deseja,
Se ele estivesse sob os olhares maternos
Se não tivesse sido educado pela rua imunda
E se quando criança tivesse tido um pai.
Aqui jaz Avreiml, aquele honrado rapaz.

On a heim bin ich iung geblibn
S'hot di noit mir aroisgetribn
Ven ikh hob nokh keyn draitsn ior gehat
In der fremd, vait fun mames oign
Hot in shmutz mich di gas dertsoign
Gevorn is fun mir a voiler iat.

Ich bin Avreiml der feikster marvicher
A groiser kinstler, ch'arbet laicht un zicher
Dos ershte mol, ch'vel es gedenken bizn toit
Arain in tfise far lakchenen a broit,oi, oi
Ch'for nisht oif markn vi iene proste iatn
Ch'tzup nor bai karge, shmutzike magnatn,
Ch'bin zich mechaie ven chap aza magnat
Ich bin Avreiml, gor a voiler iat

In der fremd, nisht gehat tzum lebn
Gebetn broit, an oremer flegt noch gebn
Nor iene lait vos zenen tomid zat,
Flegn oft traibn mich mit tsorn,
S'vakst a ganev, s'is mekuiem gevorn
A ganev bin ich, nor a voiler iat.

Ich bin Avreiml, der feikster marvicher,
A groiser kinstler, ch'arbet laicht un zicher,
A iat a kleiner, arain in kutschement,
Arois a mazik,a zeltener talent, Oi, Oi
Ch'for nisht oif markn, vi iene proste iatn
Ch'tzup nor bai karge, shmutzike magnatn,
Ch'ob lib a mentshn, a mildn, a nash-brat,
Ich bin Avreiml gor a voiler iat.

Shoin nisht lang vet dos shpil gedoiern
Krank fun klep, gift fun tfise moiern,
Nor ain bakoshe, ch'volt azoi gevolt-
Noch main toit, in a tog a tribn,
Zol oif main matseive shtein geshribn
Mit oisies groise un fun gold:

Do ligt Avreiml, der feikster marvicher,
A mentsh a groiser geven volt fun im zicher,
A mentsh a fainer, mit hartz, mit a gefil,
A mentsh a rainer,vi got alein nor vil, oi, oi,
Ven iber im volt gevacht di mames oign
Ven s'volt di fintstere gas im nisht dertsoign
Ven nor als kint er a tate volt gehat
Do ligt Avreiml, iener voiler iat.

Cartões Postais



Jovem fumando



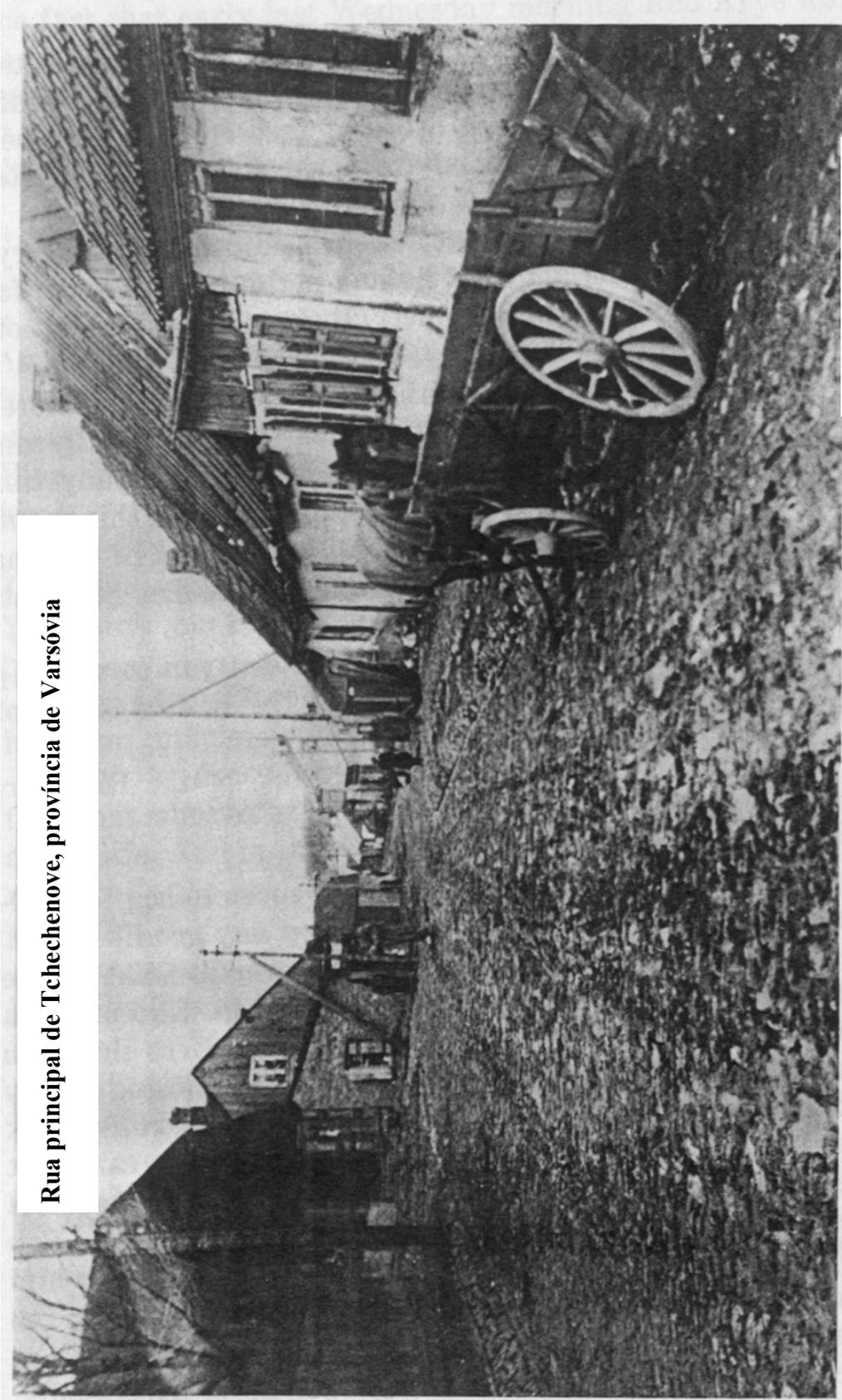
Jovem tocando o Shofar

Figura 18

Fonte: Roskies, Diane K and David G.

O fumo entre jovens era tão popular (postal superior) que o artista Chaim Goldberg criou outro postal criticando o anterior, claramente observado pendurado na parede, com os seguintes dizeres em hebraico: “*Nós encontramos um shofar por aí / e estamos nos divertindo. / Nós vestimos o Talit / e assopramos como os mais velhos*”.

Rua principal de Tchechenove, província de Varsóvia



Main Street, Chechenove, Warsaw province.

Figura 19

Fonte: Roskies, Diane K. and David G.

Capítulo 4 O fim do *shteitl* e as canções do gueto

No início da Segunda Guerra Mundial, em 1939, assim que o domínio nazista se estabeleceu na Polônia, implantaram-se regulamentos específicos antijudaicos, como: proibição de cerimônias religiosas, congelamento de contas bancárias, confisco de radios portáteis, proibição de possuir meios de transporte particulares e outros, além da obrigação do uso da estrela de Davi na roupa, para que os judeus fossem facilmente identificados. Logo em seguida, os judeus foram enclausurados em guetos, zonas especialmente escolhidas e cercadas, localizadas em bairros pobres e deteriorados da cidade.

Nos guetos, milhares de pessoas foram alojadas em condições totalmente sub-humanas. Para ter uma idéia da superpopulação, basta dizer que a taxa de ocupação era aproximadamente de 3,5 pessoas por quarto. Não havia água corrente nem eletricidade. Serviços públicos, como correio e bombeiros, foram totalmente cortados. Todos os bens pessoais foram confiscados durante a mudança de suas residências, tendo sido permitido levar bagagem somente de até 25 quilos.

Fome, superpopulação e falta de condições sanitárias causavam epidemias, como o tifo, e disso resultavam diariamente um grande número de mortes. Em 2 de junho de 1940, iniciou-se o racionamento de alimentos, dependente do uso de cartões distribuídos pelas autoridades. A direção dos guetos era confiada ao chefe da “Administração Judaica”: o judeu mais idoso, em geral, uma figura controvertida, escolhida pelos alemães.

Em 7 de dezembro de 1941, os nazistas criaram o primeiro campo de extermínio em Chelmno, dando assim prosseguimento ao seu plano sinistro de extermínio dos judeus em grande escala, programa aprovado na Conferência Nazista de Wannsee, em continuação ao extermínio a varejo que se praticava no gueto, “naturalmente”, por

doenças e assassinatos ocasionais. Entre janeiro e maio de 1942, cinquenta e cinco mil pessoas, um terço da população do gueto da cidade de Lodz, por exemplo, foram levadas a Chelmno e barbaramente assassinadas

Foi somente em 7 de maio de 1945, no quartel general de Eisenhower, em Reims, quando ocorreu a rendição incondicional de todas as forças alemães, que se deu paradeiro ao massacre de judeus. A Segunda Guerra Mundial realmente terminou em setembro de 1945, quando capitularam o Japão, parceiro dos nazistas, e a Itália, o outro parceiro, que tinha se rendido em 2 de maio. Terminada a guerra, aproximadamente seis milhões de judeus tinham sido varridos da face da Terra, num espetáculo monstruoso que jamais poderia ter sido imaginado pelo gênero humano.

De modo geral, as canções populares que surgiram no século XIX falavam de amor, pobreza, dramas pessoais, alegria, perseguições sofridas, além de canções de ninar e outras.

As canções produzidas nos guetos foram de temática mais restrita, uma vez que refletiam a vida limitada que os judeus ali levavam, descrevendo assuntos como superpopulação, falta de alimentos, anormalidades, humilhações, canções sarcásticas, bem como esperança por dias melhores que nunca chegavam.

Ruth Rubin, em seu livro *Voices of a People* (1979, pág 423) assim se manifesta:

“A canção popular judaica da Segunda Guerra Mundial foi criada pelo sofrimento, privações, degradações, temor, luta, heroísmo e morte. Textos e melodias de autores conhecidos e desconhecidos descrevem a destruição de uma enorme população judaica, na mão de uma tirania inigualável da história do mundo. Recordando as crônicas martiriológicas do século XVII, estas canções memorizam e condenam a força nazista e de seus dirigentes, que por seis anos se empenharam numa expropriação sádica dos bens judaicos, deslocando seres humanos de um lugar para outro, explorando e conduzindo-os até a morte. Este macabro programa de um poder militar organizado, numa brutal guerra contra uma população de milhões de pessoas desarmadas, é revelada em centenas de canções escritas por homens, mulheres, crianças, velhos e jovens num desesperado esforço de sobreviver”.

O poeta e escritor Shmerke Kaczerginski, nascido na cidade de Vilna em 1928, conseguiu sobreviver no gueto de Vilna, onde fazia parte do grupo de resistência. Quando tinha sete anos de idade, seus pais faleceram por falta de alimentos durante a Primeira Guerra Mundial. Participou de organizações políticas, tendo-se destacado pelas canções revolucionárias, *Tate mame kinderlech* (Pai, mãe, criancinhas) e *Bai nacht is gegangen a shnei* (À noite nevou), que se espalharam pelo mundo judaico.

Foi preso pela polícia polonesa, tendo passado algum tempo na cadeia, em Vilna. Nessa ocasião escreveu diversos contos de conteúdo social, bem como algumas reportagens sobre a vida do trabalhador na Polônia. Um de seus livros *Eu, que era um Partizan* foi publicado em português. Em 1929, ele funda o grupo “Jovem Vilna”, uma sociedade literária, do qual se tornou um dos dirigentes e foi também correspondente do jornal nova-iorquino *Morgen Fraihait*.

Enquanto esteve internado no gueto de Vilna, escreveu *Shtiler shtiler, Friling, Yid, du partizaner, Warshe, Partizaner marsh, Marica* e outras. Também coletou cerca de 250 canções lá produzidas, que chegaram até nós graças à publicação da Cyco Bicher Farlag, editada em New York, em 1948, por H. Leivik, com arranjos musicais de M. Gelbart. Faleceu em 23 de abril de 1954, num acidente de aviação, na Argentina, onde estava realizando palestras, nas cidades de Mendoza e Buenos Aires.

Entre 1942 e 1945 ocorreram revoltas em guetos e campos de concentração, evidentemente com pouco resultado pratico. Uma população totalmente desarmada e confinada dificilmente poderia ter êxito contra o exército nazista, armado até os dentes. A mais expressiva revolta, conhecida como o Levante do Gueto de Varsóvia, ocorreu em abril de 1943, quando os judeus conseguiram manter uma ofensiva de quase um mês contra a máquina de guerra alemã que os poloneses, com todo o seu exército, não tinham conseguido suportar durante sequer uma semana, no início da guerra.

Assim, o que restou mesmo foram as canções, única arma que os ajudou a manter-se vivos, e que nos transmitiram sua coragem, sua luta pela sobrevivência e seus anseios de vida, até finalmente o seu total aniquilamento pela barbárie nazista.

Da coleção de canções populares produzidas durante o Holocausto e coletadas por Kaczerginski, foram selecionadas algumas que refletem bem a vida do povo judeu nos guetos nazistas. Assim, com a história trágica do Holocausto, encerrou-se praticamente a literatura poética em língua ídiche.

Aniquilación de judíos por los nazis, en el antiguo "Distrito de Residencia"

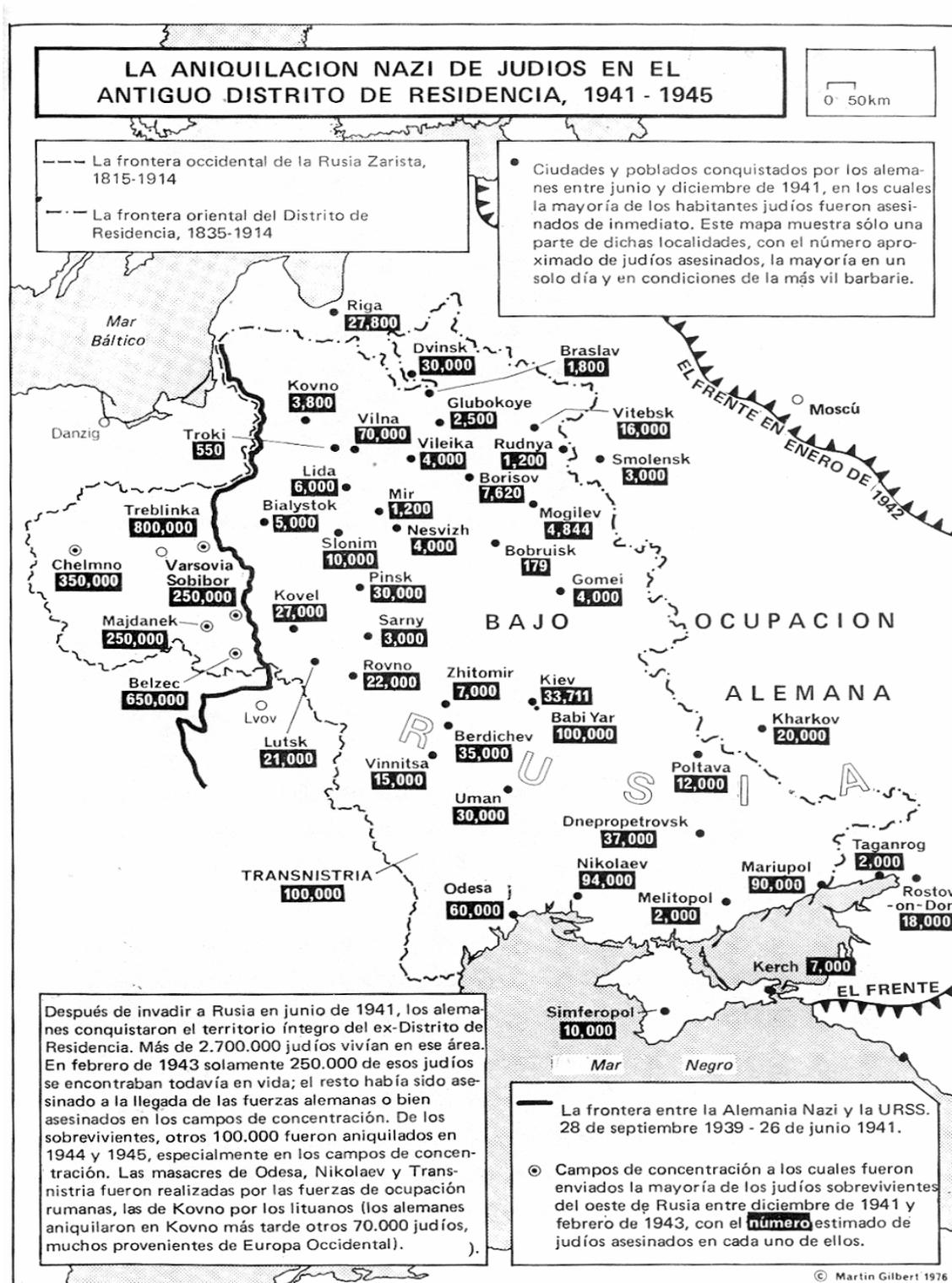


Figura 20

Fonte: Gilbert, Martin

Canções do gueto

| | |
|------------------------------------|-----|
| 4.1- Ysrolik..... | 191 |
| 4.2- An ídiche kind..... | 193 |
| 4.3- Di broit farkoifern..... | 196 |
| 4.4- Dos transport ingle..... | 198 |
| 4.5- Ieder ruft mich Zámele..... | 200 |
| 4.6- Varshe..... | 201 |
| 4.7- A naier bafel (A reação)..... | 202 |

1-Ysrolik

(Ghetto de Vilna)

Texto: L.Rosenthal

Música: Nine Gershtein

Ysrolik é a história de um órfão, vendedor de sacarina e cigarros, que apregoa sua mercadoria com lucro insignificante, exatamente o valor da vida, que não vale mais do que um níquel. Ele recorda que não nasceu na rua, era um menino como qualquer outro, que já teve pai e mãe. Ele chora, com vergonha da triste situação em que se encontra, porém, somente quando ninguém vê. Ysrolik é o símbolo da população judaica que se encontrava submetida a condições subumanas pelos nazistas, impotente diante de forças descomunais “como o vento no campo”, mas que não perde a esperança de dias melhores, quer sobreviver e esquecer a tristeza para “não deixar seu coração aflito”.

É o exemplo da canção triste do gueto. É a luta dos órfãos, cujos pais foram assassinados pelos alemães, com uma brutalidade jamais vista, ou morreram de fome e de doenças.

Bem, comprem cigarros
 Bem, comprem sacarina
 A mercadoria hoje se tornou barata
 A vida por um níquel
 Lucro insignificante
 De um mascate do gueto, vocês ouviram.

Nu koift she papirosn
 Nu koift she sacharin
 Gevorn is haint sroire bilik vert
 A lebn far a groshn
 A prute a fardinst
 Fun gueto handler hot ir dos gehert

Refrão

**Eu me chamo Ysrolik
 Sou o menino do gueto
 Eu me chamo Ysrolik,
 Um rapaz brincalhão
 Se bem que fiquei sozinho
 Ainda assim obtenho tudo, depois
 De um assobio e de um cantarolar.**

**Ch'heis Ysrolik
 Ich bin dos kind fun gueto
 Ch'heis Ysrolik
 A hefkerdriker iung
 Chot'sh farblibn gole neto
 Derlang ich altz, noch
 A svitshe, un a zung**

Um casaco sem a gola

A mantl on a kragn

Roupa íntima, feita de saco
 Tenho galochas, só faltam os sapatos
 E quem se atrever
 A rir bastante
 Para este mostrarei quem sou.

Refrão

**Eu me chamo Ysrolik,
 Sou o menino do gueto.
 Eu me chamo Ysrolik,
 Um rapaz brincalhão,
 Se bem que fiquei sozinho.
 Ainda assim, obtenho tudo, depois
 De um assobio e de um cantarolar.**

Não pensem que eu nasci
 Na rua viciada
 Fui também criança de pai e mãe
 Perdi os dois
 Não pensem que é uma brincadeira
 Fiquei como o vento no campo.

Refrão

**Eu me chamo Ysrolik,
 Sou o menino do gueto.
 Eu me chamo Ysrolik,
 Um rapaz brincalhão,
 Se bem que fiquei sozinho.
 Ainda assim, obtenho tudo, depois
 De um assobio e de um cantarolar.**

Eu me chamo Ysrolik,
 Mas, quando ninguém vê,
 Limpo quietinho
 As lágrimas de meus olhos,
 Porém, da minha tristeza
 Melhor não falar.
 Para que relembrar
 E deixar o coração aflito?

Sachsoinim fun a zak
 Kaloshn hob ich-s'felt nor di shich
 Un ver es vet nor vag
 Tzu lachn,oi, assach
 Dem vel ich nor bavaizn ver ich bin

**Ch'heis Ysrolik
 Ich bin dos kind fun gueto
 Ch'eis Ysrolik
 A hefkerdriker iung
 Chot'sh farblibn gole neto
 Derlang ich altz, noch
 A svitshe, un a zung**

Nisht maint mich hot geboirn
 Di hefkerdike gas
 Bai tate mame oich geven a kind
 Ch'ob baide ongevoirn
 Nisht maint: es is a shpas
 Ich bin geblibn, vi in feld der vint.

**Ch'heis Ysrolik
 Ich bin dos kind fun gueto
 Ch'heis Ysrolik
 A hefkerdriker iung
 Chot'sh farblibn gole neto
 Derlang ich altz, noch
 A svitshe, un a zung**

Ch'heis Ysrolik
 Nor ven kainer zet nisht
 Vish ich shtil zich
 Fun oig arop a trer
 Nor fun main troier
 Beser as men redt nisht
 Tzu vos dermonen
 Un machn dos hartz zich shver.

4.2- Uma criança judia

An ídiche kind

:Chana Weinstein

Em 20 de janeiro de 1942 a alta cúpula nazista se reuniu em Am Gossen Wannsee n8 56, num subúrbio de Berlim, na conhecida Conferência de Wannsee, para decidir o modo operacional de implantação da assim chamada Solução Final. Este assunto que já era de conhecimento dos altos círculos do partido nazista passou então a envolver todos os Subsecretários de Estado. O triste significado das duas palavras era simplesmente o extermínio total da população judaica, de acordo com as ordens do Fueerer, Adolph Hitler.

A conferência tratou especialmente da realização de trabalhos preparatórios para o assassinato em massa dos judeus europeus, que eles já tinham implantado havia tempo, em escala menor. Dentre as resoluções tomadas, constava a escolha de locais adequados, a criação dos campos de extermínio, os métodos a serem adotados, os sistemas de transporte bem como o seqüestro dos últimos bens das vítimas como relógios e dentes de ouro, este último detalhe a cargo do Ministério das Finanças.

O número de judeus por eles calculado para o total aniquilamento foi de onze milhões de pessoas, abrangendo judeus da Polônia, Áustria, França, Romênia, Bulgária e outros já então sob seu domínio, bem como judeus da Inglaterra, Portugal, Espanha e União Soviética, países que eles esperavam também dominar.

A reunião não durou mais do que uma hora e meia, tendo depois sido servidos os drinques e almoço. “Uma íntima reunião social” , como a consideraram os chefes nazistas, destinada a fortalecer os contatos pessoais necessários para implementação do “grandioso” programa. A expressão “Solução Final” foi por eles utilizada como regra de linguagem, para encobrir diante da opinião pública mundial e das próprias vítimas, os termos “extermínio”, “assassinato” ou “eliminação”.

De acordo com as diretrizes traçadas nessa Conferência, em setembro desse mesmo ano, os nazistas iniciaram a deportação das crianças com menos de dez anos e dos anciãos com mais de sessenta e cinco anos de idade, do gueto de Lodz, para os campos de extermínio. Em março de 1943 o mesmo fenômeno ocorreu nos diversos guetos da Lituânia.

Muitas crianças se salvaram, ocultando-se em esconderijos. Outras foram levadas por suas mães para fora do gueto e entregues para orfanatos ou famílias polonesas, instruídas para esquecer seus nomes judaicos e se manterem discretas. Muitas vezes eram abandonadas à própria sorte junto à porta de casas polonesas. Este trágico acontecimento foi descrito numa canção, *Uma criança judia*, de autoria de Chana Cheitin Weinstein, uma sobrevivente dos campos de concentração.

Num povoado lituano distante
Há uma casa em algum canto
Através de uma janela pequena
Crianças observam a rua
Meninos com mentes vivas
Meninas com tranças loiras
E lá junto com eles
Dois olhos negros observam.

Olhos negros cheios de encanto,
Tem um nariz bonito e pequeno
Lábios prontos para beijar
Cabelos negros fortemente ondulados
A mãe o trouxe aqui
Envolto na escuridão da noite,
Beija-o com calor e lamenta,
Ela lhe diz baixinho:

Aqui, meu filho, será tua morada,
Presta atenção à palavra de tua mãe
Eu te escondo aqui, porque
Tua vida se acha em perigo
Brinca tranquilo com estas crianças
E permanece quieto e comportado
Nem mais uma palavra ídiche ou canção
Porque tu não és mais judeu.

In a litvish derfl vai
Shteit a shtibl in a zait
Durch a fenster nit kein grois
Kukn kinderlech arois
Ingelech mit flinke kep
Meidelech mit blonde tzep
Und tzuzamen dort mit ze
Kukn oign shvartse tzvei.

Shvartze oign ful mit chein,
Hot a nezele a klein,
Lipelech tzum kushn nor,
Shtark gelokte shvatze hor,
S'hot di mame im gebracht
Aingeviklt in der nacht,
Shtark gekusht un geklogt,
Shtilerheit tzu im gezogt:

Do main kind, vet zain dain ort,
Her je tzu dain mames vort
Ich bahalt dich do derfar,
Vail dain lebn drot gefar
Mit di kinder shpil zich fain
Shtil gehorchzam zolstu zain
Mer kein ídiche vort, kein lid
Vail du bist nit mer kein id.

A criança pede insistentemente para ela:
 Mãe, quero somente ficar com você
 Não me deixe aqui sozinho
 A criança desaba num choro
 Ela lhe dá muitos beijos
 Porém não adianta nada
 A criança protesta: Não e não
 Não quero ficar aqui sozinho

Ela o toma nos braços,
 E com a suavidade de sua voz
 Ela canta: Filhinho meu
 E assim ela o adormece
 Depois disso chora à vontade
 E então ela abandona a casa
 Cheia de preocupação e medo
 E desaparece no meio da noite.

Lá fora faz frio e venta,
 Ouve-se uma voz: Ó meu filho,
 Deixei- te em mãos estranhas
 Eu não tinha outra solução.
 Vai a mãe, falando sozinha
 E lá fora é tarde e faz frio
 O vento lhe bate no rosto-
 Deus, proteja meu único filho.

Casa estranha cheia de gente
 O menino permanece mudo e quieto
 Não fala, não pede, não tem desejos
 Raramente ele dá um sorriso
 Não há dia nem noite para ele
 Não dorme e nem fica acordado
 Vasilko, um nome estranho
 Que lhe faz doer o coração.

A mãe anda meio perdida
 Calada como seu Iossele
 Ninguém a conhece nem se preocupa,
 Ela espera, espera, espera
 Com Yocheved ela se assemelha
 Que deixou Moisés no rio
 Sozinho, desamparado ao vento
 E perdeu seu único filho.

Bet zich shtark dos kind bai ir:
 Mame, ch'vil nor zain mit dir
 Loz nit iber mich alein
 S'kind fargeit zich in gevein
 Git zi kushn im a sach
 Ober s'helft ir nit kein zach
 S'kind nor tainet:-nein un nein
 Ch'vil nit blaibn do alein.

In di orems nemt zi im,
 Un mit veichkeit in ir shtim
 Zingt zi: ingele du main
 Un zi vigt im azoi ain
 Noch dem veint zi frai zich ois
 Un zi tret fun shtub arois
 Ongefilt mit zorg un shrek
 Un zi geit in nacht avek.

Kalt in droisn un a vint,
 Hert a kol zich: oi main kind,
 Dich gelost oif fremde hent
 Andersh hob ich nit gekent.
 Geit a mame, mit zich redt,
 Un in droisn-kalt un shpet,
 S'veit in punem ir der vint
 "Got, bashits main eintsik kind"

Fremde shtub mit mentshn fil
 S'ingele iz shtum un shtil
 Redt nit, bet nit, vil kein zach
 Zeltn ven er tut a lach
 Nit kein tog un nit kein nacht
 Nit er shloft un nit er vacht
 Vasilko, a nomen fremd
 Oif zain hertzl drikt un klemt.

Mame voglt vu arum
 Vi ir Iossele oich shtum
 Keiner veist nit, keinem art
 Un zi vart, un vart, un vart
 Tzu Yocheved iz zi glaich
 Vail vi Moische oifn taich
 Elnt, ainzam oifn vint
 Iz farlozt ir eintzik kind

4.3- A VENDEDORA DE PÃO DI BROIT FARKOIFERN

(Gueto de Varsóvia)

Letra: S.Sheyinkinder
Música: Herman Yablokoff

O quadro de misérias e abandono se repete nesta canção. A bela Itke, antes admirada e reverenciada, clama por um olhar de solidariedade e um gesto de compreensão para que possa matar a fome dela próprio e das crianças.

Fora é um dia nebuloso
 Um vento, está frio e úmido
 Chove como um dilúvio
 A rua está quieta e vazia
 Mas no canto, junto a um portão
 Junto a um muro fechado
 Se encontra Itke encurvada e pálida.

In droisn is a triber tog
 A vint, s'is kalt un nas
 Es gist a regn vi a mabl
 Shtil un pust in gas
 Nor in vinkl fun a toier
 Nebn a farmachtn moier
 Shteit zich Itke, aingeboign, blas.

Rápido as pessoas passam
 E olham a cesta de pães
 Aqueles que passam junto dela
 Estes não voltam mais
 Os olhos de Itke clamam, imploram
 Eu vendo até um pãozinho
 Também quero comer, tenho fome.

Shnel, men loift farbai, men varft
 Tzum koish broit a blik
 Der vos geit fun dort avec
 Der kumt shoin nit tzurik
 Itkes oign betn, rufn:
 A klainem broitl aich farkoifn,
 Ch'vil oich esn, s'hungert mich un drikt.

Comprem pão preto e quente
 Não me reconheço, sou a linda Itke
 Comprem uma bengala de pão
 Sou ainda Itke de Targove
 Todo mundo me admirava
 Vejam, minha vida está se apagando e
 Deixem-me ganhar alguns centavos
 Estou assim de pé desde cedo
 Não ganho nada de ninguém
 Morrerei de fome e de necessidade.

Koift bai mir a frische shitke!
 Ich ken mich nit, ich bin di sheine Itke
 Koift bai mir a luksusove
 Ch'bin doch Itke fun Targove
 S'hot mit mir gekocht a gantzse velt
 Zeit, main lebn vert farloshn-
 Git mir tzu fardinem a por groshn
 Ch'shtei azoi shoin fun baginen,
 Keiner git nit tzu fardinem,
 Shtarbn vel ich fun hunger un fun noit.

Antigamente todos gostavam de mim

S'hot ieder mich amol gelibt

Todos me conheciam
 Acariciavam os belos cabelos loiros
 Beijavam as mãos delicadas
 Porém desde que a tragédia aconteceu
 Já passaram dois longos anos
 O pai se perdeu na guerra
 A mãe se encontra numa cova
 Sobraram quatro crianças
 Eles passam fome em casa
 Todos os dias eu vejo vocês correrem
 Ninguém quer comprar de mim
 Eu continuo segurando a cesta de pães

S'hot ieder mich gekent
 Geglet di sheine blonde hor
 Gekusht di tzarte hent
 Nor zint dos umglik hot getrofn
 Is tzvei ior shoin lang farlofn
 Der tate is in krig gefaln
 Di mame ligt in grib
 Geblibn zeinen kinder fir
 Zai hungern in shtib
 Iedn tog ich ze aich loifn
 Keiner vil bai mir nit koifn
 Un dos koishl broitlech altz ich halt.

Comprem de mim pão preto e quente
 Não me conhecem, sou a linda Itke
 Comprem de mim uma bengala de pão
 Sou ainda Itke de Targove,
 Itke que nunca passava por necessidades
 Comprem e não façam muitas perguntas
 Meus pães têm todas as qualidades
 Melhores vocês não acharão
 Comprem e deixem-me ganhar
 Um pedaço de pão para as crianças

Koift bai mir a frische shitke!
 Ir kent mich nit, ich bin di sheine Itke
 Koift bai mir a luksusove
 Ch'bin doch Itke fun Targove
 Itke nit gevust hot fun kain noit
 Koift un shtelt nit langue shales
 Maine broitlech hobn ale males
 Beser vet ir nit gefinem,
 Koift un git mir tzu fardinen
 Far di kinder oif a shtikl broit

4.4- O menino do transporte

Dos transport ingle

(Gueto de Vilna)

Letra: Kasriel Broida**Música : Desconhecido**

Um dia eu tive um lar, mãe e pai.
Mandavam-me estudar. Tudo, meu filho, para você
Pensavam que provavelmente eu seria médico
Brincaram e se orgulhavam de mim
Mas de repente apareceu uma tormenta
Fiquei solitário como uma pedra
Até que gente boa me abrigou
Agora já não estou mais sozinho

Gehat amol a heim, a tate mame
Geshikt mich lernen: Altz main kind far dir
Gemeint ich vil doctor zain mistam
Getsatsket un getsertlt zich mit mir
Nor plutsim, s'hot a shturem zich tzehuliet
Geblibn bin ich ainzam vi a shtein
Biz gute mentshn hobn tzugetuliet
Un itzt bin ich shoin nit alein

Eu sou do transporte
Todos na rua me conhecem
Eu sou do transporte
Eu gracejo, rio e zombo
Hei! vejam meu carrinho
Ele me auxilia a puxar a carga pesada
É com orgulho que posso lhes dizer
Que sou do transporte

Ich bin fun transport
Mich ken aieder in gas
Ich bin fun transport
Ich choizek, lach in ich shpas.
Hei! zet main vogn
Er helft dem shvern ioch mir trogn
Un mit shtols ken ich aich zogn
As fun transport bin ich!

Era uma noite feia e gelada
O dia inteiro não pus nada na boca
De repente vejo um pano velho pendurado.
Servirá para o pão, assim pensei
Porém de repente não sei de onde
“Ladrão, levem-no para a delegacia”!
Eu, ladrão? Oh! se minha mãe ouvisse
Agora porém não procedo dessa maneira

Gevein a nacht a koitike, a kalte
A gantsn tog in moil gornit gehat,
Nor plitsim ch'ze a shmate hengt, a alte
S'vet zain oif broit, hob ich geton a tracht
Nor plutsim, ch'veis nit vi azoi fun vanen
“A ganef, firt im glaich in politzai”!
Ich a ganef?-oi, ven s'hert main mame!”
Itzt shoin ober tu ich nit azoi

Eu sou do transporte
Todos na rua me conhecem
Eu sou do transporte
Eu gracejo, rio e zombo
Hei! vejam meu carrinho!
Ele me auxilia a puxar a carga pesada
É com orgulho que posso lhes dizer
Que sou do transporte.

Ich bin fun transport
Mich ken aieder in gas
Ich bin fun transport
Ich choizek, lach in ich shpas
Hei! zet main vogn!
Er helft dem shvern ioch mir trogn
Un mit shtols ken ich aich zogn
As fun transport bin ich.

Os órfãos do gueto de Vilna, estavam organizados numa associação de transporte e cantavam esta canção. Puxando ou empurrando carrinhos, como se fossem animais, eles transportavam bens dentro do gueto e o que ganhavam, neste tipo de negócio, ia para uma caixa comum.

A letra foi escrita por Kasriel Broida (1907-1945), que dirigia *shows* e peças teatrais no gueto de Varsóvia,

Dos transport ingle foi escrita especialmente para a cantora Dora Rubin, que a utilizou na revista intitulada *Não se sabe de nada*, levada à cena em New York.

4.5- TODOS ME CHAMAM ZÁMELE IEDER RUFT MICH ZÁMELE

(Gueto de Lublin)

Letra: Autor desconhecido

Música: Bernardo Feuer

Esta é uma canção que denota a saudade da família bem constituída e agora desfeita, e o desamparo da criança solitária, desprezada por ser judia e aterrorizada pelos horrores da guerra. Seu único suporte é a esperança no amparo divino.

Todos me chamam Zámele
Ai, como me é difícil
Eu tive uma mãe querida
Não a tenho mais
Tive um pai querido
Que me cuidava
Agora sou um trapo
Porque sou judeu.

Ieder ruft mich Zámele
Ai, vi mir is shver
Ch'hob gehat a mamele
Ch'hob zi shoin nisht mer
Ch'ob gehat a tátele
Hot er mir gehit
It st bin ich a shmátele
Vail ich bin a id.

Tive uma irmã querida
Ela não mais existe
Oh! onde estás, querida Esterzinha
Nesta hora difícil?
Em algum lugar junto a uma árvore
Em algum lugar junto a um muro
Se encontra meu irmão Shloimele
Por um alemão assassinado.

Ch'ob gehat a shvesterl
Iz zi mer nito
Ester Ach vu bistu Esterl
In der shverer sho?
Erg ets bai a beimele,
Ergets bai a ploit
Ligt main bruder Shloimele
Fun a daitsh getoit.

Eu tive um lar feliz
Agora as coisas estão ruins para mim
Sou como um animalzinho
Que o açougueiro sacrifica
Deus, olhe do belo céu
Para seu mundo aqui em baixo
Olhe como o açougueiro
Está arrancando sua florzinha!.

Ch'hob gehat a heimele
Itster is mir shlecht
Ich bin vi a beheimele
Vos der talien shecht.
Got, du kuk fun himele
Of dain erd arop
Kuk tzu dain blímele,
Rais dem talien op!

4.6- VARSÓVIA

VARSHÉ

Letra: S.Katcherginsky
Música: M. Gelbart

Este poema é uma canção de amor à cidade de Varsóvia que o poeta revisita, na expectativa de reencontrar o seu passado, a sua história. Mas o desastre fora completo: da sua Varsóvia nada mais existe e ao poeta sobram o luto e a memória.

Eu vim de longe Varsóvia ver você
 Permaneço enlutado, permaneço mudo
 Voei para vê-la por terras e mares
 E não encontrei meu pai nem minha mãe
 Lembro-me aqui dos anos de minha infância
 Você, Varsóvia, não sai de minha mente

Ich bin tzu dir Varshe, fun vait gekumen
 Ich shtei a fartroierter, ich shtei vi a shtumer
 Gefloign tzu dir duch iaboshe un iamen
 Un hob nisht getrofn main tatn main mamen
 Dermon ich do o meine kindershe iorn
 S'geit mir nisht Varshe arois fun zikorn

Com Varsóvia no coração
 Errante pelas estradas
 E se por acaso alguém ousar a pergunta
 Por que estão de luto, num mundo bonito?
 Porque Varsóvia judia uma somente havia

In hartzn mit Varshe
 Oif vander un vegn
 Un tomer vet emetzer vagn tzu fregn
 Vos troiert ir idn a velt aza sheine
 A ídiche Varshe is geven nor eine (2x)

Vejo suas ruínas envoltas em fumaça e chamas
 Onde estão os corpos dos judeus sepultados
 Estou à procura de um sinal dos conterrâneos
 A mão dos bandidos os matou todos
 Lembro-me do que você era e o que é hoje
 Levo você, Varsóvia, triturada em minha mente

Ich ze dain churves in roich un flamen
 Vu s'lign di ídiche k'doishim farshotn
 Ich zuch vu a simen fun maine geshtamen
 Di merderishe hant hot zei ale oisgerotn
 Dermon ich zich dos vos geven un gevoren
 Ch'nem mit zich Varshe farkritz in zikorn

Com Varsóvia no coração
 Errante pelas estradas
 E se por acaso alguém ousar a pergunta:
 Por que estão de luto, num mundo bonito?
 Porque Varsóvia judia, uma somente havia.

In hartzn mit Varshe
 Oif vander un vegn
 Un tomer vet emetzer vagn tzu fregn:
 Vos troiert ir idn a velt aza sheine?
 A ídiche Varshe is geven, nor eine (2x)

4.7- A NAIER BAFEL (A REAÇÃO)

Em abril de 1943, os nazistas retiraram os últimos quatrocentos judeus da província de Vilna, de cidades como Svetsian, Osheme, Tal, Vitdz e outras, sob o pretexto de transferi-los para o gueto de Kovno, mas embarcaram-nos de trem para Ponar, um campo de extermínio situado dez quilômetros adiante. Os judeus que perceberam a manobra iniciaram uma brava luta contra os guardas alemães, ferindo e matando muitos deles, porém somente alguns deles conseguiram escapar. A balada que se segue descreve este tragico acontecimento:

Em Vilna surgiu uma nova ordem
Para trazer os judeus das cidadezinhas
Trouxeram todos, de jovens a velhos
Também até doentes acamados
O campo de concentração foi cercado
Começaram então a selecioná-los:
Judeus de Osheme seriam levados para Vilna
E os judeus de Sole, para Kovno.

Arois in Vilne a naier bafel
Tzu brengen di idn fun shteitlech
Gebracht hot men ale
Afile oich kranke oif betlech
Tzenoifgeshpart hot men dem lager
Men hot zei genumen sortirn
Oshemer idn in Vilne tsu blaibn
Un Sole in Kovne tsufirn

Levaram-nos para fora do campo
Jovens e novas vítimas
Levaram-nos todos juntos
Nos mesmos vagões fechados.
O trem se movia vagorosamente
Apitando e tocando sirenes
Estação Ponar, o trem pára
Desligam os vagões.

Aroisgefirt hot men fun lager
Lunge un frische korbones
Aingespart hot men zei alemen glaich
In di zelv farmachte vagonen
Der tsug iz zich langzam geforn
Gefaift un gegeben sirenes
Stantsie Ponar: der tsuk shtelt zich op
Men tsheped dort op di vagonen

Aí perceberam que foram enganados
Estão levando-os para a terrível matança.
Quebraram as portas dos vagões
E procuraram escapar
Lançaram-se sobre a Gestapo

Zei hobn derzen, as men hot zei farfirt
Men firt tsu der shreklecher shrite
Zei hobn tsebrochn di tir fun vagonen
Genumen alein machn pleite
Zei hobn gevorfn zich af der gestapo

E rasgaram seus uniformes.
Alguns alemães mortos
Caíram ao lado dos judeus assassinados
Os guetos da província
Forneceram quatrocentos mártires
E os seus pertences foram levados
De volta, nos mesmos vagões.

Un zei di kleider tserisn
Geblibn zainen lign lebn de idn
Etleche daitshn tsebisn
S'obn di guetos fun der provints
Gegebn fir toisnt korbones,
Un ongefirt hot men di zachan fun zei
Tzurik in di zelve vagonen.

CAPÍTULO 5- CONCLUSÃO

Ao concluir este trabalho espero ter conseguido:

Divulgar as canções populares ídiches permitindo sua compreensão pelas traduções.

Permitir que as canções sejam cantadas na língua original, pelos que não conhecem o ídiche, com auxílio da transliteração.

Facilitar o aprendizado do ídiche, com base na canção, usando a transliteração, uma metodologia de aprendizagem da língua através da música, conforme recomendado por Marvin Zukerman e Marion Herbst na gramática *Learning Yiddish In Easy Stages*.(1993)

Motivar, utilizando a metodologia de análise semiótica das canções, o estudo de partes da História do Povo Judeu, em particular da fase triste do Distrito de Residência na Rússia, o maior gueto judaico da História, que teve uma duração de mais de cem anos.

Fornecer uma proposta de transliteração dos termos ídiches para a língua portuguesa.

Espero que os vários temas abordados nesta dissertação possam dar origem à dissertações de mestrado e teses de doutorado para os pesquisadores que me seguirão.

Se isso acontecer, dar-me-ei por satisfeito.

CAPÍTULO 6 BIBLIOGRAFIA

1. ALTHAUSEN (maestro) *Yidichee Folkslider far piano*. São Paulo: Ed. própria, 1940.
2. AMOTS, Ofer Ben. *Shtetl Songs*. Philadelphia: Kalisti Music Press, 1985.
3. AUSBEL, Natan and Marynn. *A Treasure of Jewish Poetry Crown*. New York: Publishers Inc., 1957.
4. BARROS, Diana Luz Pessoa de Barros. *Teoria Semiótica do Texto*. São Paulo: Ática, 2000.
5. BELARSKY, Sidor. *Song Book*. New York: Ethnic Music Publications Inc., 1970.
6. BRODERSON, Moische. *Oisgeklibene Shriftn*. (poesia, teatro) Buenos Aires: Ateneu Literario do YIWO, 1972.
7. CANTARES para Todos. Buenos Aires: Ateneu Literario do YIWO, 1977.
8. COHEN, Ethel Silberman. (arranjos) *Beloved Yiddish Folksongs*. New York: Tara Publications, Cedarhurst, 1924.
9. CHALIAND, Gérard e RAGEAU, Jean Pierre. *Atlas des Diasporas*. Paris: Éditions Odile Jacob, 1991.
10. CHANUKAH Melodies. New York: Tara Publication (com cassette) (s.d.)
11. DER ARBETER Doir in Amerique. Atheneu Literario do Instituto Científico Yiwo (s.d)
12. DI SHÖENSTE LIEDER der OST JUDEN. Berlim: Yüdischer Verlag, 1920.
13. DUBNOV, Simon. *Historia Universal del Pueblo Judio*. Buenos Aires: Editorial S. Sigal, 1953.
14. EBAN, Abba, *A História do Povo de Israel*. Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A, 1968.
15. ENCICLOPÉDIA JUDAICA CASTELLANA. México: Editorial Enciclopédia Castellana, 1950.
16. ENCICLOPÉDIA JUDAICA. Jerusalém: Keter Publishing House Ltd, 1971. Vol II, V, XI e XIV.
17. ENCICLOPÉDIA JUDAICA. Rio de Janeiro: Editora Tradição, 1967. Vol. III, IV, V.
18. ÊSSE Shirón (canções hebraicas com tradução). Rio de Janeiro: Departamento Cultural da Wizo, 1949.
19. FATER, Isaschar. *Yiddishe Music in Poland between two world wars*. Tel Aviv: Federação Mundial dos Judeus Poloneses, 1970.
20. FEFFER, Itzik e outros. *Oisgeklibene Shriftn*. Buenos Aires: Ateneu Literario do YIWO, 1962.
21. FIORIN, José Luiz. *Elementos de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 1999.
22. FRIDLIN, Jairo. (tradução e transliteração) *Hagadá de Pessach*. São Paulo: Sefer, 1996.
23. GALVIN, Heman and TAMARKIN, Stan. *The Yiddish Dictionary Source Book*. Hoboken, 1986.

24. GEBIRTIG Mordco, *Mordco Gebirtig Singt*. Buenos Aires: Editorial Ikuf, 1963.
25. ----- *Dos Shtetl Brent*. Tel Aviv: Arquivo Morachot, 1967.
26. ----- *Geklibene Lider*. Buenos Aires: Editora Avigdor Zspritzer, Comitê Central dos Judeus Poloneses da Argentina, 1954
27. ----- *Maine Lider*. 4. ed. Tel Aviv: Editora I.L.Peretz, (s.d.).
28. GILBERT, Martin. *Los Judios de la U.R.S.S.* Jerusalém: La Semana Publicaciones Ltda, 1978.
29. GOLDFADEN, Abraham. *O pai do teatro ídiche*. Compilação e edição de Irene Heskes. New York: Tara Publication, 1990.
30. ----- *Teatro, Música*. Buenos Aires: Ateneu Literario do YIWO, 1972.
31. GRANDE ENCICLOPÉDIA Larousse. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1998. Vol. I e XVII
32. GREAT JEWISH CLASSICS. New York: Tara Publication, (s. d.). Vol. 4,5.
33. GUINSBURG, J. (direção). *O Conto Ídiche*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
34. GUINSBURG, J. *As Aventuras de uma Língua Errante*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
35. HACIA NUEVOS RUMBOS en la literatura ídiche. Buenos Aires: Atheneu Literario Iwo, 1984. Vol.100.
36. HARSHAV, Benjamin. *O Significado do Ídiche*. São Paulo: Perspectiva, 1994.
37. HOFMAN, Eva. *Shtetl, The Life and Death of a Small Town and the World of Polish Jews*. New York: Houghton Mifflin Company, 1997.
38. HOWE, Irving e Greemberg, Eliezer. *A Treasury of Yiddish Poetry*. New York: Schocken Books, 1976.
39. JACOBSON, Roman. *Lingüística e Comunicação*. 18ª.Ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.
40. JEWISH NOSTALGIE (arranjo de diversos autores). New Jersey: J.&J. Kammen Music Co.Karlsdadt, 1963.
41. JOHNSON, Paulo, *História dos Judeus*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
42. KACZERGINSKI, *Dos Gezang Fun Vilner Gueto*. Associação dos Vilneanos da França, 1947.
43. ----- *Homenaje a su Memória*. Buenos Aires: Edição Comitê de homenagem, 1955
44. ----- *Songs of The Guettos and Concentration Camps*. New York: Congress for Jewish Culture Inc., 1948.
45. KAMEN FOLIO OF FAMOUS JEWISH SONGS. New York: J & J. Kammen Music Corp, 1953. vol.2.
46. KATZ, Benjamin and KOKOPSTEIN, Bracha. *Unter Yankeles Vigele* (Cradle songs in Yiddish) Tel Aviv: 1976.
47. KIPNIS, M. *Hundert Folkslider*. Buenos Aires: Central Farband fun Poilische Idn in Argentine, 1949.
48. KORN, Itzjack. *El Pogrom de Kishinev*. Buenos Aires: Congresso Judio, Latino Americano, 1972.
49. KOTILANSKY, Chaim. *Folks Gezangen*. Los Angeles: Ikuf, 1944.
50. LEIB, Mani. *Lider un Baladen*. Comitê do Livro Mani Leib. (Tzico)?
51. LEMM, Manfred. *Mordco Gebirtig ÍdicheLieder*. 2.ed. Wuppertal Germany: Edition Künstlertreff, 1994.

52. LERMAN, J. I. e NIBORSKI, Isidoro. *Diccionario Yídiche-Castellano*. Buenos Aires: Instituto Científico Judío-Iwo
53. LOZINSKY, Saádio. *Memórias da Imigração*. Rio de Janeiro: Garamond, 1997.
54. MALET, A, e Isaac, J. *La Época Contemporânea*. Buenos Aires: Libreria Hachette S/A, 1940.
55. MANGER, Itzik. *Noente Geshtaltn*, Canções, prosa e ensaios. Ateneu Literario en el Ywo Benos Aires, 1938.
56. MANGER, Itzik. *Poesia, Prosa, Ensaíos*. Buenos Aires: Atheneu Literario en el IWO, 1970.
57. MARGULIES, Marcos. *Os Judeus na História da Rússia*. Rio de Janeiro: Bloch, 1971.
58. Mir Zingen Lider. Poilisher Hartzer Farband, (s. d.)
59. MLOTEK, Chane and GOTTLIEB, Malke (compilação). *Yontevdike Teg*. New York: The Workman's Circle, 1985.
60. MLOTEK, Eleanor Gordon and Joseph (compilação) *Pearls of Yídiche Songs* New York: Workman's Circle, Education Department, 1988.
61. -----*Songs of Generations*. New York: Workman's Circle, 1998.
62. MLOTEK, Eleanor Gordon –*Mir trogn a gezang* New York: Workman's Circle, Education Department, 1987.
63. PASTERNAK, Velvel. *The International Jewish Songbook*. New York: Tara Publications-Cedarhurst, 1994. (com CD)
64. PIPE, Shmuel Zanvel. *Yiddish Folksongs of Galicia*. – Dov Noy, The folklorization of David Edelstat's song:” Der Arbeter”.
65. PRIZAMENT, Shlomo. *Los Cantores de Brodi*. Buenos Aires: União Central Israelita Polaca da Argentina, 1960.
66. RAISEN, Abraham. *Poesia, Prosa e Recordações*. Buenos Aires: Ateneu Literario do YIWO, 1966.
67. RODRIGUES, Antônio Medina. *Cântico dos Cânticos de Salomão*. São Paulo: Labortexto Editorial, 2000.
68. ROSKIES, Diane and David. *The Shteitl Book* U.S.A.: Ktav Publishing, Inc., 1979.
69. ROZENSKI, Samuel. (organização). *Poesia, Prosa e Recordação*. Buenos Aires: Ateneu Literario do IWO, 1969.
70. RUBIN, Ruth. *Voices of a People*, The Story of Yiddish Folksongs. Philadelphia: The Jewish Publication Society, 1990.
71. SAPOZNIK, Henry *The Complet Klesmer*. New York: Tara Publication, 1987.
72. SASSON, H. H. Ben. (direção) *Historia del Pueblo Judío*. Madrid: Aliança Editorial, 1991. (vol I, II, III).
73. SCHALMAN, Lázaro. *El Judaísmo em Rusia*. Buenos Aires: Biblioteca Popular Judia, 1970.
74. SHERBOK, Dan Cohn. *Atlas of Jewish History*. London and New York: Routledge, 1996.
75. SKARBNIK, Henryk *Seleção de Músicas Israelitas*. Rio de Janeiro: Ed. Arthur Napoleão (s.d.)
76. TENOVSKY, Simon. *Bodas de plata con la música*. Buenos Aires, 1958.
77. THE JEWS CENTER SONGSTER. New York: National Jews Welfare

- Board, 1949.
78. THE NEW STANDART JEWISH ENCICLOPÉDIA, Cecil Roth and Geoffrey Wigoder. (editores)- Massa Press- Jerusalem, 1975.
 79. TURKOW, Itzhak. *Abraham Goldfaden*. Buenos Aires: Biblioteca Popular Judia, 1970
 80. UNZER GEZANG. Varsóvia: Central Komitet Fun Idn in Poiln, 1947.
 81. VAINER, Leon. *Gezangen fun gerangl un oifkum*. Buenos Aires: Edição Poalei Tzion-Histadrut, 1962.
 82. WARSHAVSKY, Mark. *Canções Populares Judaicas*. Buenos Aires: Atheneu Literario do Iwo, 1965.
 83. WEINREICH, Uriel. *Modern English-Yiddish, Yiddish-English Dictionary*. New York: Yivo Institute for Jewish Research, 1990.
 84. WEINRYB, Bernard. *The Jews of Poland*. Philadelphia: The Jewish Publication Society of America, 1976.
 85. YERUSHALMI, Yosef Hayim. *História Judaica e Memória Judaica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
 86. YIDDISH SONGS FAVORITES. New York: Amsco Publications, 1994.
 87. ZIM, Sol. *Joy of Jewish Memories*. New York: Tara Publication, 1984.
 88. ZING MIT MIR. New York: Workman's Circle, 1945.
 89. ZUCKERMAN, Marvin and HERBST, Marion. *Learning Yiddish in Easy Stages*. California: Pangloss Press, 1993.
 90. PALATNIK, Rosa. *Dois dos Justos*. Rio de Janeiro: edição própria, 1975

Créditos

A capa e as ilustrações de canções desta dissertação, figuras: 10, 11, 12, 14, 15, e 17. constam do album de autoria do Sr. Kalmen Fulgar. Ele nasceu em Czernowicz, no ano de 1913. Nesta cidade ocorreram fatos importantes da história judaica: a Conferência de Czernowicz, em 1903, em que se definiu o ídiche como língua nacional do povo judeu e onde nasceram os escritores Itzik Manger e Eliezer Steinberg.

O trabalho do Sr. Kalmen foi feito em homenagem ao seu irmão Faivish Shuster Fulgar, que morreu vítima do stalinismo e que foi um expoente da literatura judaica de sua época. Kalmen também participou de diversas atividades culturais como seminários de literatura e grupos dramáticos, entre outros.

Na época da Segunda Guerra Mundial esteve internado em campo de trabalhos forçados. Depois de libertado, foi para Israel, em 1959, onde estudou pintura e, quando se formou, em 1978, começou a trabalhar nessa área. Seu objetivo foi fazer ilustrações de personagens e fatos da literatura judaica. O álbum foi editado em 21 de fevereiro de 1999, em Tel Aviv e a cópia consultada foi trazida de Israel pela professora Hadasa Cytrynovicz.

São do livro: *Atlas des Diasporas*, de autoria de Jean Chaliand Gérard e Pierre Rageau, os seguintes mapas:

Figura 1- Eixo de dispersão dos judeus no Império Romano

Figura 2- Comunidades judaicas entre o Islã e Bizâncio

Figura 3- As expulsões e a grande migração de judeus para o Leste Europeu

São do livro: *Los Judios de la U.R.R.S, Su história em mapas y fotografias*, de Martim Gilbert os seguintes mapas:

Figura 4- A fuga dos judeus para o Leste Europeu entre os anos 1000 e 1600

Figura 5- As partições da Polônia e o Distrito de Residência

Figura 6- Os judeus na Rússia (1545-1835)

Figura 7- *Pogroms* e as perseguições na Rússia

Figura 20- Aniquilação dos judeus pelos nazistas (1939-1945)

As fotos dos *shteitlach* são do livro: *The Shteitl Book*, de Diane K Roskies and David G. Roskies.

Figura 9- Um sapateiro judeu na cidade de Falenitz, perto de Varsóvia.

Figura 13- Um *cheider* em Dlugeshedle

Figura 16- Um alfaiate judeu

Figura 18- Cartão postal : Jovem fumando, outro tocando *shofar*.

Figura 19- Rua principal de Tshechenove

Todos os autores citados constam da bibliografia.

Figura 8- O gráfico e o quadro comparativo, são de autoria de Renato Keila.

GLOSSÁRIO

Bund nome do partido judaico social democrata que atuou no passado na Rússia, Polônia e Lituânia e posteriormente nos Estados Unidos e outros países. Propugnou em seu auge por uma autonomia judaica cultural na diáspora e opôs-se ao movimento sionista.

Guemorá coletânea de leis e preceitos orais formando a primeira parte do Talmude, que consiste na compilação de leis judaicas desde IV A.C. até IV D.C.

Hagadá de Pessach Livro que orienta a festividade da páscoa judaica.

Marrano judeu que professava abertamente o cristianismo, ocultando, porém, a fidelidade à sua primitiva religião, para evitar perseguições.

Matzá espécie de bolacha feita sem fermento, para lembrar o pão ázimo, fabricado apressadamente e cozido ao sol, durante o êxodo dos judeus do Egito.

Midrash nome abrangente do conjunto de homilias, textos lendários, fábulas e relatos compilados pelos sábios do período talmúdico.

Mishná conjunto da legislação oral assentado na Bíblia, compilado por diversos mestres e concluído por volta do ano 200.

Piyyut forma de poesia litúrgica hebraica criada na Palestina entre os anos 300 e 500.

Rashi apelido de Salomão Itzhaki, erudito rabino francês. Nasceu em Troyes, onde adquiriu grande reputação e onde vivia do cultivo de uma vinha. Os comentários de Rashi serviram de base para a interpretação do Pentateuco por estudiosos posteriores, como Nachmanides e Ibn Ezra.

Seider festividade da páscoa judaica

Selichot tipo especial de *Piyyut*, em que se pede perdão e misericórdia pelo pecados cometidos.

Os dias de jejum eram especialmente dedicados à suplica e à oração e as *shelichot* foram escritas para tais ocasiões. O sofrimento desesperado dos judeus durante a Idade Média é encarado como castigo pela transgressão e o protesto de arrependimento é feito na esperança de que Deus terá misericórdia de seu povo.

O movimento reformista e mesmo alguns grupos ortodoxos tentaram reduzir a quantidade de *piyyutim* de maneira a tornar menos longos os serviços religiosos, e a poupar aos congregados acompanhar a recitação de preces cujo estilo difícil é ininteligível à maioria dos congregados.(Enciclopédia Judaica: Editora Tradição-vol. 3, p.973)

Shteitl- Pequena cidade na Europa Oriental, com grande população Judaica.

Talmude-(*Guemore*) Compilação das Leis Judaicas desde o ano IV A.C. até o ano VI D.C.

Tfilm Filactérios, isto é duas caixinhas de couro preto atadas a tiras também de couro, contendo quatro porções do Pentateuco, escritas em pergaminho.

Torá (*Chumash*) Parte da Bíblia em cinco tomos, que descreve a criação do mundo, até as últimas recomendações de Moisés.

Tosafista (*tosafot* em hebraico, significando “acréscimo”). Eruditos franceses dos séculos XII e XIII que faziam comentários, críticas e modificações ao Talmude, tornando explícito um considerável conjunto de leis.

Início e fim da diáspora judaica

